

**CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE JUIZ DE FORA
GINA MARA RIBEIRO QUINTÃO FRANCISQUINI**

**REGISTROS INTENCIONAIS: DIÁRIOS DE GILBERTO DE ALENCAR,
REVELAÇÕES DE UM PENSADOR.**

Juiz de Fora
2017

GINA MARA RIBEIRO QUINTÃO FRANCISQUINI

**REGISTROS INTENCIONAIS: DIÁRIOS DE GILBERTO DE ALENCAR,
REVELAÇÕES DE UM PENSADOR.**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras ao Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, CES/JF, área de concentração: Literatura Brasileira. Linha de pesquisa: Literatura de Minas: o regional e o universal.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Moema Rodrigues Brandão Mendes.

Juiz de Fora
2017

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca – CES/JF

Francisquini, Gina Mara Ribeiro Quintão

Registros intencionais: diários de Gilberto de Alencar, revelações de um pensador / Gina Mara Ribeiro Quintão Francisquini. -- Juiz de Fora, 2017.

157 f.

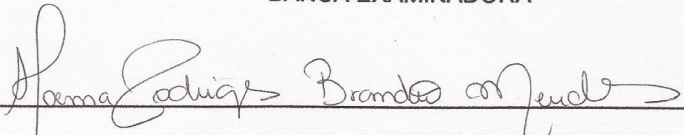
Orientador: Dra. Moema Rodrigues Brandão Mendes.

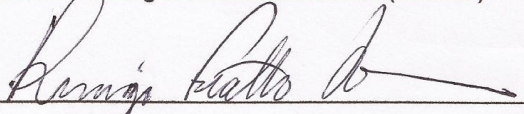
Dissertação – Mestrado em Letras – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (MG).

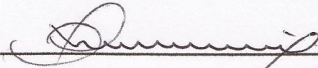
Inclui bibliografia.

FRANCISQUINI, Gina Mara Ribeiro Quintão. **Registros Intencionais:** diários de Gilberto de Alencar, revelações de um pensador. Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras ao Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, CES/JF, área de concentração: Literatura Brasileira. Linha de pesquisa: Literatura de Minas: o regional e o universal, realizada no 1º semestre de 2017.

BANCA EXAMINADORA


Prof.ª Dr.ª Moema Rodrigues Brandão Mendes (CES/JF).


Prof. Dr. Rodrigo Fialho Silva (CES/JF).


Prof. Dr. Anderson Luiz da Silva (EPCAR/MG).

Examinado (a) em: 23 / 06 / 2017.

À memória do escritor Gilberto Napoleão
Augusto de Alencar.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por estar sempre ao meu lado me conduzindo e guiando meus caminhos.

Ao meu bem-querer, Eduardo Francisquini, por me ajudar a realizar esse sonho, incentivando-me e ajudando nos momentos de tribulação.

A minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Moema Rodrigues Brandão Mendes, pelo suporte e apoio na elaboração deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Joaquim Branco, por sempre lembrar da relação indissociável entre Literatura e História, imprescindível aos resultados desta pesquisa.

A Maura Corrêa e Castro, chefe do setor de Biblioteca do Instituto Histórico-Geográfico Brasileiro (IHGB), no Rio de Janeiro, pela colaboração enriquecedora ao fornecer microfimes do acervo deste Instituto.

A Ana Carolina Avilez e Julieta Peixoto, funcionárias da Biblioteca Central da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), em Portugal, pela disponibilização de imagens e informações sobre o Acervo Pedro Veiga.

A Heliane Casarin, documentalista do Setor de Memória da Biblioteca Municipal Murilo Mendes, em Juiz de Fora, por esclarecimentos prestados acerca do trabalho de microfilmagem de exemplares do jornal **O Pharol**.

Ao professor Dr. Anderson Luiz da Silva, por indicação de leitura e por aceitar contribuir na Qualificação desse trabalho.

Aos professores Dr. Rodrigo Fialho Silva e Jeniffer Cristine Azevedo, por indicações de referências teóricas inerentes ao contexto histórico compreendido por esta pesquisa.

Às amigas adquiridas durante o curso, as quais, pelo carinho e singularidade, prazerosamente conservarei.

Ser escravo não é nada.
Amar a escravidão é que é desesperador.
Gilberto de Alencar

RESUMO

FRANCISQUINI, Gina Mara Ribeiro Quintão. **Registros intencionais**: diários de Gilberto de Alencar, revelações de um pensador. 159 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado em Letras). Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

Esta dissertação de Mestrado em Letras, apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto sensu*, do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, (CES/JF), pretende, a partir de três diários (1941) escritos por Gilberto Napoleão Augusto de Alencar (1886-1961), agregar Crítica Genética, Crítica Textual, Memória e Transdisciplinaridade à análise destes manuscritos, objetivando desvendar e analisar a intencionalidade no processo criativo dos mesmos, concomitante a um levantamento biográfico, e elaborar uma edição de fontes deste lote documental. Tais diários estão custodiados pelo Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), sob administração da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) em Minas Gerais. Os diários manuscritos constituem peças do Acervo Alencar, lotados no Fundo do titular, Gilberto de Alencar. O referencial teórico que fundamenta esta pesquisa alia investigação histórica e literária, por meio da conciliação de diversas áreas do conhecimento. Junto a estas ações serão revisitadas as experiências e reflexões vivenciadas e produzidas pelo escritor – narradas no período que compreende maio de 1941 a dezembro do mesmo ano. Serão apontados os caracteres documental e literário que esses diários permitem identificar, observando os aspectos acessório e essencial da narrativa registrados, bem como a influência de atores sociais mencionados por Alencar. Analisou-se, ainda, o aspecto híbrido desses diários, uma vez que possuem relatos pessoais e observações de natureza diversa, com a finalidade de resgatar o processo de gênese no arquivamento de suas memórias.

Palavras-chave: Gilberto de Alencar. Diários. Memória. Literatura. Edição de fontes.

ABSTRACT

This dissertation of Master in Letters, presented to *Stricto sensu* Post Graduation Program, of the Higher Education Center of Juiz de Fora (CES/JF), intends, from three daily logs (1941), written by Gilberto Napoleão Augusto de Alencar (1886-1961), to aggregate Genetic criticism, Textual Criticism, Memories and Transdisciplinarity to analysis of these manuscripts, aiming to unveil and analyze the intentionality in the creative process of the same, concomitant to a biographical survey, and to elaborate an edition of sources of this documentary files. These daily logs are guarded by the Murilo Mendes Art Museum (MAMM), under the administration of the Federal University of Juiz de Fora (UFJF) in Minas Gerais. The manuscript diaries are pieces of the Alencar Collection, which are packed in the holder's Holder, Gilberto de Alencar. The theoretical framework that bases this research associates historical and literary research, through the conciliation of several areas of knowledge. Together with these actions will be revisited the experiences and reflections experienced and produced by the writer - narrated in the period that comprises from May 1941 to December of the same year. It will be pointed out the documentary and literary characters that these diaries allow to identify, observing the accessory and essential aspects of the recorded narrative, as well as the influence of social actors mentioned by Alencar. It is also intended to analyze the hybrid aspect of these daily logs, since they have personal reports and observations of different nature, with the purpose of rescuing the process of genesis in the archiving of their memories.

Keywords: Gilberto de Alencar. Daily. Memory. Literature. Editing fonts.

LISTA DE SIGLAS

ABL	Academia Brasileira de Letras
AHJF	Arquivo Histórico de Juiz de Fora
AIB	Ação Integralista Brasileira
AML	Academia Mineira de Letras
ANL	Aliança Nacional Libertadora
APCBH	Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte
ARENA	Aliança Renovadora Nacional
BN	Biblioteca Nacional
CES/JF	Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora
CPDOC	Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
DASP	Departamento Administrativo do Serviço Público
DEIP	Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda
DIP	Departamento de Imprensa e Propaganda
DPDC	Departamento de Propaganda e Difusão Cultural
FGV	Fundação Getúlio Vargas
FLUP	Faculdade de Letras da Universidade do Porto
IHGB	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
IPASE	Instituto de Previdência e Assistência aos Servidores do Estado
MAMM	Museu de Arte Murilo Mendes
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
Ms.	Manuscrito
Mss.	Manuscritos
OCIAA	<i>Office of the Coordinator of Inter-American Affairs</i>
PRC	Partido Republicano Conservador
PRM	Partido Republicano Mineiro
PRP	Partido Republicano Paulista
PSB	Partido Socialista Brasileiro
PSD	Partido Social Democrático
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
SAPS	Serviço de Alimentação da Previdência Social
SNI	Secretariado Nacional de Informação

SPN	Secretariado da Propaganda Nacional
STF	Supremo Tribunal Federal
TSE	Tribunal Superior Eleitoral
UDN	União Democrática Nacional
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	O PATRIMÔNIO CULTURAL DE GILBERTO DE ALENCAR: herança material aos pesquisadores.....	16
3	GILBERTO DE ALENCAR: o jornalista-literato.....	25
3.1	O OFÍCIO DE JORNALISTA.....	32
3.2	A ENTRADA NA ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS.....	37
3.3	DEPOIS DA ACADEMIA: os anos 1910, 20 e 30.....	40
3.4	ENTRE O SILÊNCIO E A RESISTÊNCIA.....	45
4	DIÁRIOS ALENCARIANOS: manuscritos.....	54
5	UM PENSADOR CASMURRO.....	60
6	EDIÇÃO DE FONTES: metodologia e fundamentos.....	67
7	CONCLUSÃO.....	131
	REFERÊNCIAS.....	134
	ANEXOS.....	151

1 INTRODUÇÃO

[...] artista sóbrio, senhor de seu instrumento e de seu talento.
Cosette de Alencar

A presente dissertação de Mestrado em Letras, apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto sensu*, do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, (CES/JF), expõe os três diários escritos por Gilberto de Alencar (1886-1961), narrados no período que compreende maio a dezembro de 1941. A proposta foi desvendar e analisar a intencionalidade na produção dos mesmos, concomitante a um levantamento biográfico, e, conjuntamente, elaborar uma edição de fontes deste lote documental. Estes documentos se encontram alocados no Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), sob administração da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), em Minas Gerais, constituindo peças do Acervo Alencar, lotados no Fundo Gilberto de Alencar.

Gilberto Napoleão Augusto de Alencar nasceu em Minas Gerais, no arraial de João Gomes, posteriormente chamado Palmira e, atualmente, Santos Dumont, no dia 1º de dezembro de 1886, e faleceu em Juiz de Fora, em fevereiro de 1961. Foi casado com Emília de Alencar, mineira, natural de Queluz, com a qual teve cinco filhos, Heitor, Emília, Cosette, Maria da Conceição e Fernando. Após sua morte, seu acervo pessoal foi transferido para sua filha, a também escritora e jornalista, Cosette de Alencar (1918-1973), que o armazenou até o fim de sua vida. Posteriormente, Marta de Alencar e Sousa, sobrinha de Cosette e neta do Alencar, ficou responsável pela guarda do patrimônio familiar, doando-o ao Museu de Arte Murilo Mendes, em 2007 (MACIEL, 2011; NÓBREGA, 1982; O ULTIMO..., 1955, p.6; ACADEMIA MINEIRA..., 1911c).

As reflexões aqui propostas são resultado do trabalho de exploração da escrita dos diários manuscritos que permitiu identificar testemunhos do autor, que refletem sua época e os conflitos imanentes dela. Os cadernos revelam ainda a atemporalidade das memórias de Alencar. Produzidos de forma voluntária, os manuscritos permitem supor a intencionalidade em sua escrita. Outrossim, tendo em vista o fato de os diários exporem informações de cunho pessoal e de caráter diverso, delineando a trajetória pessoal do escritor, objetivou-se, ainda, analisar a hibridéz de conteúdo.

Foi possível elaborar um levantamento bibliográfico da produção alencariana, disponível para pesquisa e consulta em acervos físicos variados – como o Acervo Alencar, no Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM) e a Seção de Arquivo do Setor de Pesquisa do Memorial da República Presidente Itamar Franco; a Biblioteca Municipal Murilo Mendes, encarregada da guarda e conservação d'**O Pharol** e demais acervos – além dos virtuais; a saber, a Seção de Hemeroteca Digital, da Biblioteca Nacional, e o Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (APCBH). Do mesmo modo, o Fundo Pedro Veiga, da Biblioteca Central da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), em Portugal, e o setor de Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), no Rio de Janeiro, foram consultados no processo de investigação.

Foram explorados, também, jornais, romances, crônicas, poemas, relatórios, revistas, artigos e produções técnicas do autor. Essa exploração resultou na descoberta de informações valiosas sobre a vida de Alencar, revelando novos aspectos biográficos, antes ocultados, expondo também a singularidade das reflexões propostas pelo escritor. Igualmente, obras até então encobertas pelo tempo, foram ressurgindo entre as páginas gastas e envelhecidas d'**O Pharol**, ganhando novamente a cor e o valor que devem possuir. Destas constatações fica evidente que há ainda muito mais a emergir.

Quanto aos aportes teóricos utilizados para a investigação proposta, foram adotados os estudos de Cecília Almeida Salles, Antonio Candido e Laís Guaraldo, para tratar dos suportes e tipo de produção escolhida pelo autor para compilar suas lembranças e reflexões; José D'Assunção Barros, Mônica Velloso, Lúcia Lippi Oliveira e Eni Puccinelli Orlandi para a compreensão do contexto histórico ao qual o autor estava submetido; Philippe Artières e Zina Bellodi sobre o arquivamento de memórias e recuperação de arquivos, respectivamente. Para correlacionar os relatos com a história de Juiz de Fora, autores como José Alberto Pinho Neves, Almir de Oliveira, Dormevilly Nóbrega e Belmiro Braga, foram examinados, assim como periódicos locais.

Por meio da análise dos documentos, observou-se um conjunto de lacunas, dentre elas uma que demandou significativo estudo, a investigação da procedência e o lugar ocupado por Lourival Fontes. O autor nos oferece pistas quando denuncia a influência que aquele exercia sobre a imprensa. Mas por que Lourival reinou nas narrativas redigidas por Alencar? O que levou Gilberto de Alencar a registrar suas

memórias? Por quais motivos o autor opta por priorizar o registro do contexto no qual estava inserido, em detrimento de registrar suas atividades pessoais, como revelam os diários? Quais informações o literato registra nos cadernos e que não foram exploradas por pesquisas desenvolvidas até a presente data?

Além de Lourival Fontes, o escritor menciona Antônio Ferro, o casal Amaral Peixoto, Goés Monteiro, Felinto Müller, Cassiano Ricardo, Lindolpho Gomes, Gilberto Freyre, entre outros, que são elucidados nesta pesquisa. Na investigação e reprodução dos diários optou-se pela conservação da ortografia da época, tendo em vista que a Reforma Ortográfica do período configura um dos assuntos registrados e observados nos manuscritos.

Como em **Prosa Rude** (1926), **Misael e Maria Rita** (1953) e **O Escriba Julião de Azambuja** (1962), apesar de não ficcional, os volumes de **No Reinado de Lourival** (1941) – título dado pelo escritor aos diários – reiteram as características do realismo presentes na produção alencariana. A crítica ao homem; a tentativa de espelhar o mundo em sua obra, instigando no leitor uma reflexão autocrítica; a valorização da justiça e a exposição do que há de mau no ser humano; denuncia a ganância e a ambição. Sua sinceridade desmedida, sem idealismo frente à realidade, assim como a observação, a narração e o retrato do real revelam não apenas a anatomia do caráter do homem, como definiu Eça de Queirós (NICOLA, 1990, p.115), mas a anatomia do caráter de toda uma sociedade.

Suas obras, como assinalou Cosette de Alencar na quarta capa da primeira edição do **Escriba Julião de Azambuja** (1962), são “o retrato fiel da região, da paisagem humana, com valor documentário indiscutível – composto com pinceladas de artista sóbrio, senhor de seu instrumento e de seu talento”. Como se pode observar a partir da seguinte transcrição:

Vinda cada qual do seu bairro, guardando silêncio, em massa confusa e desordenada, as duas hostes, armadas de cacete e pedra, o chefe á frente, cercado pelos guerreiros mais valentes ou mais afamados, desembocavam ao mesmo tempo no largo e chocavam-se por entre gritos e assobios ensurdecedores.

Primeiro, longe ainda um grupo do outro, entravam em acção os fundibularios, cujas pedras tanto fendiam cabeças como estilhaçavam vidraças e telhados, depois vinham os caceteiros desferindo golpes terríveis e por fim pelejava-se o feroz corpo a corpo.

De ambos os lados, combatentes tombavam logo de começo ao chão, feridos na cabeça a pau ou a pedra, e outros, derrubados pelos cambapês, estorciam-se gemendo e suando, sob os joelhos dos adversários victoriosos.

-Viva a Barra!

- Viva a senhora do Ó!

A luta prosseguia, ora surda, ora ruidosa, sem que nenhuma das hostes recuasse e sem que se pudesse prever para que banda se inclinaria a victoria final" (ALENCAR, G., 1953, p.170-1).

Gilberto de Alencar, ao narrar, em **Misael e Maria Rita** (1953), a batalha entre os bairros rivais Barra e Senhora do Ó, que ocorria sempre no largo da Matriz, que seria, segundo o autor, zona divisória e neutra entres eles – “logradouro neutro ou terra de ninguém” (ALENCAR, G., 1953, p.170) – retrata com rigor o contexto no qual estavam inseridos alguns personagens daquele lugar. Esses indivíduos se identificam com o meio em que viviam, são tipos pertencentes a um determinado grupo social, que habitavam as margens daquele lugarejo. Observa-se aqui o determinismo de Taine, o homem como fruto do meio, do temperamento e raça (BOSI, 2006).

Alencar elevou, em sua escrita, o realismo brasileiro. Escreveu com maestria, retratando as “almas simples e não complicadas” (ALENCAR, G., 1926, p.155), e também a ingenuidade e a passividade do homem. Foi visto não apenas como literato, mas como jornalista justo, "uma esperança" para a qual o povo "nos seus momentos de angustia, ... volta o olhar resignado" (BRAGA, 1911, p.2).

A princípio esta pesquisa discorreria sobre o livro **Itália Intrépida**, de autoria do escritor, no qual é relatado o conflito ítalo-etíope ocorrido em 1935, mesmo ano da publicação. Entretanto, após o conhecimento dos diários alencarianos, optou-se por labutar com as memórias neles anotadas pelo escritor, as quais podem ser consideradas “[...] registros de uma vivência, uma ideia, um fato a ser lembrado” (SALLES apud GUARALDO, 2006, p.80).

Definido o *corpus*, a dissertação foi composta pela **INTRODUÇÃO**, seguida da seção **O PATRIMÔNIO CULTURAL DE GILBERTO DE ALENCAR: herança material aos pesquisadores**, na qual é apresentado um levantamento bibliográfico de Alencar e dos acervos físicos e virtuais que guardam parcela de sua produção. Em sequência, a seção **GILBERTO DE ALENCAR: o jornalista-literato**, dividida em quatro subseções assim denominadas: O OFÍCIO DE JORNALISTA, A ENTRADA NA ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS, DEPOIS DA ACADEMIA: os anos 1910, 20 e 30, e, por fim, ENTRE O SILÊNCIO E A RESISTÊNCIA, as quais discorrem sobre informações biográficas, destacando os ofícios de jornalista e literato, correlacionando vida pessoal e profissional e contextualizando parcela de

suas obras, em especial os diários. Em continuidade, a seção **DIÁRIOS ALENCARIANOS: manuscritos** apresenta e descreve os diários de Alencar, conceituando manuscritos e defendendo a hipótese de serem documentos portadores de herança material e imaterial. **UM PENSADOR CASMURRO** trata do arquivamento de memórias e recuperação de arquivos, estabelecendo relações entre as reflexões de Gilberto de Alencar nos diários e outras obras de sua autoria. Seguidamente, a **EDIÇÃO DE FONTES: metodologia e fundamentos** conta com o traslado dos manuscritos e realiza a edição de fontes dos diários, explicando os critérios de sua elaboração. Por fim, foram produzidas a **CONCLUSÃO**, as **REFERÊNCIAS** e a lista de **ANEXOS**.

Enfim, gilbertianamente, Alencar empreendeu verdadeiras denúncias contra as mazelas da sociedade, e, indo além, ultrapassou as fronteiras romanescas, tornando-se atuante jornalista. Fatos que, entre outros, justificam a importância desta pesquisa.

2 PATRIMÔNIO CULTURAL DE GILBERTO DE ALENCAR: herança material aos pesquisadores

Em 13 de abril de 2007¹, Marta de Alencar e Sousa, neta do escritor e jornalista Gilberto Napoleão Augusto de Alencar, cedeu ao Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), sob administração da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), toda a documentação profissional e pessoal do avô e de sua tia, a também escritora e jornalista, Cosette de Alencar. O referido patrimônio, composto por documentos pessoais e profissionais dos escritores, foi segmentado, pelo MAMM, em dois fundos: Fundo Gilberto de Alencar e Fundo Cosette de Alencar².

O Fundo Gilberto de Alencar é constituído pela produção técnica e artística do escritor e pela produção de terceiros sobre a obra alencariana. Nele, localizam-se documentos pessoais, como notas, cartões postais, fotos e bilhetes. Reúne também correspondências particulares, ativas e passivas, entre as quais se registram as familiares e de terceiros, que não se destinavam ao escritor, mas foram organizadas e armazenadas pela família após a morte do mesmo (MACIEL, 2011).

Compõem a produção técnica os relatórios datiloscritos de Gilberto de Alencar, enquanto Diretor de Educação do Município de Juiz de Fora, entre 1940 e 1941, os quais versavam sobre funcionalismo público e administração escolar. Também os relatórios datados de 1942, quando exerceu a função de Chefe do Serviço de Educação e Saúde, abordando, além dos temas anteriores, a questão da vacinação contra a varíola e da medicação contra verminoses na rede municipal de ensino. Além destes, foram localizados relatórios do período de 1943 a 1948 – à exceção de 1945 – quando ocupava a função de Chefe de Serviço de Educação, sobre a situação do ensino público juiz-forano.

Integra ainda a produção técnica do autor um contrato³ manuscrito, redigido em uma folha pautada, frente e verso, que se encontra amarelada pela ação do tempo, com selo simples, no qual se lê **Thesouro Nacional** na parte superior e **Brasil** na inferior, registrado em cartório com data de 03 de julho de 1920, firmado entre Gilberto de Alencar, Godofredo Braga e Apollinario Carvalho, em Juiz de Fora,

¹ Informação captada em março de 2016, por meio do Formulário de Identificação Documental disponibilizado pelo Setor de Biblioteca e Informação do MAMM.

² Formulário de Identificação Documental disponível no Setor de Biblioteca e Informação do MAMM.

celebrando a fundação e manutenção do jornal vespertino **A Batalha**, “órgão político e independente” (CONTRATO, 1920, p.1), segundo seus idealizadores. O literato ocuparia a função de direção, redação e gerência do periódico. Foi localizado também, em seu acervo, o esboço de *layout* de um jornal, sem identificação de título, datado de 05 de janeiro de 1933, que provavelmente seria o primeiro do número do ano I, para o qual Alencar ocuparia a direção, descrito como um “Hebdomadário livre. Política. Letras. Arte. Crítica” (ALENCAR, G., 1933, p.1).

Além deste, foram localizados datiloscritos⁴ originais inéditos⁵ direcionados à **PRI-3 Rádio Inconfidência de Minas Geraes**, datados de março a abril de 1940. A Rádio, fundada na cidade de Belo Horizonte, em 03 de setembro de 1936, pelo Governo do Estado de Minas Gerais – sob o *slogan* “A voz de Minas para toda a América” (ALENCAR, G., 1940, p.1) –, foi gerada com o intuito de interligar as informações entre a capital e o interior mineiro, servindo também como veículo de propaganda e informação do governo. De programação diversificada, transmitia conteúdos informativos, educativos, esportivos, culturais e literários em uma sociedade, sobretudo, agrícola (GUIMARÃES, R., 2014).

O rádio firmava-se como um dos mais importantes veículos de comunicação. A popularização do aparelho alcançava camadas da população que não tinham acesso à imprensa escrita. O número de ouvintes aumentava e a grade de programação modificava-se para atender aos diferentes gostos. A introdução do radioteatro e das novelas na grade de programação é um bom exemplo dessa diversificação (GUIMARÃES, R., 2014, p.33).

Supõe-se que o literato contribuía para esta emissora do mesmo modo que destacados intelectuais mineiros, conforme descreve Rosângela de Mendonça Guimarães:

A elite intelectual mineira concebia, em grande parte, a programação da rádio. Alphonsus de Guimaraens Filho, João Alphonsus, Luiz de Bessa, Karl Weissmann, Aires da Mata Machado Filho, Moacyr de Andrade, Jorge Azevedo, Eduardo Frieiro – entre tantos e tantos outros nomes –

³ **CONTRATO PARA FUNDAÇÃO E MANUTENÇÃO DO JORNAL VESPERTINO A BATALHA.** Juiz de Fora, 03 jul.1920, 2p. Custodiado pelo MAMM, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, consultado em 12 de maio de 2016, em Juiz de Fora.

⁴ Datiloscritos datados de 05 de março de 1940, remessa nº 18A; 26 de março de 1940, remessa nº 20A; e de 16 de abril de 1940, remessa nº 23A. Custodiados pelo Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, consultado em 12 de maio de 2016, em Juiz de Fora.

⁵ Informação retirada dos documentos datiloscritos sobre a Rádio Inconfidência, datados de 1940, armazenados no Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, no MAMM/UFJF. Cf.: PRI-3 RÁDIO INCONFIDÊNCIA DE MINAS GERAES, 1940.

divulgavam e difundiam o conhecimento por meio de informações literárias e históricas, que se tornavam acessíveis a grande parte da população, a quem a imprensa não alcançava (GUIMARÃES, R., 2014, p.32).

Gilberto de Alencar atuava também como tradutor. Entre suas traduções⁶ encontram-se as obras, **Adorável Marquesa** (1958), de André Lambert, **Maria Stuart** (1958), de Jean Plaidy, **A Divina Cleópatra** (1960), de Michel Peyramaure, todas publicadas pela Editora Itatiaia, como volumes integrantes da coleção **As grandes mulheres da história**. Além destas, traduziu, segundo Dormevilly Nóbrega (1982), **Cenas da Vida Boêmia**, de Henry Murger⁷, cujos dados de publicação, manuscritos, datiloscritos ou impressos não foram localizados pela pesquisadora em seu acervo, no Museu de Arte Murilo Mendes.

Quanto à produção intelectual do autor, o Fundo Gilberto de Alencar dispõe de volumosa hemeroteca, na qual são arquivados artigos, crônicas, colunas e críticas produzidas pelo literato e publicadas em diversos periódicos, a citar entre outros, **O Pharol**, **Minas Geraes** e **Diário Mercantil**. Além da hemeroteca custodiada pelo MAMM, parcela deste acervo alencariano encontra-se alocada em outros arquivos públicos, responsáveis pela organização de periódicos nos quais Gilberto de Alencar publicou – como o Arquivo Histórico de Juiz de Fora (AHJF), responsável por organizar, entre outros, o **Diário Mercantil**, e a Biblioteca Municipal Murilo Mendes, encarregada pela guarda e conservação⁸ dos impressos de **O Pharol** e demais acervos, estando esses equipamentos públicos sob a administração da Prefeitura Municipal de Juiz de Fora. Alguns desses acervos abrigam exemplares de publicações raras que nem mesmo o Fundo Gilberto de Alencar, no Museu de Arte Murilo Mendes, possui equivalentes.

Foram localizadas informações e publicações do literato também na seção de Arquivo, do Setor de Pesquisa, do Memorial da República Presidente Itamar Franco,

⁶ NÓBREGA, Dormevilly (Coord.). **Prosadores**: coletânea volume I. Juiz de Fora. Juiz de Fora: Funalfa, v.I, 1982, p. 28-29.

⁷ O nome deste autor foi grafado como **Henry Morget** por Dormevilly Nóbrega, em **Prosadores**, obra na qual este se refere, entre outras, às produções alencarianas. Optou-se pela correção do nome.

⁸ Segundo Heliane Casarin, documentalista do Setor de Memória da Biblioteca Municipal Murilo Mendes, em Juiz de Fora, os exemplares de **O Pharol**, disponíveis no acervo desta Biblioteca, começaram a ser microfilmados em 1988, por intermédio desta mesma funcionária, que os deslocava até a Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, para que esta instituição realizasse este processo, disponibilizando-os, posteriormente, através do *site* da Hemeroteca Digital. Retificando trabalhos anteriores que tratam a respeito deste assunto, apesar de a Biblioteca Municipal Murilo Mendes não possuir todos os exemplares disponibilizados pela Hemeroteca Digital – que complementou seu conteúdo virtual em parceria com o Arquivo Público Mineiro, também detentor de exemplares

administrado pela UFJF, em Juiz de Fora, incumbido pela organização da **Gazeta Comercial** e demais arquivos referentes à História do Brasil Republicano. Igualmente, o Acervo Dormevilly Nóbrega, no MAMM, dispõe de um exemplar de cada uma das raras publicações **Italia Intrepida**: o orgulho britânico deante da resistência latina, com 72 páginas, impressa pela gráfica Companhia Dias Cardoso, na mesma cidade, em 1935, e **Névoas ao Vento**, obra constituída por 331 páginas e impressa em Juiz de Fora, pela Typographia Comercial em 1914. Foi localizado também um exemplar desta última na Biblioteca Central da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), em Portugal, no Fundo Pedro Veiga⁹, composto por 70 mil volumes, dentre os quais se observam exemplares raríssimos (BASTO, 2016). A capa desse volume consta no ANEXO A desta pesquisa. É de grande relevância ressaltar a dedicatória endereçada ao titular do fundo, presente no referido exemplar, transcrita adiante e ilustrada também no ANEXO B. As informações relativas ao Fundo Pedro Veiga podem ser observadas no ANEXO C.

Ao ilustre escriptor portuguez
com muita admiração e sympathia,
Gilberto de Alencar.
Juiz de Fóra (Minas)
30/04/14 (ANEXO C).

Do mesmo modo, o setor de Biblioteca do Instituto Histórico-Geográfico Brasileiro (IHGB), no Rio de Janeiro, é detentor de um exemplar do plaquete **Imprensa Mineira**: ligeira noticia sobre o estado actual do jornalismo de Minas Geraes, composto por 46 páginas, impresso pela Typographia Brazil, em Juiz de Fora, no ano de 1908, cujos microfilmes foram disponibilizados pela chefe da Biblioteca, Maura Corrêa e Castro, para o enriquecimento desta pesquisa, conforme ANEXO D. Assim como **Névoas ao Vento**, o exemplar deste pequeno livro possui uma dedicatória do próprio autor, no mesmo ano de publicação, ao Conde de Affonso Celso, então membro do IHGB – sendo eleito presidente perpétuo desta

impressos do jornal – é possuidora da maior parcela dos exemplares que deram origem ao acervo digital.

⁹ Pedro Veiga foi escritor, tendo atuado como jurista na cidade do Porto; sua bibliografia é composta por 82 volumes. A biblioteca particular do respectivo escritor foi doada no início dos anos 1970 pelo mesmo, e integra, atualmente, as coleções da Biblioteca Central da FLUP, em Portugal. Dotada de exemplares raros e de caráter diversificado, possui um exemplar de **Névoas ao Vento**, de Gilberto de Alencar, com dedicatória ao titular do fundo. Veiga ficou conhecido por se opor ao regime ditatorial de Antônio de Oliveira Salazar (1889-1970), ao qual Alencar também se opunha. Adotou o pseudônimo Petrus para escrever sobre o literato português Fernando Pessoa (MORAIS, 2014).

instituição entre 1912 e 1938 – e membro-fundador da Academia Brasileira de Letras¹⁰, na qual se lê a transcrição abaixo e ilustração no ANEXO E:

Ao eminente confrade
Conde de Affonso Celso,
Gilberto de Alencar
Queluz
19 set. 908 (ANEXO E).

Além destes acervos, encontram-se ainda, na seção de Hemeroteca Digital no *site* da Biblioteca Nacional (BN) – responsável por digitalizar periódicos de diversas épocas –, exemplares microfilmados de **O Pharol**, enquanto o Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (APCBH) detém exemplares digitalizados da **Revista Alterosa**, disponíveis na *internet*¹¹. As publicações ilustradas a seguir foram extraídas do acervo de **O Pharol**, na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (BN), e do Fundo Alencar, no Museu de Arte Murilo Mendes, respectivamente, e ilustram a diversidade de temas e a forma como Alencar trabalhava suas publicações jornalísticas, tanto literárias, como as crônicas, quanto informativas:

PRAXEDES E O BOATO¹²

Pouco antes do meio-dia, hontem, estavamos eu e o Praxedes em frente á casa Santos, Carvalho & Comp., á rua Halfeld, esquina do boulevard. Um sujeito que passava, disse-nos que o rapido ascendente estava atrazado uma hora e tanto.
– Porque será? indaguei.
– Sei lá! fez o Praxedes. Qualquer coisa...
E logo depois:
– Você quer ver, ao vivo, o que é o boato? Olhe, eu vou dar curso a um. Pequenino, rachitico, enfezado. Mas você ha de ver como elle cresce. Ia passando outro sujeito. Praxedes chamou-o e disse-lhe:
– Não sabe? Ainda não sabe? Pois a coisa estourou lá embaixo! O rapido está atrazado tres horas.
O sujeito ouviu, espantado, e desceu a rua Halfeld.
– Agora, disse-me o Praxedes, nós vamos até á estação da Central. Mas vamos pela rua da Imperatriz. Na volta você ha de ver!
Dito e feito.

¹⁰ **AFONSO CELSO**: biografia [extraído do *site* da Academia Brasileira de Letras]. [20--?]. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/afonso-celso/biografia>> Acesso em: 26 jul.2016.

¹¹ PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. **Arquivo Público oferece Revista Alterosa on-line** [notícia em *site*]. Belo Horizonte, publicado em 05 dez. 2011, às 12h00. Não paginado. Disponível em:

<<http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/noticia.do?evento=portlet&pAc=not&idConteudo=53136&pldPlc=&app>> Acesso em: 09 set. 2016. Conferir também: **REVISTA Alterosa**. Belo Horizonte: Sociedade Editora Alterosa Ltda, 1939-1964. Disponível em:
<http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pldPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=arquivopublico&lang=pt_BR&pg=6742&tax=26801> Acessado em 07 abr.2016

¹² ALENCAR, G. Praxedes e o boato. **O Pharol**, Juiz de Fora, ano LVII, n. 50, 06 jul.1922c, p.01.

Descemos a rua da Imperatriz, fomos até á estação, palestrando, e dahi a quinze minutos subiamos a rua Halfeld.

Logo ali pela altura da agencia do Banco do Brazil, fomos chamados:

– Psiu! Psiu!

Era um amigo que exclamava:

– Então, hein? Arrebentou a revolução no Rio! Houve o diabo!

– Já sabemos, já sabemos...

E o Praxedes arrastou-me, rua acima.

Em frente aos Graphos, outro amigo informou, solícito:

– Sublevou-se, no Rio, um regimento. A coisa está preta!

E outro, mais adeante:

– Ha quatro regimentos revoltados lá embaixo! O rapido do Rio foi suspenso! Ha censura nos telégrafos! Que horror!

Entre o *Jornal do Commercio* e a Confeitaria Fluminense, havia gente parada, aos grupos, gesticulando e falando alto.

– Já bombardearam!

– Ainda não. A Marinha está indecisa!

– Em Nictheroy tambem houve o diabo!

– Que vergonha! E o Centenário?

Subimos.

O Praxedes arrastava-me.

Mais dois minutos e estávamos, outra vez, na esquina da casa Santos, Carvalho & Comp.

E eis senão quando aquelle mesmo sujeito, ao qual um quarto de hora antes o Praxedes, naquelle mesmo local, havia dito, por pilheria, que a coisa tinha estourado lá embaixo, chamou-o afogueado, para dizer-lhe, com voz tremula:

– Hein? Que revolução! O Cattete está cercado pelas tropas! O presidente vae ser aprisionado!

E afastou-se, apressado.

O Praxedes, pae do boato, orgulhoso com os progressos do filho, que se fizera gigante em quinze minutos, de enfezado e rachitico que nascera, voltou-se sorrindo para mim:

– Eu não disse a você?

E eu puz-me a pensar em como deve o boato ser nos grandes centros – se aqui elle já é assim... (ALENCAR, G., 1922c, p.01).

A condição essencial¹³

De tempos em tempos costuma-se falar, nos jornaes, nas vantagens de se tornar conhecida no estrangeiro a nossa literatura.

E para isso architectam-se projectos, delineiam-se planos, organizam-se programas.

Mas tudo não passa de palavras inuteis, de palavras que se perdem, sem que dellas chegue a ficar qualquer cousa de aproveitavel.

E justo é que assim seja.

Para que tratar de tornar conhecida no estrangeiro a nossa literatura, se ella não é ainda conhecida dentro de nossas proprias fronteiras?

Não temos um mercado interno para os nossos livros.

Nunca o tivemos.

Os livros nacionaes, de tiragem limitadissima, que só muito raramente excede de exemplares, apenas se vendem (quando são vendidos) nas grandes cidades.

O interior não os vê, não tem notícia deles.

Para isso concorrem causas diversas, como o analphabetismo, a difficuldade de communicações, a falta de livrarias nas pequenas cidades, a ausencia de casas editoras que se encarreguem da difusão das obras publicadas e ainda outras circunstancias.

¹³ ALENCAR, G. A condição essencial. **Minas Geraes**, Minas, 22 jan.1930c, p.4. Disponível no Fundo Gilberto de Alencar do Acervo Alencar, acondicionado no MAMM/UFJF.

Se os autores brasileiros não têm ainda uma clientela dentro do paiz ___ como querer que elles se tornem conhecidos na Europa?

Parece que o mais razoavel e sobretudo o mais urgente é trabalharmos para que os livros nacionaes sejam procurados primeiramente aqui no Brasil.

O resto virá depois, se tiver de vir.

E não nos assustemos com a possibilidade de alguma obra prima ficar por aqui ignorada, sem poder transpôr as fronteiras patrias...

Isso não se dará.

Appareça essa obra prima, e nenhuma força humana poderá evitar que ella irradie. O ponto está em que seja realmente prima.

Essa, sim, é que é a condição essencial (ALENCAR, G., 1930c, p.4).

Um amigo assustado...¹⁴

Certo amigo meu que ha cerca de dois mezes seguiu para a Allemanha, a passeio, escreve-me longa carta narrando-me certo episodios da travessia.

Uma cousa profundamente o entristeceu e indignou: a exhibição, no cinema de bordo, de um "film" sobre o Brasil, tirado, ao que parece, com o fim exclusivo de achincalhar-nos e diminuir-nos lá fóra.

Assim é que, nesse film, se podem ver caçadas de onças e cobras dentro das ruas de nossas cidades do interior; automoveis atolados em estrada de rodagem e puxados por juntas de bois; locomotivas tombadas em certos trechos de estradas de ferro; passageiros de trens descarrilados a carregarem malas e creanças debaixo de chuvaradas tremendas; e outros aspectos semelhantes.

Meu amigo, que agora lá se acha pela Allemanha, ficou furioso ao ver taes coisas a bordo.

E pede-me que as conte ao publico.

Para que?

Creio bem que não vale a pena.

Não sou dos que se mostram zangados ou indignados deante de taes zombarias ou ataques á nossa terra.

Quem póde lá impedir taes coisas? Quem póde tapar a bocca aos calumniadores ou evitar a "graça" de certos "engraçados"?

É claro que ninguem.

Mal ao Brasil é que semelhantes bobagens não fazem – nem poderão jámais fazer.

Não precisamos de propagandas, nem tão pouco de elogios.

Já somos conhecidos de sobra.

Não ha quem ignore as nossas riquezas, as nossas "possibilidades", o futuro formidavel que nos aguarda, haja o que houver.

E a prova disso, a prova irrefutavel, é que diariamente estão desembarcando estrangeiros nos portos do Brasil, em busca da felicidade e da fortuna, de que é tão prodiga a nossa terra.

Somos ruins? Somos atrasados? Somos isto? Somo aquillo?

Olhem lá que não parece...

Pelo menos as estatisticas dos desembarques não dão absolutamente a perceber tal coisa. E os senhores todos sabem que as estatisticas não fazem poesia, nem são romanticas. Algarismo é algarismo... (ALENCAR, G., 1930b, p.01).

Em **Praxedes e o boato**, Alencar desenvolve, além de uma crítica à capacidade de difusão de um boato, o registro de um fato histórico – a revolta de regimentos no Rio de Janeiro, ocorrido em 1922, com repercussão nacional, e que

¹⁴ ALENCAR, G. Um amigo assustado... **Diário Mercantil**, Juiz de Fora, ano XIX, nº 5710, 12 maio 1930b, p.01. Disponível no Arquivo Histórico de Juiz de Fora.

mais tarde culminaria no episódio conhecido a Revolta dos 18 do Forte de Copacabana. **A condição essencial** trata sobre tornar conhecida a literatura brasileira dentro do próprio país, discorrendo acerca das dificuldades enfrentadas para se alcançar tal empreendimento. Igualmente, em **Um amigo assustado...** fala sobre a visão de um filme alemão sobre o Brasil, reforçando o direito à liberdade de expressão, mesmo que não concorde com o que foi dito, e reafirma a sua visão sobre o país realçando determinadas qualidades. Estes artigos exemplificam a diversidade de temas e a forma como Alencar trabalhava suas publicações jornalísticas e literárias, com o intuito de levar informações ao público leitor.

É valoroso assinalar que há na hemeroteca do Fundo Alencar, sob a custódia do MAMM, embora não devidamente catalogados, recortes da publicação **Costumes Sertanejos**. Segundo informação de **O Pharol**, de 03 de junho de 1911, a “série de crônicas sobre usos roceiros”, que pode ser considerada a primeira obra publicada do autor, data de 1906 – quando possuía apenas 20 anos de idade – e foi veiculada no jornal **Propaganda** de Itapeçerica, Minas Gerais (ACADEMIA MINEIRA..., 1911c, p.2). Deste periódico não foram encontradas informações, a não ser uma crítica do próprio escritor, registrada dois anos após a publicação, em **Imprensa Mineira**, transcrita abaixo:

A Propaganda, do deputado Godofredo, não passa, actualmente, de uma arma política do seu dono. Mal redigida, pois, que o sr. Lamounier é um atrasadão. A Propaganda faz pendant com a maioria dos jornaes de certos chefetes politicos de aldeia: elogio aos amigos e compadres, tricas e intrigas, e, sobretudo, falta de grammatica. Ajuda a redigil-a, no entanto, um professor estadual, aliás, contra o que dispõe o regulamento do ensino publico (ALENCAR, G., 1908, p.29).

A biblioteca pertencente ao Acervo Alencar, alocado no MAMM, possui aproximadamente 3.000 volumes, reunindo exemplares dos Fundos Gilberto de Alencar e Cosette de Alencar, entre os quais se destaca grande número de obras em língua francesa. Não é possível realizar empréstimos deste acervo. A reprodução parcial ou integral das coleções que o compõem é dificultada pela administração do Museu que, por sua vez, não disponibiliza conteúdos digitais de seus acervos, em discordância com outras instituições, como a Biblioteca Nacional e a Fundação Getúlio Vargas, que viabilizam consultas virtuais através da Hemeroteca e Acervo Digital e do *site* do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), respectivamente.

Este acervo dispõe, também, de manuscritos de algumas obras já publicadas: **Reconquista**, constituída por duas versões manuscritas: a primeira contendo 433 páginas, datada de 1945, a segunda, um manuscrito (Ms.) composto por 7 cadernos, datado de 1949, e a terceira versão é um datiloscrito, formado por 279 páginas, datado de 1945; **O escriba Julião de Azambuja**, apresenta duas versões, sendo uma, manuscrita, composta por 242 páginas, datada de 1952, e outra, um datiloscrito, que possui 97 páginas, com data de 1957. Sobre o romance **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**, foram localizadas duas versões, uma datada de 1946, com 453 páginas, e um datiloscrito, contendo 320 páginas, elaborado entre 1945/1946. **Cidade do sonho e da melancolia**, um manuscrito, com 154 páginas, de 1926 e um impresso de 1971, 2ª edição, com 97 páginas.

No acervo foram localizados também manuscritos de duas obras inéditas – **O retrato da sala de visitas**, de 52 páginas, datados de 1945, e **O crime da rua do sapo**, contendo 41 páginas, datados de 1947. Além destes, foram localizados ainda outros manuscritos: **O que se lucrou [19--]**, sem data, com 20 páginas, falando sobre a função política e criticando o político desprovido de patriotismo e honestidade; e **Decadencia [19--]**, 04 páginas, crônica com as impressões de um personagem que retorna a uma cidade, não denominada, com expectativas de melhorias que não encontra. Finalmente, os três diários, os quais Gilberto de Alencar utilizou como suporte material para a escrita de suas memórias, eleitos objeto de estudo desta dissertação.

3 GILBERTO DE ALENCAR: O JORNALISTA- LITERATO

O Genio
(ao meu filho Gilberto de Alencar)

Em magestoso surto, em fulva
[esteira,
Fende os ares do Genio a águia
[brilhante.
No espaço abrindo um traço
[flammejante,
Em triumphal e celere carreira!

E sobre, na derrota alviçareira,
Aos acordes da tuba retumbante
Da Fama, cuja voz sacode, ovante,
Das estrellas a esplendida poeira!...

E, aqui em baixo, enquanto a negra
[Inveja
Escabujando, rabida esbraveja
Em calumnias e injurias vis e rudes,

Alheio a tudo, o Genio alipotente
Ergue-se mais e mais...
[serenamente...
E além se perde nas excelsitudes!

Dr. Fernando de Alencar

Importa salientar o papel de jornalista exercido por Gilberto de Alencar, pois este aspecto do autor se confunde com o do literato, igualmente, o literato se confunde com o jornalista. Esta ligação indissolúvel está evidente em seus romances e textos jornalísticos, como mostram os seguintes trechos:

Uma vocação...

O sonho dourado de Presciliano, de José Presciliano dos Santos, eraser jornalista.

[...] Dir-se-ia que o rapaz não viera ao mundo para outra coisa. Nascera, innegavelmente, para ter um periodico e redigil-o. E tal vocação tornava-se tanto mais curiosa, quanto se sabia que a José Presciliano – que era aliás moço <<bem apparecido>> e de excellente figura, com uma excelente maneira de vestir-se e de dar o laço á gravata, faltavam, por completo, as qualidades necessarias ao jornalista, as qualidades essenciaes: um pouco de intelligência e uma vaga cultura de espirito.

[...] Onde diabo, assim baldo de talento e baldo mesmo de apoucado saber, teria ido Presciliano buscar o desejo ardente de ser jornalista, de se fazer o dono e o redactor de um periodico?

Não o sei.

Sei, apenas, que elle realizou o sonho querido.

Teve uma typographia e teve um jornal, um jornal dele” (ALENCAR, G., 1926, p.55-6).

Escolas impossíveis

Não faz muito tempo, pretendeu-se fundar, no Rio de Janeiro, uma escola de jornalismo – idéia extravagante, que felizmente não chegou a ter execução.

O jornalismo, sendo uma arte, é coisa que não se ensina.

É coisa que se aprende...

Que se aprende, quando para a imprensa se tem vocação.

Não se pôde ensinar a ninguém a fazer um romance, um poema, uma obra prima de pintura ou de escultura, uma opera. E isso simplesmente porque o dom de criar não é coisa que se possa transmitir.

O que acontece na literatura e nas outras artes, dá-se também no jornalismo.

Quem tem vocação para a imprensa facilmente se faz jornalista. Quem não tem essa vocação, curse lá quantas escolas cursar, nunca chegará a redigir com limpeza uma simples notícia policial...

Os jornais de Paris noticiam que o último concurso de arquitectura ali realizado foi um verdadeiro fracasso, nada tendo aparecido de novo, quer quanto à forma, quer quanto à execução. E no entanto – afirmam-no esses mesmos jornais - nunca houve tantas escolas para architectos em Paris como ultimamente.

De onde se conclue, mais uma vez, e de modo seguro, que ha coisas que não se ensinam, porque dependem exclusivamente da vocação.

Imagine-se um poema feito por um discipulo em aula, sob as vistas e as regras do professor!

Ou uma chronica escripta por uma alumno nas mesmas condições!

Mas os senhores hão de ver que a tal idéa de se fundar no Brasil uma escola de jornalismo ainda é capaz de ressurgir por ahí... (ALENCAR, G., 1930a, p.1).

Ambos tratam sobre o mesmo assunto, o profissional do jornalismo. No primeiro – extraído de uma crônica presente na obra **Prosa Rude** (1926) –, como romancista, o autor defende, para a carreira, a necessidade da vocação, do talento inato. No segundo – um artigo –, como jornalista, evidencia sua incredulidade com a formação acadêmica para a profissão. Para ele, não se faz um jornalista, nasce-se. Gilberto de Alencar nasceu jornalista. Sendo assim, defendia que o ofício exigia não uma formação acadêmica, por não ser possível constituir formas para moldar um profissional como este, mas o dom.

Em **O Escriba Julião de Azambuja** (1962), romance que se assemelha a uma autobiografia, escrito durante a década de 1950, Alencar expressa a valorização com a qual contempla seu ofício, exemplificada através das reflexões de Julião, personagem principal da obra:

Isto de escrever nos jornais é que foi o diabo, porque me impediu de publicar maior número de referidas brochuras e sobretudo de burilá-las a meu gosto. Não houve, todavia, outro remédio, visto que, então, como presentemente, ninguém podia viver de literatura, e de jornal sempre se vivia e sempre se vive. A prova é que consegui criar e educar numerosa família, nos moldes e com conforto da pequena burguesia que se preza (ALENCAR, G., 1962, p.8).

Neste mesmo livro, exprime o quão feroz pode ser a mídia e sua capacidade de estar presente em todos os acontecimentos, reafirmando a preocupação com a regulamentação da função do jornalista, como se observa a seguir:

De nada lhe valeu o trancar-se em casa e esconder-se no banheiro para morrer, porque em lugares muito mais ocultos, muito mais escusos e muito mais íntimos do que êsse a imprensa moderna penetra, na ânsia de cumprir a sua alta e precípua missão de informar a todo o transe. Há de ser por essa razão que em muitos países, dos mais adiantados, já existe o ministério da Informação. Por que demônio ainda também não temos o nosso? (ALENCAR, G., 1962, p.106).

Escrito em primeira pessoa, o narrador-observador, escriba Julião de Azambuja, deixa transparecer o escriba Gilberto de Alencar e sua profissão. Mesmo na escrita da ficção, o autor tem a preocupação de informar ao leitor os eventos reais daquele momento. Mantém-se atento à história e à informação, não se permitindo estar alheio aos acontecimentos, ratificando a ligação entre o literato e o jornalista.

CAMINHO ATÉ O CENTRO DA CIDADE, com o intuito de observar o que se passa, e logo cuido de regressar porque os alto-falantes do P.T.B., na rua principal, estão explorando o cadáver a fundo e despejam, do alto das sacadas, aos berros, não só a carta em que o suicida, ou alguém por êle, apela para a história e exige vingança, mas ainda um tal chorrilho de parvoíces como igual jamais vi ou ouvi na minha vida, enquanto a turba, apinhada em baixo, aplaude e vocifera. Entre a turba observo lá um ou outro rosto que denota dor sincera, a dor dos simplórios que se deixaram iludir. Observo mesmo algumas lágrimas (ALENCAR, G., 1962, p.31).

No fragmento acima, destacam-se elementos característicos da produção jornalística e literária alencariana. O primeiro, abordado neste texto, é a inserção de informações reais dentro de uma obra ficcional, cumprindo a função de noticiar a reação do diretório do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) – possivelmente de Juiz de Fora – ao suicídio do então presidente Getúlio Vargas, fato acontecido concomitante à escrita deste romance, conforme datam os manuscritos da obra, alocados no MAMM.

O segundo pode ser expresso na representação da cidade pelo escritor, como mostra José Alberto Pinho Neves, ao afirmar que na “decifração de uma cidade, o leitor a imagina mediante a experiência obsequiada pelo escritor” (NEVES, 2013, p. 238). Neste caso, a possibilidade de associação entre a cidade fictícia Várzea de

Dentro, na qual se passa a história, com a cidade de Juiz de Fora denota uma possível representação desta cidade.

Essa representação se evidencia em diversos momentos do livro, que apresentam semelhanças entre a localidade ficcional criada e a localidade na qual o autor estava inserido, mencionando características típicas de Juiz de Fora, como o frio e as chuvas constantes, observadas nesta passagem: “AS NOITES, EM AGÔSTO, SÃO AINDA bastantes frias por aqui, o que leva a permanecer na cama até às oito e meia” (ALENCAR, G., 1962, p. 29).

Alude também a lugares icônicos do município através de imagens descritas na obra, a citar o Parque Municipal de Várzea de Dentro, que correspondente às descrições do parque Halfeld, como expresso no trecho transcrito:

O UMBROSO PARQUE MUNICIPAL DE Várzea de Dentro, situado precisamente no centro da cidade, posto não dos mais extensos, é de fato bonito, com as suas grandes árvores, quase centenárias, os seus verdes gramados, as suas cascatas em miniatura, as suas pequenas pontes de parapeito de cimento, fingindo bambú, os seus canteiros sempre floridos, os seus pardais (ALENCAR, G., 1962, p.22).

Alencar continua descrevendo o parque e os costumes inerentes a ele, observados por seu olhar arguto, reforçando a argumentação de Neves (2013), ao afirmar que o “parque Halfeld, a despeito de todas as espinhosas reformas, persiste ser um lugar da memória do inconsciente coletivo, lugar de afluência de gerações e gentes” (NEVES, 2013, p.248) na cidade juiz-forana.

Outras citações que corroboram com a afirmação são as que mencionam cidades próximas, como no trecho sobre “[...] as viagens constantes ao Rio, a S. Paulo, a Belo Horizonte” (ALENCAR, G., 1962, p.11) feitas pelo personagem Jaime Fajardo, advogado, sobrinho de Manoel Ferreira. Igualmente, os traslados que possuem reflexões sobre o cenário cultural, intelectual e político de Várzea de Dentro estão em equilíbrio com as informações e conclusões sobre Juiz de Fora, expressas pelo autor em outras publicações. Como exemplificam os seguintes trechos:

Várzea de Dentro, porém, com o passar dos anos, foi decaindo intelectualmente, em proveito da capital da província, os literatos ou mudaram-se para lá ou morreram, a Academia também se mudou, fui ficando sozinho. Isto aqui cresceu muito, em fábricas, em arranha-céus, em futebol, em “boites”. É uma grande cidade, sem dúvida. Uma grande cidade

sem letras, o que aliás não lhe parece fazer falta alguma, ainda que a mim me faça muita (ALENCAR, G., 1962, p.8).

Desde ante-hontem que Juiz de Fóra não é mais a séde da Academia Mineira de Letras, a futurosa associação literaria aqui fundada ha justamente cinco annos.

A maioria dos immortaes resolveu transferir para Bello Horizonte a séde da Academia, na persuasão de que, uma vez o cenaculo na capital do Estado, o governo se disporá a proteger, como lhe cumpre, a instituição, dando-lhe os elementos de que ella carece para bem desempenhar seus fins (ACADEMIA MINEIRA..., 1914, p.1).

O terceiro elemento, também evidenciado na obra acima citada, trata da reafirmação da posição política e ideológica de Gilberto de Alencar, opositor ao governo Vargas e contrário ao movimento queremista e aos defensores do trabalhismo varguista, tendo como fundamentação para esta afirmação o posicionamento do literato expresso na escrita de suas memórias nos diários. Observa-se a seguir exemplos desta afirmação – o primeiro retirado do diário, e o segundo extraído de **O escriba Julião de Azambuja**:

9 de agosto.

Appareceu hoje, no Rio, feito nas officinas do governo, com papel do governo e com dinheiro tambem do governo, o jornal de Cassiano Ricardo, poeta transformado em doutrinador do Estado Novo. Ahi está a razão pela qual Cassiano Ricardo, ha dias, em Bello Horizonte, declarou que Getulio Vargas é um grande literato.

Como se vê, tudo muito velho: o Ricardo, o jornal, o protector do Ricardo e o Estado Novo. Este principalmente (ALENCAR, G., 1941b, p.46-7).

Volto para a casa disposto a ficar toda uma semana, senão mais, sem meter sequer o nariz na janela, pois vários comícios queremistas já foram anunciados, para a exploração do cadáver ainda insepulto, e não desejo assistir ao espetáculo (ALENCAR, G., 1962, p.32).

Estes fragmentos demonstram que mesmo nas suas escritas íntimas e/ou literárias o autor não deixa de exercer a função de jornalista. Revelam ainda um quarto elemento bastante distintivo da escrita do literato, cujo aspecto é evidenciado por um senso de humor característico, com doses leves, mas elevadas de ironia e sarcasmo. Sobre essa forma de escrita dos mineiros, Rachel de Queiróz, prima (O ULTIMO..., 1955) de Gilberto de Alencar, afirmou:

Eles falam uma lingua diferente da nossa, mais civilizada, mais equilibrada, mais expressiva de entretons, excelente condutora de emoções e sentimentos; uma lingua que se sente tão bem no abstrato quanto no concreto, sem condoreirismos, sem dós de peito, sem modismos provincianos.

[...] sem serem herméticos nem pretenciosos, escrevem numa verdadeira lingua de intelectuais. Mas não são Machadianos nem Gracilianescos; há em quase todos esses mineiros, em dose maior ou menor, um sentido do lírico particularmente profundo e constante, que os dois mestres não conheciam. Nem o estilo da ironia é a mesma; que os mineiros, quando são irônicos, o são ao seu modo particular – uma espécie de ironia por omissão sem espinhos pungentes e sem sinal visível do fel (QUEIRÓZ, Rachel, 1955, p.1).

Gilberto de Alencar, que confessava admirar o naturalismo, confrontou, no ano de 1922, através de críticas publicadas em artigos n' **O Pharol**, os membros do movimento futurista em Juiz de Fora. O autor deixou clara a oposição ao grupo em sua réplica¹⁵ ao artigo que Antônio Gabriel de Barros Vale¹⁶ – tratado por Alencar sarcasticamente como sr. Doquinha – havia escrito sobre suas críticas. Afirma, em reforço às características acima mencionadas:

Ora, eu, que affirmara ser o naturalismo a formula literaria ainda triumphante; que dissera estarem os *novos* do Brazil procurando em vão derrubar a obra dos seus maiores; que expendera a opinião de que a maioria desses *novos* não tinha grande valor e descambara para o penumbrismo ridiculo, exceptuando-se alguns de real merecimento, como o sr. Costallat e outra que ainda hei de aqui citar; eu daria uma resposta ao sr. Doquinha, se elle tivera combatido as minhas idéas com elevação, e confessar-me-ia até vencido, se o autor da futura *Lua da meia noite* evidenciasse o meu erro (ALENCAR, G., 1922a, p.1).

O confronto, que se iniciara com Barros Vale, conhecido no meio literário pelo pseudônimo Edmundo Lys, estendeu-se aos demais membros da “panelinha”, os “novos”, segundo Alencar (1922a, p.1). Deste embate, o autor produz novo artigo¹⁷, na sequência de críticas publicadas acerca do movimento literário no Brasil, em

¹⁵ ALENCAR, G. Os "novos" e o momento literario. *O Pharol*, Juiz de Fora, ano LVII, n.102, 05 set.1922a, p.1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/258822/39212>> Acesso em: 16 set.2016.

¹⁶ Segundo Dornemilly Nóbrega, em **Reverendo o Passado**, (2001) Antônio Gabriel de Barros Vale nasceu em São Mateus, povoado de Juiz de Fora, em 1899, foi escritor, advogado, jornalista e professor, tendo atuado no **Diário Mercantil** e n' **O Globo**, e lecionado na Academia de Comércio. Atuou também como poeta, cronista, teatrólogo e tradutor, destacando-se no meio literário de Juiz de Fora como membro dos "mosqueteiros de cinco" (2001, p.18), que abriram espaço para o movimento modernista na cidade. Foi funcionário do Ministério da Educação e Cultura (MEC), cronista literário, teatral e cinematográfico do Rio de Janeiro. De acordo com Nóbrega, recebeu em 1955 o premio do MEC e, em 1957, o prêmio da Academia Brasileira de Letras, “Claudio de Souza”, devido ao drama "Retábulo de Alferes-Mor" (2001, p. 97-8). Assinava sob o pseudônimo de Edmundo Lys, sendo conhecido nos meios íntimos, segundo Gilberto de Alencar (1922a, p.1), como Doquinha.

¹⁷ ALENCAR, G. Os "novos" e o momento literario. **O Pharol**, Juiz de Fora, ano LVII, n.105, 09 set.1922b, p.1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/258822/39224>> Acesso em: 16 set.2016.

resposta a Orlando Lage Filho¹⁸ e Rui Duarte de Almeida Novais¹⁹, de pseudônimo Mário Ruiz, Alencar desconstrói a análise destes escritores sobre seu livro de crônicas, **Prosa Rude** (1926), reforçando sua divergência com os “revolucionários”, como se constata a seguir:

Sahiu a resposta quarta-feira pela manhã.
Pensam os leitores que se trata de alguma coisa esplendente, alguma coisa nova, inédita, bizarra, digna dos ardegos revolucionarios que a compuzeram? Qual historia! São apenas tres columnas e pico de baboseiras, onde toda a *panellinha*, apontando-me como um romantico meloso (eu, que todo me babo pelo naturalismo!), empregou esforços medonhos – sabem para quê? – para imitar o estylo do Eça. O estylo do Eça! Elles ainda caminham por essas alturas, elles, os *novos os novissimos...* (ALENCAR, G., 1922b, p.1).

Os escritores referidos acima, segundo Dormevilly Nóbrega, (2001), compunham o grupo dos “mosqueteiros de cinco”, (NÓBREGA, 2001, p.18). Eram eles Rui Duarte de Almeida Novais, Vale Ferreira, José Junqueira Monteiro de Barros, Antônio Gabriel de Barros Vale e Orlando Lage Filho. Eles foram responsáveis por iniciar o movimento modernista em Juiz de Fora, sendo os principais expoentes do futurismo²⁰ na cidade. Deste debate, no qual Alencar destaca-se com maestria, ficou registrado o posicionamento público do autor em defesa do naturalismo em relação ao modernismo. Supõe-se que o realismo exerceu forte influência sobre o pensamento e criação do literato, ilustrada na defesa de uma escrita direta, isenta de erros gramaticais e ortográficos e de obscurantismo, e caracterizada na representação de fatos históricos e de cenários políticos e econômicos aos quais estava inserido. Suposição reforçada pelas preferências literárias declaradas pelo escritor, em entrevista ao **Diário Mercantil**, em 1955:

O “Gudesteu Rodovalho” é o meu livro preferido – dos meus é claro. Em matéria de literatura vamos começar com os franceses (entre parênteses: Gilberto de Alencar é o maior francófilo da cidade); Balzac, Flaubert, Maupassant, Anatole – considero Anatole o Machado de Assis francês –; dos inglêss, Dickens; dos patricios: Machado e José de Alencar, Castro Alves, Fagundes Varela e Bilac, Manoel Bandeira, Carlos Drumond de Andrade – estê mais como prosador do que como poeta -, Eduardo Frierio,

¹⁸ Orlando Lage Filho, natural de Juiz de Fora, foi redator do **Diário Mercantil**, do **Correio de Minas**, da **Folha da Manhã** e de outras publicações locais, trabalhou para o Departamento Cultural da Prefeitura de Belo Horizonte (NÓBREGA, 2001).

¹⁹ Rui Duarte de Almeida Novais foi jornalista e bancário. Escrevia sob o pseudônimo Mário Ruiz. De acordo com Dormevilly, faleceu aos 22 anos de idade (NÓBREGA, 2001).

²⁰ Nóbrega (2001) afirma que, por volta de 1922, Lage Filho e Edmundo Lys colaboravam com O dia literário do **Correio de Minas**, o primeiro publicava às sextas-feiras sobre prosa, e Lys aos domingos, escrevendo sobre poesia.

Mario Mattos e Oscar Mendes. Está muito misturado, prosa e verso. Não tem importância (O ULTIMO..., 1955, p.6).

Para Eça de Queirós, o “Realismo é a anatomia do caráter. É a crítica do homem. É a arte que nos pinta a nossos próprios olhos - para condenar o que houve de mau na nossa sociedade” (QUEIRÓS apud NICOLA, 1990, p.115). Características que podem ser observadas na leitura das obras alencarianas, a citar **Prosa Rude** (1926), **Misael e Maria Rita** (1953) e **O escriba Julião de Azambuja** (1962), nas quais estão presentes a crítica à sociedade vigente, os retratos contrastantes entre indivíduos simples e a sociedade burguesa, a valorização do bom comportamento moral e ético, ao mesmo tempo em que desnuda o caráter do ser humano, expondo o que há de bom e mau.

Acredita-se que desta capacidade de despir a natureza humana, evidenciada pelo jornalista-literato, Gilberto de Alencar tenha emergido como uma referência de justiça, sendo buscado, como afirmou Belmiro Braga (1911) em discurso publicado em **O Pharol**, para mediar conflitos e situações em que se exigiam alguém idôneo como moderador e se buscava um senso norteador de justiça.

3.1 O OFÍCIO DE JORNALISTA

As vocações de repente é que se descobrem e eu
tinha descoberto a minha, por acaso, ali naquela
sala, com os seus cavaletes ao longo das
paredes, as suas caixas de tipos, a mesa da
paginação com tampo de mármore, a máquina de
impressão, o cheiro forte de tinta.
Gilberto de Alencar²¹

O início de sua carreira jornalística se deu de forma precoce, aos 14 anos de idade, aproximadamente em 1900, sob influência paterna, ao ingressar na oficina tipográfica do **Autônomo**²², semanário do município de Queluz de Minas, com o

²¹ ALENCAR, Gilberto. **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**. 2 ed. Rio de Janeiro: Agir, 1957a, p.217-8.

²² Deste periódico foram encontrados alguns exemplares (datados entre os anos 1900 e 1902) digitalizados na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional. Descrito como "Hebdomadario Republicano", cuja propriedade pertencia a uma associação não identificada. Seu primeiro ano de veiculação data de 1900. Suas oficinas estavam localizadas à Rua General Ozório, em Queluz de Minas, atualmente denominada Conselheiro Lafaiete, MG. Sobre o **Autônomo** não há muitas menções, exceto uma bastante breve feita por Alencar, em 1908, sobre o mesmo não existir mais. Entre os poucos exemplares disponibilizados virtualmente, é possível localizar publicações e informações acerca de Fernando de Alencar e José de Alencar, relacionados por certo grau de parentesco. (ALENCAR, G. **Imprensa Mineira**, 1908, p.30); (**AUTONOMO**, 1900, p.1).

qual seu progenitor contribuía. É possível observar essa influência ao longo da vida profissional e pessoal do escritor. Assim como o pai, Fernando Napoleão Augusto de Alencar, Gilberto de Alencar foi admirador da França, país que inspirara o avô na escolha do nome de seu pai, do qual também herdou os prenomes Napoleão Augusto (ALENCAR, G., [19--]). Essa afirmação é fortalecida, também, pelo grande volume de obras em francês encontradas em sua biblioteca e por traduções realizadas a partir deste idioma.

Não apenas o apreço ao jornalismo, mas os ideais políticos, a simplicidade e a transparência ao lidar com as situações cotidianas também são heranças paternas. No artigo **Fernando de Alencar** [19--], escrito pelo autor, constata-se descrições semelhantes às que ele faz de si mesmo em **O escriba Julião de Azambuja**, e às que são feitas dele por amigos ou personalidades próximas. Abaixo, dois fragmentos do referido artigo de Alencar, escrito após o falecimento de seu pai, em 1910, e um trecho do discurso de Belmiro Braga, publicado em **O Pharol**, em 1911, sobre Gilberto:

Contudo, desencarnou na miséria por não ter sido nem ambicioso, nem avaro. Era, ao contrário, desprezado e até imprevidente. Tinha 5 filhos e deixou-os, juntamente com a viúva, sem sequer um teto onde pudessem se abrigar e sem o necessário para sobreviverem por um mês (ALENCAR, G., [19--], não paginado).

Era orador entusiasta, lírico e romântico, sem ser oco ou vulgar, sempre com idealismo, usando a palavra a serviço da Abolição e da República, sem jamais almejar cargos públicos ou honrarias de qualquer espécie. Falava o que sentia e sentia o que falava, com uma sinceridade absoluta, sem medir as consequências de suas opiniões. Bem cedo se desiluiu dos homens públicos de seu tempo. Participou ativamente da campanha civilista, apoiando Rui Barbosa, mas não chegou a assistir às eleições e ao esbulho sofrido por este que foi rejeitado pelos políticos profissionais (ALENCAR, G., [19--], não paginado).

E Gilberto, para dizer hoje o que se entende ser a verdade, não pensa nas consequências de amanhã; e, assim, é lido, é estimado e é aplaudido. A sua penna, no meio desse cantochão soturno de aplausos incondicionais a todo aquele que governa ou que pode vir ainda a governar: é a mão cheia de sal na onda pesada e molle desse mar de melado engrossativo que nos vae assoberbando.

E essa contribuição de sal, dia a dia, abre um sulco profundo no dorso das águas assucaradas...

E que soma de trabalho hercúleo exercido infatigavelmente na mais difícil, na mais penosa e na mais rebelde de todas as artes! Que abandono heroico de si mesmo, que abnegação, que desprezimento sublime dos próprios interesses e das próprias tristezas e amarguras pessoais!

Mas Gilberto, campeão da que entende ser a Verdade, seguindo a rota collimada, não tem olhos para as flores nem para os espinhos que sua penna vae deixando á margem da estrada percorrida, e, dahi, os amigos e inimigos que seus artigos lhe acarretam (BRAGA, 1911, p.2).

Dessa admiração mútua entre pai e filho e do legado deixado por Fernando de Alencar, desabrochou o destacado jornalista e romancista Gilberto Napoleão Augusto de Alencar, que mesmo antes de assinar sua primeira publicação em jornal de larga circulação, já produzia clandestinamente, jornais, escritos a próprio punho, de pequena tiragem, com teor provocativo, como ele mesmo afirma:

Fui mesmo, aí por 1902, proprietário e único redator de certo jornal manuscrito, que aparecia semanalmente, tirando oito ou dez exemplares, que eram por mim cuidadosamente enfiados, na madrugada dos sabados, por debaixo da porta dos principais habitantes do povoado do interior de Minas, onde então morava com meus pais. Apesar de tiragem tão limitada, a folha barulhenta e irreverente punha em polvorosa o arraial inteiro e tive, ao fim de alguns numeros, de suspender-lhe subitamente a publicação, para a garantia da própria pele ameaçada... (ALENCAR, G., 1955, não paginado).

Deixando a oficina do **Autônomo**, iniciou, em março de 1905, a seção **Páginas efêmeras**, no periódico **A Democracia**²³, de Ferreira Carvalho e Olímpio de Castro, mantendo-a até outubro do mesmo ano neste jornal, transferindo-a para **O Itaúna**²⁴, hebdomadário do município de Itaúna, mas mantendo o nome.

Em 1906, após deixar Itaúna, publica, em **Propaganda**, de Itapecerica, **Costumes sertanejos**, “série de crônicas sobre usos roceiros” (ACADEMIA MINEIRA..., 1911c, p.1). Tendo atuado como redator deste periódico até o ano de 1908, ao retornar para Queluz, época em que colaborou com a **Gazeta de Queluz**²⁵ e, à distância, com o **Correio d’Oeste**²⁶, de Itapecerica; também com o **Correio de Minas**²⁷, seção **Sem rumo**, de Juiz de Fora; o **Correio da Tarde**²⁸, seção **Reparos**; e com a **Imprensa Livre**²⁹, seção **Prismas**, até a extinção deste jornal.

²³ **A Democracia** foi um periódico do município de Oliveira, Minas Gerais. Descrito como “órgão dedicado aos interesses estadoaes, municipaes, do commercio e da agricultura”. De propriedade do Coronel Theodoro Ribeiro de Oliveira e Silva, contou com colaboração de Olympio de Castro, Ferreira de Carvalho, e tinha em Acrisio Diniz seu redator-secretário. Sua extinção data do período anterior a 1908, ano de publicação da Imprensa Mineira. Apenas um exemplar foi localizado na hemeroteca virtual, datado de junho de 1896, anuncia ser o ano III daquele veículo de imprensa (ALENCAR, G., 1908, p.29; A DEMOCRACIA, 1896, p.1).

²⁴ Não foram localizadas informações sobre este periódico.

²⁵ Semanário do município de Queluz, dos quais Romeu e Jarbas Guimarães foram redatores e Antonio Raymundo, tipógrafo e gerente (ALENCAR, G., 1908, p.29).

²⁶ Sua redação era chefiada por Leopoldo Corrêa, sendo o gramático Cândido Lago um colaborador (ALENCAR, G., 1908, p.29).

²⁷ Diário independente, cuja direção pertenceu a Estevam de Oliveira. Segundo Alencar, sua fundação data, possivelmente, de 1893. Teve como gerente Gabriel Bittencourt. Publicou colunas de Heitor Guimarães, Corrêa de Azevedo, Machado Sobrinho, Alfredo Jardim, Aldo Delfino, entre outros (ALENCAR, G., 1908, p.20-1).

Em 1908, publicou, em Queluz, **Imprensa Mineira**, levantamento de periódicos existentes em Minas Gerais no período – jornais diários, imprensa periódica, revistas e jornais ilustrados –, os quais o autor julgava importantes e merecedores de menção. Teceu, nessa obra, profunda crítica à imprensa mineira e ao preterimento com a qual era tratada em relação à imprensa carioca. Defendendo, desde aquele tempo, uma imprensa livre, não comprometida com “todos os dominantes e aos seus amigos e correligionários” (ALENCAR, G., 1908, p.32).

No ano de 1909, em São João Nepomuceno, contribuiu com o **Correio de Minas** e **O Pharol**³⁰. Também com a **Voz do Povo**, no qual organizou a publicação **A candidatura militar**, reunindo artigos desenvolvidos para a campanha civilista, na qual defendia – como seu pai³¹, Fernando de Alencar – o então candidato civil Rui Barbosa em detrimento do militar Hermes da Fonseca, como demonstram as seguintes passagens, a primeira de Fernando de Alencar e a segunda de Gilberto de Alencar, ambos defendendo Rui Barbosa:

Oh! chefes de rebenque em punho, oh! guerrilheiros
De horrenda catadura. oh! vós aventureiros,
Em cuja alma apodrece o patriotismo pulchro,
Qual cadaver de infante em lobrego sepulchro
Caso pensaes que a Patria é esqualida senzala?
Pretendeis em verdade assim esbofeteal-a?
Caftens da Nação, oh torpes alcayotas,
Sabei que no Brazil existem patriotas
Que não assentirão na hedionda bacchanal
Onde quereis vender a Patria ao marechal!
[...]
Não vos illuda a esp'rança, a esperança lethal
De vos dar a victoria a fraude eleitoral!
[...]
E ergue todo o Brasil com voz estentorosa

Um "Viva!" ao semi-deus, ao grande Ruy Barbosa!!!

Dr. Fernando de Alencar

Sete Lagôas, 12 de Outubro de 1909.
(ALENCAR, F., 1909a, p.2).

²⁸ Folha vespertina, pertencente a Dilermando Cruz, Olegário Pinto e Azevedo Júnior. Suspendeu sua publicação, segundo Alencar, em 1908, com promessas de retorno, do qual não se tem registro (ALENCAR, G., 1908, p.22.).

²⁹ Como **O Itaúna**, não foram localizadas informações sobre este periódico.

³⁰ **O Pharol**, segundo Gilberto de Alencar (1908, p.20), era o mais antigo e tradicional jornal de Juiz de Fora. Colaboravam com este periódico Lindolfo Gomes, Belmiro Braga e Dilermando Cruz.

³¹ Cf.: ALENCAR, Fernando. A eleição de Março. **O Pharol**, Juiz de Fora, ano XLIV, n. 247, 20 out.1909, p.2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/258822/25779>. Acesso em: 26 ago.2016.

A candidatura Hermes causou a única impressão que ella podia causar: a que sempre produz um grande erro politico. Chegou a abalar o credito externo, levou serios receios aos circulos financeiros.

O modo por que foi levantada a candidatura de maio; o seu caracter accentuado de imposição militar; a falta de tirocinio politico, a sabidissima incompetencia do marechal Hermes; o seu genio irritavel, as suas pronunciadissimas tendencias para o autoritarismo, para prepotencia; a sua conhecida ignorancia e os seus actos de militar feroz, espancando, mandando dispersar pacificas multidões a cargas brutaes de cavalaria; tudo isso levou ao estrangeiro a convicção de que estavamos nós na imminencia, não de um governo de paz e de trabalho proficuo, de um governo constitucional e amigo da ordem, mas de uma perigosissima ditadura militar...

Ao contrario, a nova indicação do nome de Ruy Barbosa, pela Convenção Nacional de 22 de agosto, foi com aplausos recebida no estrangeiro, onde produziu impressão interamente oposta á deixada pela candidatura do ex-ministro da guerra do governo Penna.

A maneira por que foi feita a indicação; as normas genuinamente democraticas seguidas pela notavel assembléa; a competencia e o talento de Ruy Barbosa; o seu passado politico; os seus serviços ao paiz, dos mais valiosos, dos mais relevantes; o brilho estupendo que soube dar á nossa representação em Haya, elevando o nosso paiz extraordinariamente no conceito mundial; tudo isso levou a confiança aos circulos politicos e financeiros, desmanchando a pessima impressão deixada pela primeira candidatura (ALENCAR, G., 1909, p.1).

Ainda neste ano, contribuiu para **A Evolução**: revista pedagógica, literária, política e noticiosa³², dirigida, segundo Ana Lúcia Fiorot de Souza (2004), por Machado Sobrinho, através do Externato Lucindo Filho, editada para atender um público letrado. De acordo com Dornevilly Nóbrega (2001), era diferente das demais revistas da época em formato e conteúdo, envolvendo pedagogia, literatura, artes, economia, política e notícias.

Em 1910, na **Cidade de Barbacena**, manteve **Sobre a perna**, bissemanário no qual publicava crônicas. Mudando-se, em novembro deste ano, para Juiz de Fora, passou a colaborar, em dezembro, para **O Pharol** como redator. Segundo informações extraídas de **O Pharol** (ACADEMIA MINEIRA..., 1911c), Alencar lecionou, em 1911, a convite do amigo íntimo, Machado Sobrinho, no Externato Lucindo Filho – atualmente, em Juiz de Fora, Fundação Educacional Machado

³² De acordo com Souza (2004) e Nóbrega (2001), a revista possuiu três fases, sendo a primeira datada de 1919. Entretanto, em artigo de **O Pharol**, intitulado **Posse do Acadêmico Gilberto de Alencar: notas biográficas**, publicado em 03 de junho de 1911, há indicações sobre atividades da revista em 1909, cuja data consta a contribuição de Gilberto de Alencar. Souza afirma ainda não ter sido possível localizar exemplares anteriores à terceira fase, datada de 1921. Há ainda outra divergência, referente ao nome da revista, que vem grafada como **Evolução**, no artigo de 1911 d'**O Pharol**, enquanto Souza e Nóbrega grafaram como **A Evolução**. Cf.: SOUZA, Ana Lúcia Fiorot, 2004, disponível em: <<http://unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/996/971>> Acesso em 31 ago.2016; e NÓBREGA, 2001, p. 89-90.

Sobrinho³³. Nóbrega (2001) afirma que Alencar atuou também como professor do Estado e do município de Juiz de Fora, embora não tenha disponibilizado a informação sobre o período dessas atividades.

Candidatou-se, em 1911, à Academia Mineira de Letras (AML), concorrendo a uma das quatro vagas a serem disputadas entre os seguintes concorrentes: Gilberto de Alencar, Plínio Mota, Olympio Araújo, Antonio Duarte Teixeira, Lopes Neves, Antonio Lima e Navantino Santos.

3.2 A ENTRADA NA ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS

A sua penna, no meio desse cantochão soturno de
aplausos incondicionaes a todo aquelle que
governa ou que pode vir ainda a governar: é a
mão cheia de sal na onda pesada e molle desse
mar de melado engrossativo que nos vae
assoberbando.
Belmiro Braga

Gilberto de Alencar se inscreveu para concorrer a uma cadeira na Academia Mineira de Letras (AML) em 1911, disputando uma das quatro vagas com Plínio Mota, Olympio Araújo, Antonio Duarte Teixeira, Lopes Neves, Antonio Lima e Navantino Santos (ACADEMIA MINEIRA..., 1911a). Gama Junior, por deixar Juiz de Fora, não participou da eleição por determinação estatutária, embora tenha se inscrito. Igualmente, Dr. João Monteiro deixou a disputa, por “motivos de saúde e de múltiplas ocupações científicas” (ACADEMIA DE LETRAS, 1911, p.1).

A Academia Mineira de Letras foi fundada em Juiz de Fora, em 25 de dezembro de 1909, pelos acadêmicos-fundadores Eduardo Menezes, Amanajós Araujo, Dilermando Cruz, Heitor Guimarães, Machado Sobrinho, Luiz Oliveira, Lindolfo Gomes, Brant Horta, Francisco Lins, José Rangel, Albino Esteves e Belmiro Braga (ACADEMIA MINEIRA..., 1909). A escolha do local de fundação, segundo Heitor Guimarães, seria relacionada à expressiva atividade intelectual desenvolvida no município – intitulado Atenas Mineira por Arthur Azevedo – “Juiz de Fóra, na sua qualidade de Athenas, deve ser a capital da Grecia literaria, que, no caso, é o Estado de Minas” (GUIMARÃES, H., 1909, p.1).

³³ Informação extraída de FUNDAÇÃO EDUCACIONAL MACHADO SOBRINHO. **Histórico da Fundação Educacional Machado Sobrinho**. Juiz de Fora, [20--?]. Disponível em: <<http://www.colegiomachadosobrinho.com.br/colegio/historico/>> Acesso em 12 set. 2016.

A eleição de Alencar se deu em 06 de maio de 1911, foi o mais votado, recebendo 30 votos, sendo o primeiro, do grupo dos eleitos, a tomar posse, em 03 de junho do mesmo ano, recepcionado por Belmiro Braga e acolhido por um “numeroso e selecto auditório [que o] recebeu, de pé, sob uma prolongada salva de palmas” (BRAGA, 1911, p.1).

Ao receber o recipiendário, Belmiro Braga elege as qualidades que fizeram Alencar se notabilizar perante a sociedade juiz-forana no período. Segundo Braga, a sinceridade, a dureza da crítica aliada à sensibilidade da escrita revelando a intimidade com as letras, seu senso de justiça, autenticidade e independência foram elementos que o fizeram ser admirado e aplaudido com tanto entusiasmo entre os que circulavam no meio intelectual.

A eleição do acadêmico Gilberto de Alencar para a AML simboliza a valorização do literato e do jornalista. Tão reconhecido foi seu trabalho, que a decisão de torná-lo imortal se baseou na produção jornalística e literária, como afirma Belmiro Braga, em seu discurso de acolhimento do companheiro de letras:

E mais ainda, presadissimos confrades: desconhecesse, embora, a Academia o autor do livro agora citado, e o jornalista do Pequeno registro apresentar-se-ia com cabedal de sobra para aspirar a uma destas poltronas. E não é que eu bata palmas a tudo que lhe sae da penna inspirada e valente, não! Acho-o injusto muitas vezes e, muitas vezes, supponho que o velho costume de ver tudo escuro lhe tenha perturbado a retina (BRAGA, 1911, p.2).

Para o literato, a entrada na Academia Mineira de Letras não significava ostentação, mas um compromisso com a literatura mineira e com a educação artística e cultural dos mineiros. Em seu discurso de posse, produzido em **O Pharol**, Alencar afirma:

Quero, entretanto, garantir-vos que só depois de eleito foi que adquiri inteira consciencia da responsabilidade enorme que pesa sobre meu nome. Só depois de honrado com a vossa escolha que me foi permittido comprehender plenamente que o fazer parte da Academia Mineira de Letras não é, não pode ser em absoluto, uma simples satisfação a vaidadesinhas literarias, dessas em que muitos espiritos futeis, não votados ao trabalho de pesar as coisas com certa prudencia, costumam embalar-se ingenuamente. Não!

Fazer parte da Academia Mineira de Letras é mais alguma coisa: é fazer parte de uma associação que está levantando o nivel intellectual do Estado; de uma associação que está contribuindo extraordinariamente para a educação artistica do povo, o qual -- convenhamos nisto -- não necessita só de saber ler, mas tambem de saber o que lê; de uma associação que está erguendo a literatura mineira a culminancias por ella dantes jamais

atingidas; é fazer parte de uma associação que está, incontestavelmente, marcando uma época, a ser, de futuro, lembrada talvez com encomios maiores do que os que actualmente tecemos todos nós áquella outra -- brilhantissima sem duvida -- que nos deixaram os poetas da Inconfidencia! (ALENCAR, G., 1911, apud BRAGA, 1911, p.1-2).

Com sua entrada para a Academia, o escritor assumiu uma missão literária, responsabilizando-se por contribuir com o engrandecimento das letras nas Minas Gerais, de modo a fazer jus a sua aclamação entre os imortais. Segundo ele:

E é, senhores academicos, essa grande vontade de trabalhar comvosco pelo esplendor da literatura mineira, pelo seu desenvolvimento crescente e pela sua carinhosa aceitação no seio das classes populares -- é essa grande vontade de lutar comvosco tudo quanto, com os meus agradecimentos sinceros e com o intento firme e preconcebido de não faltar á minha palavra, vos posso hoje prometter com a lealdade toda de que me sinto capaz! (ALENCAR, G., 1911, apud BRAGA, 1911, p.2).

Após sua eleição, ainda em maio de 1911, denominou Fernando de Alencar o nome de sua cadeira patronímica, em homenagem ao pai, pelo qual nutria profunda admiração.

O academico recentemente eleito para a Academia Mineira de Letras, o festejado escriptor e nosso prezado companheiro Gilberto de Alencar, escolheu para patrono de sua cadeira o seu illustre e saudoso progenitor, o inspirado poeta e erudito literato dr. Fernando de Alencar, autor de um excellent livro de versos e de apreciados romances e dramas. A escolha não podia ser mais feliz, encarada que o seja affectiva e literariamente (ACADEMIA MINEIRA, 1911b, p.1).

Entre as atividades desenvolvidas pela AML estavam: a produção de notas biográficas por e sobre seus membros; circuitos de palestras literárias e científicas; remessa e promoção de publicações literárias de autores mineiros; veiculação de informações sobre as obras literárias lançadas no país; além de estudos sobre a Língua Portuguesa.

A instituição desempenhou suas atividades em Juiz de Fora desde sua fundação, em 1909, até sua mudança para Belo Horizonte, em 1914. Em 31 de dezembro de 1914, **O Pharol**, em coluna intitulada **Nota do dia**, reproduz a informação, extraída do **Diário de Minas**, sobre a transferência da Academia Mineira para a capital do Estado.

A deliberação favorável se fundamentou no argumento de que a maioria das instituições literárias do país estava sediada nas capitais dos Estados, de forma a

viabilizar suas atividades devido à proximidade com suas respectivas sedes administrativas. Argumento que já havia sido rejeitado por Alencar, que se posicionou contrário à mudança, no artigo **Pouca prosa...**, publicado em 16 de maio de 1914 n' **O Pharol**, por defender que Juiz de Fora era, e permaneceria sendo, o centro intelectual mais adiantado de Minas. De acordo com o jornal, a decisão foi tomada em assembleia-geral, dividindo opiniões favoráveis e contrárias. Em números, 22 acadêmicos votaram pela transferência, contra apenas dois – dos quais, pode-se deduzir, estava Gilberto de Alencar.

Através do ingresso do literato para a AML, registrou-se um conjunto de informações biográficas e profissionais sobre ele. Destes registros foi possível recuperar, coletar e verificar os dados sobre sua vida e obra, aqui compilados. Convém ressaltar a importância de dois destes documentos para a preservação da memória deste grandioso escritor.

Publicados em **O Pharol**, ambos em 1911, durante a recepção de Alencar, o artigo **ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS - POSSE DO ACADEMICO GILBERTO DE ALENCAR: NOTAS BIOGRAPHICAS**, datado de 03 de junho de 1911, sem indicação de autoria, e o discurso de Belmiro Braga – em **ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS - POSSE DO ACADEMICO GILBERTO DE ALENCAR: DISCURSO DE BELMIRO BRAGA**, de 04 de junho de 1911 – revelaram fatos essenciais para desvendar e resgatar as particularidades e aspectos da personalidade do escritor-jornalista – como seu nome completo, cidades onde morou, jornais para os quais contribuiu, a relevância da figura paterna para a formação humana de Gilberto – publicações inéditas; influências exercidas por e sobre ele.

3.3. DEPOIS DA ACADEMIA (AML)

Essa multidão de creanças, esse bando enorme de meninas e meninos que vivem dia e noite debruçados sobre os teares, respirando um ar viciado, pisando a humidade do cimento e da pedra, longe do sol e longe da luz, ambos roubados pelas janellas cerradas como as de uma prisão; esses infelizes, que não têm tempo para comer, que não têm tempo para descansar, devem merecer a piedade dos patrões, já que os abandonou a leviandade do legislador ôco e futil que nós outros tão caro pagamos. [...] É verdade que essa multidão de homens do trabalho não se vê ainda infelizmente aparelhada para as greves como ellas se fazem na Europa. Vivendo do

salario miseravel, do salario irrisorio, elles, sem outros recursos, não teriam como resistir á fome durante alguns mezes ou mesmo durante algumas semanas de afastamento da officina ou da fabrica. [...] Que cada um tire uma parcella insignificante de seu ordenado para a formação desse fundo de reserva, com o qual, de futuro, poderão todos, durante longo tempo, deixar vasias, fechadas e mudas muitas officinas e muitas fabricas, obrigando os patrões a ceder-lhes aquillo a que fazem jùs: menos trabalho e mais recompensa. É assim que fazem na Europa os mineiros, os tecelões, os pedreiros, todos os homens do trabalho, enfim. Que custa aos daqui seguir tão bello exemplo?³⁴
Gilberto de Alencar

Reforçando o papel de mediador de conflitos e defensor dos injustiçados, Alencar não mensurava as consequências decorrentes de seus artigos. Escrevia com honestidade, sem se abster dos sentimentos e emoções que transbordavam de suas reflexões. Em **Os trabalhadores e a cidade**, Luís Eduardo de Oliveira (2010) cita a importância do escritor, em meio às greves operárias que aconteceram em Juiz de Fora, em 1912, destacando seu papel, no meio jornalístico, em defesa dos trabalhadores, bem como seu incentivo ao florescimento da consciência de classe sobre essa parcela da população, culminando no “aumento da movimentação do proletariado” (OLIVEIRA, L., 2010, p.396) daquele ano até 1914.

Argumenta Oliveira que Gilberto de Alencar foi essencial para a luta dos trabalhadores naquele período. Sendo “fortemente provocador e edificante” (OLIVEIRA, L., 2010, p.396), Alencar deu voz aqueles que estavam silenciados, submetidos a situações de trabalho exaustivas, degradantes e perigosas. Denunciava o lado obscuro do progresso industrial da Manchester Mineira. Postura que marcaria o comprometimento e a conduta de Alencar enquanto jornalista, ainda que em meio a guerras, ditaduras e censura.

A ênfase dada ao ofício de jornalista pelo escritor se explica não apenas pela defesa romântica da profissão, mas pela necessidade de sobrevivência enfrentada por qualquer indivíduo. Apesar das reiteradas declarações de apreço à função, o escritor confessa seu apego maior à escrita de seus romances, entretanto, a vontade se esbarrava na dificuldade de subsistir apenas como romancista. Em fragmentos de diversas publicações, Alencar denuncia a limitação enfrentada pelos

³⁴ ALENCAR, G. Chronica Semanal. **O Pharol**, ano XLVII, n.139, 13 jun.1912, p.1. Disponível em:

literatos, relata ter ministrado palestras, produzido almanaques³⁵ e realizado trabalhos variados para conseguir manter a família:

Quando os literatos andavam sem dinheiro, faziam palestras literárias, a dois mil réis a entrada, ou publicavam almanaques. Eu fiz várias palestras e publiquei um almanaque. Heitor Guimarães também, Albino Esteves a mesma coisa. Ganhava-se honradamente, e com esforço, o pão de cada dia (ALENCAR, G., 1950, p.58).

Como expõe a passagem acima, a dificuldade era vivenciada por diversos outros escritores que, por vezes, ajudavam-se, como confessa Alencar em *Reminiscências de Juiz de Fora*, artigo contendo memórias do literato publicadas na ocasião do centenário de Juiz de Fora, na **Revista Ilustração Brasileira**, em 1950:

O seu coração levava-o muitas vezes a socorrer materialmente os confrades em apuros e sempre de modo a não humilhá-los. Belmiro sabia que eu lutava com dificuldades logo depois de fazer residência em Juiz de Fora. Um dia apareceu-me o poeta em casa, assim como quem não quer nada.

-- Gilberto, venho pedir-lhe um grande favor. O "Estado de S. Paulo" nomeou-me seu correspondente aqui na cidade, com trinta mil réis por mês. Eu não tenho tempo para fazer o serviço. Queria que você ficasse com o negócio. Você passa os telegramas com a minha assinatura, já avisei lá no Telégrafo. No fim do mês lhe entrego os trinta.

Belmiro bem que tinha tempo, até de sobra, e o que êle desejava era auxiliar-me de maneira indireta. Fui desse jeito, correspondente do "Estado" durante vários anos (ALENCAR, G., 1950, p.32).

Homem de poucas palavras, que rejeitava honrarias, ao expressar memórias pessoais, profundamente íntimas, em um veículo de informação de considerável alcance, o escritor foge à sua regra de não falar de si, contribuindo para mostrar a realidade na qual estavam inseridos os literatos e jornalistas na Juiz de Fora da primeira metade do século XX, bem como a relação entre eles.

Destas relações de amizade no meio literário surgiu a ideia de criação de um romance de folhetim, chamado **Ivan Gregorovitch, maximalista**, elaborado em parceria com Heitor Guimarães, José Eutrópio e José Martin Nominato Kascher, que seria publicado simultaneamente em **O Pharol** e no **Correio de Minas**. Conforme

<<http://memoria.bn.br/DocReader/258822/29162>> Acesso em 23 set.2016.

³⁵ Segundo Almir de Oliveira (OLIVEIRA, A., 1987, apud MUSSE, 2013, p.3), "os almanaques, editados em forma de livro, continham informações úteis ao comércio, à lavoura e à indústria, curiosidades e colaboração literária". Foram publicados em Juiz de Fora em fins do século XIX até a segunda década do século XX. Cf.: MUSSE, Christina Ferraz. A imprensa e a memória do lugar: Juiz de Fora (1870/1940), 2007, 15p. In: CONGRESSO DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 12, Juiz de Fora (MG), **Anais...**, São Paulo: Intercom, 2007.

observado naquele periódico, o romance contou com 69 publicações de seis colunas.

Segundo Dormevilly Nóbrega (2001), o folhetim foi dividido em seis capítulos, assim denominados “‘Capítulo I – Trânsfuga’. Seguiram-se os capítulos: ‘II - Onde a polícia, julgando apanhar um russo, prende um português; III - Na Manchester; IV - Gracinha; V - Uma noite sobre o dorso da montanha e VI - O imperativo da fome’” (NÓBREGA, 2001, p.101). Em apresentação, sem identificação de autoria, veiculada na mesma edição do primeiro número do folhetim, o romance foi assim descrito:

NOVO FOLHETIM

Iniciamos hoje a publicação, em em [SIC] folhetins da novella intitulada **Ivan Gregorovitch, maximalista**, devida á penna de alguns escriptores locaes, que a irão desenvolvendo dia dia, á medida que o paginador lhes for exigindo os originaes.

Novella contemporanea, cuja acção transcorre em nosso meio, por certo despertará ella não pequeno interesse.

A idéa de escrever a historia e as aventuras de **Ivan Gregorovitch, maximalista**, surgiu entre os seus autores um dia destes, num momento de bom humor, e vale sobretudo como uma prova da boa camaradagem que os congrega.

Leiam hoje, na terceira pagina, **Ivan Gregorovitch, maximalista** (NOVO FOLHETIM, 1919, p.1).

O primeiro número do romance foi publicado em 13 de março de 1919, deixando de ser veiculado, de acordo com Nóbrega (2001, p.102), devido a um erro histórico cometido pelos autores. Sua última publicação data de 11 de julho do mesmo ano. Embora haja um informe de continuidade, ao fim da última coluna publicada em **O Pharol**, não foi encontrado novo número, o que permite afirmar que a obra permaneceu inacabada.

Outra parceria desenvolvida por Alencar foi com os companheiros de trabalho de **O Pharol**, Godofredo Braga³⁶ e Apollinario de Carvalho³⁷, expeditor e chefe de oficinas deste periódico, respectivamente. Em 03 de julho de 1920, no município de Juiz de Fora, os jornalistas celebraram a fundação e manutenção do jornal vespertino **A Batalha**, “órgão político e independente” (CONTRATO, 1920, p.1), do qual, conforme rege o contrato, o literato ocuparia a função de direção, redação e gerência.

³⁶ REGISTRO SOCIAL. **O Pharol**, ano LVII, n.5 [publicação matutina], 14 maio 1922, p.2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/258822/38825>> Acesso em 30 set.2016.

³⁷ REGISTRO SOCIAL. **O Pharol**, ano LIII, n.120, 23 maio 1918, p.2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/258822/36590>> Acesso em 30 set.2016.

Em 1922 circulavam, em Juiz de Fora, seis jornais diários, quatro matutinos, sendo eles **O Pharol**, **Correio de Minas**, **Jornal do Commercio** e **O Dia**, e dois vespertinos, **A Tarde** e o **Diário Mercantil**. Circulava também, no município, o jornal semanal **Lar Católico**, mantido pela Congregação do Verbo Divino, que se tornou o periódico de maior circulação em Minas Gerais durante a década de 1960 (MUSSE, 2007).

De acordo com Musse (2007), o **Diário Mercantil** surgiu em 1912, suas redação e oficinas estavam sediadas na Avenida Barão do Rio Branco. Inicialmente, pertenceu à empresa carioca Transoceânica, sendo o redator-chefe Pinto de Moura, e o redator-secretário, José Costabile. Posteriormente foi adquirido por Antônio Carlos Ribeiro de Andrada e João Penido, sua redação foi chefiada por Tito de Carvalho e secretariada por Rui Duarte de Almeida Novais. Sua primeira edição data de 23 de janeiro de 1917 e sua orientação política estava vinculada ao Partido Republicano Mineiro (PRM), no qual estavam filiados os seus proprietários.

Conforme artigos localizados em hemerotecas, supõe-se que Gilberto de Alencar tenha começado a colaborar com o **Diário Mercantil**, aproximadamente, no ano de 1930. Em 1931 o jornal passou a fazer parte dos **Diários Associados**, de Assis Chateaubriand (OLIVEIRA, 1966, apud MUSSE, 2007). A partir desta data foram identificadas colunas fixas, produzidas regularmente pelo literato, de publicação diária, sendo elas **Suelto**, a qual assinava como G., **Ferroadas**, subscrevendo-as como Zangão, e **Preto e branco**, assinando-as como Gilberto de Alencar (MENDES, 2015). Além das colunas fixas havia também produções livres.

Ainda nesta década, Alencar propôs a criação de um semanário figurado no esboço manuscrito de um *layout* de jornal, localizado no Fundo Gilberto de Alencar, no MAMM. Alencar ocuparia a função de diretor deste periódico, que, em sua apresentação, é descrito como um “Hebdomadário livre” conforme já citado e aqui retomado propositalmente. Entre os temas abordados, estariam compreendidas Política, Letras, Arte e Crítica (ALENCAR, G., 1933, p.1). Sem identificação de nome, o esboço é datado de 05 de janeiro de 1933, sendo o primeiro número do ano I.

Durante este decênio, o Brasil sofreu transformações estruturais na política, economia, sociedade e cultura. Percebe-se que tais mudanças afetaram direta e indiretamente o literato, tanto pessoal quanto profissionalmente, vindo a influenciar sobre sua escrita e reflexões, como revelam suas produções e diários.

3.4 ENTRE O SILÊNCIO E A RESISTÊNCIA

A censura se dá naquilo que você pode dizer, mas não pode dizer, ou seja, é algo que você poderia dizer, mas não pode, porque há um poder de palavra, uma autoridade que impeça que você diga.
Eni Puccinelli Orlandi³⁸

Para melhor compreensão do conteúdo escrito por Gilberto de Alencar em seus diários, faz-se necessário apresentar o contexto histórico vivenciado e expresso pelo literato durante o registro obstinado de suas memórias. Este contexto tem sua origem na Revolução de 1930 e se esgota com o fim do Estado Novo, de Getúlio Vargas, em 1945.

O Brasil dos anos 1930 passou por profundas transformações que marcaram sua política, economia, sociedade e cultura, fruto dos acirrados conflitos e da grande crise econômica ocorridos na década anterior. O país enfrentou uma ruptura política que interferiu sobre sua organização econômica e social, sinalizando o fim da Primeira República – inaugurada em 1889, com o fim da monarquia (BONAVIDES; AMARAL, 2002). A partir desta data, uma reconfiguração da administração estatal foi iniciada. Órgãos e ministérios foram criados ou modificados para atender a reorganização, que se intensificou em 1937, com a imposição do chamado Estado Novo – período ditatorial varguista que se estendeu até 1945, com a deposição de Getúlio Vargas.

Nesta conjuntura, segundo Mônica Velloso (2013), em **Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo**, o Estado buscou inserir os intelectuais no cenário político nacional, com o intuito de servirem estes à organização político-ideológica do regime. Em comparação ao início do século XX, no qual a intelectualidade era vista como promotora de uma visão otimista da vida, os intelectuais da década de 1930 passaram a ser vistos pelo Estado através de uma função ativa, de atuação social e missão consonante à conjuntura histórica. No Estado Novo o intelectual deveria ser o representante da consciência nacional, variando o espaço de atuação, se afastado ou inserido na vida política.

³⁸ ORLANDI, E. **Sentidos em fuga**: efeitos da polissemia e do silêncio. Rio de Janeiro: Ict/Fiocruz, 19 ago. 2014. Palestra ministrada ao Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=u0Y2KGVkm9U>> Acesso em: 14 out. 2016.

Para consolidar seu objetivo, Vargas desenvolveu uma complexa política cultural que englobou a cultura erudita e a popular³⁹. Utilizou, portanto, o Ministério da Educação e Saúde Pública, indicando Gustavo Capanema para a função de ministro, com a intenção de formar uma cultura erudita nacional, enquanto o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), dirigido por Lourival Fontes, teria como propósito orientar as manifestações da cultura popular (VELLOSO, 2013; HOCHMAN, 2001).

De acordo com Lúcia Lippi Oliveira (2013), em **Sinais da modernidade na Era Vargas**: vida literária, cinema e rádio, a partir do Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC), criado em 1934, surgiu o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) em 1939⁴⁰, conforme ilustrado no ANEXO F. Dirigido por Lourival Fontes, voltado às manifestações populares e à cultura popular. Foi utilizado como mecanismo orientador e centralizador de propaganda. Realizou censura ao teatro, esporte, cinema, recreações, imprensa e literatura; organizou manifestações cívicas e demais eventos solenes; além de ter coordenado o programa de radiodifusão oficial. Em resumo, englobava rádio, teatro, cinema, imprensa e turismo (VELLOSO, 2013; OLIVEIRA, L., 2013).

Segundo Velloso (2013), no período anterior a 1930 não era comum a participação dos intelectuais na administração estatal. A partir desta década a atuação dos intelectuais foi redirecionada para o Estado, fato observado a partir da inserção de figuras públicas dentro de Ministérios e órgãos públicos – como Carlos Drummond de Andrade, Oscar Niemeyer, Mário de Andrade, Cândido Portinari, Menotti Del Picchia, personalidades importantes do Modernismo brasileiro. Objetivando integrá-los na construção não apenas ideológica, mas política do regime, participação essa que variou em maior ou menor expressão.

Conforme a autora, absorvendo a capacidade de pensar e atuar, Getúlio conciliou a doutrinação, apropriando-se da produção intelectual desses pensadores,

³⁹ A cultura erudita é assim denominada por exigir de seu público um conhecimento amplo e mais profundo sobre arte e cultura, também chamada de cultura formal ou cultura letrada, geralmente observada nas elites da sociedade. A cultura popular, por sua vez, é aquela associada às massas, com manifestações comuns entre um público amplo. Segundo Chauí (2008), a cultura popular é, na visão dos governos populistas do século XX, uma mistura entre visão romântica, que mantém a ideia da cultura feita pelo povo como algo bom e verdadeiro, e a visão iluminista, de que essa cultura é tradicional e atrasada com relação ao seu tempo, exigindo uma ação pedagógica do Estado.

⁴⁰ BRASIL. Decreto-lei nº 1.915, de 27 de dezembro de 1939. Cria o Departamento de Imprensa e Propaganda e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, DF, 29 dez. 1937, p.29362. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-1915-27-dezembro-1939-411881-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acesso em 11 nov. 2016

à atuação política, essenciais ao desenvolvimento e manutenção do regime, uma vez que o intelectual seria a ferramenta que captaria os anseios e necessidades as quais o Estado materializaria (VELLOSO, 2013). Seguindo este raciocínio, ela afirma,

Na base desta argumentação, transparece a vinculação entre as elites intelectuais e políticas: as primeiras pensam; as segundas realizam. Este pensar vinculado à ação política implica construir os mecanismos de persuasão ideológica, necessários á consolidação do regime (VELLOSO, 2013, p.157).

O Estado Novo varguista utilizou-se das produções que estes intelectuais desenvolviam no período, como, por exemplo, as sátiras e o humor – adotados, de forma crítica, contra políticos –, presentes no teatro de revista, que passaram a ser moldados conforme os objetivos do regime, medida que se repetiu com o samba, carnaval e futebol. Serve também como ilustração a **Revista Cultura Política**, editada pelo DIP, que empregou o debate do nacionalismo como forma de trazer colaboradores, independentemente do cunho ideológico – transladando entre Plínio Salgado, cuja orientação vincula-se ao integralismo, e Nelson Werneck Sodré, de orientação socialista (VELLOSO, 2013).

Para estruturar uma política que se moldasse à sua noção de Estado, Getúlio Vargas serviu-se de todos os artifícios disponíveis para evocar os mais diferentes intelectuais com as mais diferentes análises e proposições. Além destes, explorou hábitos e valores populares, de modo a atrair uma multidão. Com estas intenções, o Estado não relutou em distorcer pensamentos e produções em benefício próprio, como aponta Velloso (2013), por exemplo, ao afirmar que apenas o grupo dos verde-amarelos era utilizado como referência intelectual modernista pelo Estado Novo, igualmente o próprio movimento era exposto como algo homogêneo, não fazendo distinções de suas particularidades e diferentes correntes.

O ato que maior expressou a vinculação entre Estado e intelectualidade foi a posse de Getúlio Vargas como membro da Academia Brasileira de Letras, ocorrido em 29 dezembro de 1943. Embora o ingresso tenha se dado nesta data, Alencar registra em seus diários o processo de aproximação entre a ABL e o ditador, eleito

em 7 de agosto de 1941⁴¹, indicado para a vaga da Alcântara Machado, conforme os trechos que seguem.

28 de julho.

Os jornaes publicaram hoje a carta em que Getulio Vargas declara á Academia Brasileira de Letras que acceita a candidatura á vaga de Alcantara Machado, que ella lhe offereceu.

Getulio termina a missiva apresentando ao presidente da Academia “os protestos de sua [mais] alta estima e distincta consideração”.

Este final mostra o literato.

E o offerecimento da candidatura mostra a Academia.

Como os dois se parecem! (ALENCAR, G., 1941b, p.40-1).

8 de agosto.

Getulio Vargas acaba de ser eleito simultaneamente membro da Academia de Letras e presidente honorario da Associação de Imprensa.

O escandalo, a bem dizer, não é lá muito grande.

Entre os literatos da Academia e os jornalistas da Associação Getulio é bastante homem para fazer figura. Para fazer até figura muito boa.

Sejamos justos, que diabo! (ALENCAR, G., 1941b, p.46).

23 de agosto.

O Tribunal de Segurança condenou a tres annos de cadeia o autor de um livro recente, em que ha idéas separatistas.

Isso foi com certeza para festejar a entrada de Getulio Vargas para a Academia de Letras.

Quando é que começarão a queimar livros no meio da rua?

Talvez não ficasse mal um pequeno auto-de-fé no dia da posse do novo academico.

Se Lourival Fontes fosse mais intelligente, já teria tido tal idéa.

Emfim, pode ser que Cypriano Lage se lembre... (ALENCAR, G., 1941b, p.54-5).

Segundo Velloso (2013), esta associação com alguns intelectuais deu continuidade a uma série de propostas de atuação desse grupo na vida política brasileira. Para a autora, é uma característica da intelectualidade outorgar para si a função conscientizadora e condutora, característica essa que se acentua, sobretudo, em contextos de crise e mudanças históricas marcantes. Nesses momentos, ela se torna presente no processo de organização e reflexão nacional. A partir da inserção desse grupo, suas produções e seus objetivos, novas formas de pensar o Estado, reconceituações e a consolidação de um projeto cultural forte, conciso e doutrinário foram explorados. Esse projeto, observado em certos países naquele período – a citar Brasil, Portugal, Espanha, Itália, resguardadas as particularidades – não passa despercebido por Gilberto de Alencar, que o expunha na escrita de suas memórias.

⁴¹ As datas de eleição e posse de Getúlio Vargas informadas neste parágrafo foram extraídas do site da Academia Brasileira de Letras. Cf.: **GETÚLIO VARGAS**: Perfil do Acadêmico Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/getulio-vargas>> Acesso em: 14 out. 2016.

8 de outubro.

Quando é que o português Antonio Ferro regressará á patria?
Temos [infelizmente] a obrigação de tolerar Lourival Fontes, que aqui nasceu ninguém sabe onde e subiu ninguém sabe como bem porque.
Mas tolerar, ainda por cima, Antonio Ferro, com a sua grande cara de luz cheia e com as suas adulações ao eminente Oliveira Salazar, é positivamente demais.
Antonio Ferro precisa fazer as malas e ir doutrinar noutra freguesia (ALENCAR, G., 1941c, p.72-3).

Igualmente, Lúcia Oliveira (2013) aponta para a influência desse projeto sobre a produção literária durante o Estado Novo brasileiro. Oliveira é enfática em relação à diversidade dessa produção, embora a mesma tenha caminhado em consonância com a ideia de pensar o Brasil, através da exploração dos regionalismos e da identidade nacional. Destacando ainda o surgimento considerável de editoras, responsáveis pela publicação de intelectuais como Gilberto Freyre, Alceu Amoroso Lima, Jorge Amado, Luis da Câmara Cascudo e José Lins do Rêgo.

A autora, como inúmeros outros estudiosos do período – tais como Ângela de Castro Gomes, em **Ideologia e trabalho no Estado Novo** (GOMES, apud PANDOLFI, 1999); Boris Fausto, na transcrição **O Estado Novo no contexto internacional** (FAUSTO apud PANDOLFI, 1999); Silvana Goulart, no livro **Sob a verdade oficial: ideologia, propaganda e censura no Estado Novo** (GOULART apud PANDOLFI, 1999); Maria Helena Capelato, em **Propaganda política e controle dos meios de comunicação** (CAPELATO apud PANDOLFI, 1999); ou mesmo Maria Luiza Tucci Carneiro, em **O Estado Novo, o Dops e a ideologia da segurança nacional** (CARNEIRO apud PANDOLFI, 1999) –, indica a censura que recolheu livros de livrarias, prendeu diretores de veículos de comunicação e, em determinados momentos, buscou impedir publicações de intelectuais que se posicionavam contra o regime e o pensamento autoritário, mostrando também a postura ambígua do Estado frente à intelectualidade (OLIVEIRA, L., 2013). Ou seja, se por um lado o Estado Novo acolheu teóricos e pensadores, cujas elaborações intelectuais eram úteis à ideologia do mesmo, por outro, perseguiu e censurou opositores, como delatou Alencar.

28 de maio.

Cassiano Ricardo disse em Bello Horizonte, numa apologia rebuscada, que Getúlio Vargas é muito amigo dos escriptores.

Tão amigo, digo eu, que lhes impôz uma orthographia por decreto e lhes amordaçou o pensamento.

Com o que todos elles, ao que parece, andam muito satisfeitos.

Aliás, a orthographia simplificada bastante lhes facilitará a tarefa bajulatória: podem [escrever] com um l só que Getulio é ilustre e, sem m, que elle não é nem jamais foi da quinta coluna.

A certos letrados ás vezes convem a economia de letras (ALENCAR, G., 1941a, p.7-8).

24 de junho.

Como era de prever, o nazista Getulio Vargas já deu ordens a Lourival Fontes para que amordace um pouco mais a imprensa, proibindo que esta publique [os] telegrammas de Moscou e principalmente os discursos e proclamações dos homens do Kremlin.

É claro que nem por isso Moscou e o Kremlin deixam de existir.

Hitler, ao proclamar-se campeão mundial contra o communismo, contava justamente com os Getulios e os Lourivaes.

No mundo inteiro só Lourivaes e Getulios podem acreditar em Hitler.

Acreditar, não, porque elles não acreditam: fingem acreditar, afim de ver se ficam por mais tempo no poder.

O medo ao communismo, porém, que foi a melhor arma dos nazistas, já é um espantalho perfeitamente desmoralizado. Só está servindo ainda no Brasil, até que a America do Norte se resolva a acabar com os Getulios e Lourivaes que infelicitam, deshonram e exploram este paiz.

O presidente dos brasileiros dignos é Roosevelt e não o aventureiro gaúcho que ora opprime o pensamento nacional (ALENCAR, G., 1941a, p.24-5).

Estas características já eram observadas e foram expressas nos diários de Gilberto de Alencar há mais de 50 anos. Em 1941 o autor foi capaz de identificar as movimentações políticas e seus desdobramentos com sagacidade, denunciando-as em suas escritas íntimas, tendo em vista o contexto censor e repressor que não permitia manifestações públicas de oposição nos jornais e demais espaços.

Da mesma forma, expôs também os colaboradores do regime, dentre os quais, intelectuais vinculados ao DIP, como Cassiano Ricardo que era, como Menotti Del Picchia e Cândido Motta Filho, conhecido “pelo pensamento centralista e autoritário” (VELLOSO, 2013). A posição ideológica destes pensadores convergia com a postura repressora imposta por aquela ditadura, que apesar de se apresentar como modernizadora punia com uma severidade conservadora, como mostram os resultados acima citados, publicados no livro organizado por Dulce Pandolfi, **Repensando o Estado Novo** (1999), com destaque aos artigos sobre censura e perseguição política, das historiadoras Ângela de Castro Gomes, Silvana Goulart e Maria Luiza Tucci Carneiro. A exposição desses colaboradores está expressa em muitos fragmentos dos diários, como os exemplificados abaixo.

7 de julho.

Cypriano Lage, que é assim uma especie de sub-Lourival, deitou artigo pela A Noite dizendo que a Allemanha, em luta contra a Russia, está salvando o mundo.

Que mundo, Cypriano?

Será porventura aquelle em que você sempre conseguiu viver [cheio de dinheiro] como um príncipe, sem trabalhar, sem ser util a ninguem, á custa dos cofres publicos, com viagem, mulheres e bons hotéis?

Convem que você explique (ALENCAR, G., 1941a, p.31).

22 de setembro.

Os três jornaes nazistas do Brasil publicados sob as vistas amigas de Lourival Fontes, são A Manhã, o Meio-dia e A Noite.

Burricas o dia inteiro... (ALENCAR, G., 1941c, p.67).

Percebe-se, através da leitura dos diários manuscritos alencarianos, que o escritor foi atingido diretamente pela censura imposta pelo Departamento de Imprensa e Propaganda do Estado Novo. Jornalistas e escritores eram igualmente perseguidos pelo regime, que usufruía da colaboração de intelectuais, políticos e do próprio Exército, conforme revela Alencar.

A denúncia de silenciamento, assinalada nas memórias, evidencia a intencionalidade por trás dos registros que, por sua vez, são a expressão da resistência do autor. Alencar resiste ao escrever. O não dito foi escrito, e, para falar, buscou um suporte que ao mesmo tempo o preservaria da perseguição, os diários são objetos simbólicos do ato de resistir, conforme ressalta Eni Puccinelli Orlandi (2014), em palestra ministrada ao Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz, ao afirmar que “onde há censura, há resistência. Onde há silêncio imposto, há sempre a possibilidade dos sentidos migrarem para outros objetos simbólicos”.

Orlandi, ao abordar a Ditadura Militar brasileira (1964-1985), período em que a censura novamente tornou-se um mecanismo de opressão do Estado, auxilia no entendimento sobre silêncio e resistência em períodos de repressão e cerceamento, como aquele vivido e observado por Alencar na primeira metade do século XX.

No momento em que a violência da Ditadura era mais aguda, e a censura já se tinha instalado no cotidiano de todo o brasileiro, formas muito variadas de comunicação e resistência se estabeleceram.

Eram uns dias em que a tortura e a morte ameaçavam qualquer signo que deixasse supor uma discordância com o regime militar. Por medo, já havíamos introjetado a censura, isto é, cada um experimentava, na sua própria intimidade, os limites do dizer.

No entanto, os sentidos proibidos “transpiravam” por qualquer signo “inocente”. Formas de responder à censura faziam sua aparição (ORLANDI, 2015, p.114).

A resposta de Gilberto de Alencar à proibição foi a escrita de seus diários, como revela seu conteúdo. Apesar dos assuntos abordados nos cadernos serem híbridos, o escritor pouco falou de si, centrando-se em discutir os fatos acontecidos no Brasil e no mundo, elemento que reforça a hipótese de as memórias terem sido arquivadas com intencionalidade, ansiando por um leitor. Como elucida Artières (1998):

[...] Sempre arquivamos as nossas vidas em função de um futuro leitor autorizado ou não (nós mesmos, nossa família, nossos amigos ou ainda nossos colegas). Prática íntima, o arquivamento do eu muitas vezes tem uma função pública. Pois arquivar a própria vida é definitivamente uma maneira de publicar a própria vida, é escrever o livro da própria vida que sobreviverá ao tempo e à morte (ARTIÈRES, 1998, p.32).

Dados biográficos são raros, enquanto críticas e denúncias do modelo político, da censura, da realidade econômica, das relações diplomáticas do país, da Segunda Guerra Mundial e seus desdobramentos políticos, e observações sobre o município de Juiz de Fora aparecem de forma considerável em suas 96 páginas. Embora, ao mesmo tempo em que denuncie Vargas e seus partidários, exalte figuras pelas quais nutria admiração, a exemplo de falecidos companheiros de profissão.

12 de outubro.

Está anunciada a visita de Lourival Fontes a Juiz de Fóra, onde será festivamente recebido pelos jornalistas locais.

Jornalistas locais ou jornalistas feccas?

O que vale é que Estevam de Oliveira, Heitor Guimarães, Mario Magalhães, Francisco Lins e outros já estão enterrados há muito tempo (ALENCAR, G., 1941c, p.74-5).

21 de junho.

Diz o meu calendario [e com certeza também o teu] que o inverno começou hoje.

É possível.

A verdade, porém, é que está fazendo frio há muito tempo.

Espera-se, mesmo, que com a entrada do inverno o frio acabe.

Ahí está um que não obedece aos dictames do Dip.

Nem tudo se perdeu ainda no Brasil, graças a Deus, pois que o frio se insurge (ALENCAR, G., 1941a, p.21-2).

O fato de os diários possuírem muitos elementos de reflexão e crítica às autoridades e ao regime faz com que sejam obras de caráter político e de resistência, através da qual Alencar atuou como um jornalista que, independentemente da censura vivida, empregou os diários como forma de vociferar contra os tiranos daqueles tempos, a citar Vargas, Hitler, Mussolini, entre outros.

Como o frio que, em 21 de junho de 1941, insurgiu contra o DIP, Gilberto de Alencar insurgiu contra Vargas, seu Estado Novo e sua tirania.

4 DIÁRIOS ALENCARIANOS: MANUSCRITOS

Eu prefiro viver uma vida curta e gloriosa do que
uma longa, porém, na obscuridade.
Alexandre, o Grande

[...] a astúcia de apreender o detalhe, de captar o
não dito, de fazer falar o silêncio das fontes, de
estudar uma fonte pelas suas margens. Através
desses caminhos, o involuntário também pode
falar no interior de uma fonte voluntária.
José D'Assunção Barros

A princípio esta dissertação abordaria o livro **Itália Intrépida**, de Gilberto de Alencar, no qual é relatado o conflito ítalo-etíope ocorrido em 1935, mesmo ano da publicação. Entretanto, o contato com os diários alencarianos – a partir de aulas ministradas pela orientadora e professora Dr^a. Moema Rodrigues Brandão Mendes e visitas constantes ao acervo do Museu de Arte Murilo Mendes – foi alterado o objeto desta pesquisa. Em 1^o de agosto de 2015, a referida orientadora aconselhou a pesquisadora a investigar os diários manuscritos do autor.

De acordo com Antonio Candido (2005), manuscrito (Ms.), ou autógrafo, é todo texto escrito à mão pelo autor, diferindo do Ms. apógrafo, que é o translado, ou seja, a cópia fidedigna de um manuscrito realizada por um terceiro. Cabe ressaltar que, apesar da convergência no entendimento de Ms. entre os autores Antonio Candido e Cecília Almeida Salles (2000), Candido trata dos manuscritos como autógrafos e apógrafos, Salles considera ambos como documentos de processo, ou seja, todo e qualquer registro material do percurso e do processo criador pode ser expresso à mão, datiloscrito ou impresso.

Nas sociedades antigas, em que a escrita se encontrava restrita a um pequeno grupo, havia guardiões dos códices⁴² reais, cumprindo função similar a dos historiadores. Desde a Antiguidade, a preocupação com o registro e preservação de informações se encontrava presente, sendo a maior expressão desta prática a criação da Biblioteca de Alexandria, entre 322 e 146 a.C. Desenvolveu-se daí a codicologia, ou seja, o estudo da técnica do livro manuscrito (CAMBRAIA, 2005).

Os Mss. dos diários alencarianos são documentos originais, escritos à mão, não sendo localizado até a presente data, nenhum translado autógrafo ou apógrafo dos mesmos. Conforme exemplificado aqui, possuem testemunhos e discursos do

autor sobre os acontecimentos narrados, representam o registro físico de um momento reflexivo, constituindo-se, portanto, como patrimônio⁴³ material, por conter informações de grande relevância para a compreensão do período histórico no qual Alencar estava incorporado, como ilustra o fragmento a seguir:

27 de julho.

A Associação Brasileira de Imprensa vae collocar em sua séde o busto de bronze de Getulio Vargas.

Justissima homenagem ao homem sob cujo governo os jornaes do paiz estão atravessando o mais longo periodo de amordaçamento que jamais conheceram.

É verdade que Getulio lhes deu um palacio, á custa dos cofres publicos.

Mas seria a mesma coisa, se não houvesse dado nada (ALENCAR, G., 1941b, p.40).

O pesquisador da crítica genética, ao investigar os diários, procura esclarecer os caminhos seguidos pelo escritor e depreender o processo que dirigiu o desenvolvimento da obra. Reanima os documentos que estavam adormecidos, projetando e preservando o patrimônio escrito. Garante o não alheamento dos rastros deixados pelo escritor durante o processo de criação, e projeta ecos das vivências, observações, discurso e herança imaterial perpetuados por quem os escreveu (SALLES, 2000).

O contato com os documentos deixados pelo autor permite penetrar na intimidade da criação e possibilita revisitar os momentos retratados pelo literato. Desta forma, também são analisadas as características dos cadernos aos quais recorreu – tais como tipo de papel, caligrafia, estado do texto e datação da obra –, pois constituem características importantes para a verificação da autenticidade de um documento, em virtude da presença de elementos grafológicos e temporais que os mesmos carregam (CANDIDO, 2005). São fundamentais para a investigação, denominados acessórios:

O primeiro [aspecto acessório] é a sua realidade material (aspecto, papel, caligrafia, tipo, estado do texto etc.) mais a sua história (por quem, como,

⁴² Denomina-se códice “o conjunto de Mss. cosidos ou encadernados” (CANDIDO, 2005, p.26).

⁴³ Entende-se por patrimônio material todo e qualquer bem tangível que configure um bem histórico, artístico e/ou arquitetônico para determinada sociedade e/ou cultura. Por sua vez, patrimônio imaterial é todo e qualquer bem intangível, como costumes, práticas, conhecimento (p. ex.: rituais religiosos, formas de cumprimentar, cantigas, entre outros). Cf.: BRASIL. **Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937**, e ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial, aprovada pela Conferência Geral da UNESCO em Paris no dia 03 de novembro de 2003.**

onde, quando, em que condições foi escrito). É, por assim dizer, o corpo da obra literária e a história deste corpo.

O segundo [aspecto essencial] é a sua realidade íntima e finalidade verdadeira: natureza, significado, alcance, artístico e humano. É, desse modo, a sua alma (CANDIDO, 2005, p.13).

Ambos os aspectos, acessório e essencial, devem ser trabalhados em conjunto, um complementa o outro, sendo indissolivelmente ligados. Em síntese, os Mss. deixados por Gilberto de Alencar representam o registro material do processo de sua criação, que é intangível, ao passo que os diários possuem um caráter retrospectivo, porque estão fora do momento de criação de suas obras, possuindo grande variedade de índices, ou seja, contêm vestígios do processo criador (SALLES, 2004).

Estes diários podem ser considerados, portanto, fonte histórica direta⁴⁴, ou seja, um registro produzido pelo autor sem interferência de terceiros, servindo à compreensão daquele contexto a partir da concepção do literato.

[...] são fontes históricas tanto os já tradicionais *documentos textuais* (crônicas, memórias, registros cartoriais, processos criminais, cartas legislativas, obras de literatura, correspondências públicas e privadas e tantos mais). Como também quaisquer outros que possam nos fornecer um testemunho ou um discurso proveniente do passado humano, da realidade um dia vivida e que se apresenta como relevante para o Presente (BARROS, 2012, p.130).

O trabalho de análise da intencionalidade no processo criativo dos mesmos permitiu que fossem identificados testemunhos do autor em relação a sua época e aos conflitos inerentes a ela. Tais testemunhos, comuns a certas fontes históricas, além de serem dotados de informações, também evidenciam o discurso ideológico que o autor possui:

[...] nas fontes de natureza autoral, pode estar implicada uma posição ideológica em relação aos fatos de que o texto trata. A "intencionalidade", ou não, de uma fonte traz implicações relacionadas à posição ideológica de seus autores (BARROS, 2012, p.140).

Ao perpetuar nos diários sua posição ideológica Alencar permite supor que há intenção no registro de suas memórias, sendo produzidos os referidos manuscritos de forma voluntária. Tomando como amparo teórico José D'Assunção Barros (2012),

⁴⁴ Optou-se pelos termos **fonte direta** e **fonte indireta** para definir as chamadas fontes primárias e secundárias, respectivamente, pois, segundo Barros, (2012), estas últimas caíram em desuso.

podem-se classificar estes Mss. como fontes diretas voluntárias, ou seja, registros intencionais, sobre aquele período, produzidos pelo autor conforme sua posição ideológica.

Em sua descrição física, os diários possuem capa azulada, medem aproximadamente dezessete centímetros de largura, por vinte e quatro centímetros de altura. As folhas se encontram amareladas pelo tempo. Na capa do caderno há duas figuras representando um casal segurando a Bandeira Nacional, nele está registrado **Caderno Juvenil, dezesseis folhas**. Ao lado esquerdo, na parte superior do mesmo, identifica-se um carimbo circular em vermelho com as seguintes palavras: **Inspetoria Escolar Juiz de Fora**. No centro do carimbo, o autor numerou os cadernos em **1, 2 e 3**. Nas contracapas dos **Cadernos 1 e 2** encontra-se a letra do Hino à Bandeira, escrito por Olavo Bilac, e na contracapa do **Caderno 3** está grafado o Hino Nacional Brasileiro, escrito por Osório Duque Estrada e música de Francisco Manoel da Silva.

Os documentos foram escritos à mão pelo autor, que, cuidadosamente, numerou continuamente todas as páginas dos diários, totalizando noventa e seis, intitulado-os **No reinado de Lourival**. Seu conteúdo é híbrido, permeando temas como política, literatura, história e fatos vivenciados em seu cotidiano.

Supõe-se, portanto, que recorreu aos cadernos como suportes memorialísticos, com a intencionalidade mencionada anteriormente, devido a um possível silenciamento forçado, imposto pela ditadura varguista através do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), dirigido por Lourival Fontes, como revelou ao afirmar ser “Muito mais fácil é lançar ao papel, todas as noites, algumas notas e observações que outrora passariam por inocentes ou inocuas e neste momento levariam, se publicadas, o autor à cadeia (ALENCAR, G., 1941a, p.01), convergindo com o pensamento de Laís Guaraldo (2006) ao caracterizar os cadernos como

Suportes ágeis que guardam reflexões rápidas, detalhes de acontecimentos vividos e informações de todo o tipo de natureza, cadernos podem estar relacionados a um projeto específico, ou terem um caráter de diário ou agenda, de registro cotidiano (GUARALDO, 2006, p.80).

Reiterando, quanto aos motivos que levaram o escritor a arquivar suas memórias, a leitura dos diários permitiu à pesquisadora justificar a escrita por

influência do período histórico – como a Segunda Guerra Mundial, que cria posições polarizadas e movimentações geopolíticas importantes, apontadas recorrentemente nos diários, a citar controle de informações sobre os êxitos soviéticos e a aproximação do governo brasileiro com o governo salazarista português, por exemplo; também a censura, os altos preços e imposições do Estado Novovarguista – e de situações às quais homens de letras, como Alencar, estavam submetidos, como mudanças na Língua Portuguesa, regulamentação de profissões como a de jornalista, entre outras.

Figuras importantes transitaram no decorrer da narrativa dos diários, entre as quais personalidades políticas, religiosas, literárias e artísticas, como Getúlio Vargas, Franklin Delano Roosevelt, Winston Leonard Spencer-Churchill, Adolf Hitler, Henri Philippe Benoni Omer Joseph Pétain, Charles André Joseph Marie de Gaulle, Antônio de Oliveira Salazar, Lourival Fontes, Pedro Aurélio de Goés Monteiro, Papa Pio XII, Lindolfo Gomes, Cassiano Ricardo, Tristão de Athayde, Adalgisa Nery, Estevam de Oliveira, Luiz Nicolau Fagundes Varela, Ary Barroso e Carmen Miranda.

Identificou-se, ainda, registros de fatos da vida privada do autor e suas impressões sobre as temáticas relatadas, dentre as quais se destacam a Reforma Ortográfica de 1931 – homologada em 1938 e implementada apenas em 1941 –, observações sobre encontros eventuais com amigos, comportamentos e costumes da sociedade da época, indicações de confrades à Academia Brasileira de Letras, críticas aos defensores e colaboradores do Estado Novo varguista, do nazismo e do fascismo, conforme exposto abaixo:

4 de agosto.

Volta a correr rumores de que o totalitario Hitler e o totalitario Franco pretende invadir Portugal, dirigido pelo totalitario Salazar.
E depois dizem que lobo não come lobo (ALENCAR, G., 1941b, p.44).

8 de agosto.

Getulio Vargas acaba de ser eleito simultaneamente membro da Academia de Letras e presidente honorario da Associação de Imprensa.
O escandalo, a bem dizer, não é lá muito grande.
Entre os literatos da Academia e os jornalistas da Associação Getulio é bastante homem para fazer figura. Para fazer até figura muito boa.
Sejamos justos, que diabo! (ALENCAR, G., 1941b, p.46).

Evidencia-se, portanto, o caráter documental dos manuscritos, uma vez que o “[...] documento afirma-se essencialmente como um testemunho escrito. Deve-se extrair tudo o que ele contém e não acrescentar-lhe nada” (QUEIRÓZ, Rita, 2015,

p.66). O ato de expor as memórias, adotado por Alencar nos diários, sobre-excede o espaço e o tempo. Seu conteúdo, apesar de híbrido – trafegando entre política, cultura, economia e vida privada – e pertencente a uma determinada época, a saber os anos 1940, pode se propagar por todos os instantes, servindo como fonte para compreensão dos momentos observados e vivenciados pelo literato.

O resgate dos diários permitiu uma releitura dos anos 1940, através do olhar de Gilberto de Alencar, revelando a censura mandatória do Estado Novo, através do DIP e de seu diretor, Lourival Fontes. Afirma que toda a imprensa brasileira foi amordaçada, sendo cerceada, portanto, a liberdade de expressão. Através deste testemunho, e das pistas deixadas na sua escrita, o literato deixa mostra da intencionalidade no registro, quando, por vezes, parece dialogar com um leitor.

Mas, ao contrário de **O escriba Julião de Azambuja** (1962), romance carregado de elementos autobiográficos – em que o escriba Gilberto se define como “casmurro” (ALENCAR, G., 1962, p.18), “metódico” (ALENCAR, G., 1962, p.93), “contraditório” (ALENCAR, G., 1962, p.90), observador, com preferências pelo isolamento, possuidor de um “genio esquentado” (ALENCAR, G., 1962, p.91), sendo a “palmatória do mundo” (ALENCAR, G., 1962, p.85) –, os cadernos-diários reiteram a postura de falar pouco sobre si, possivelmente por serem narrados por Gilberto, e não por outro personagem no qual ele busque se refletir. Podemos, portanto, afirmar que há escassez de informações biográficas nos diários ao contrastarmos estes manuscritos com as definições que o escritor faz do personagem Julião de Azambuja, naquele romance de características autobiográficas.

Esta característica, aliada à forma com que denuncia os fatos no registro de suas memórias, permitem supor que os diários são uma obra política e de resistência, através da qual o autor cumpre sua função de jornalista, independentemente do silêncio imposto. Ecoando, no presente, as informações outrora ocultadas, relevantes hoje à compreensão da história do Brasil, mostra rupturas e continuidades na situação da política e sociedade brasileiras, sendo, por isso, reflexões atemporais. Sobre essas reflexões, em especial, os diários, não há, até a presente data, nenhuma pesquisa ou trabalho publicado, sendo este o primeiro.

5 UM PENSADOR CASMURRO

Arquivar a própria vida é desafiar a ordem das coisas: a justiça dos homens assim como o trabalho do tempo.
Philippe Ariès

Esta reconstrução biográfica, paralela à análise dos diários, é possível relacionar a memória de Juiz de Fora às memórias pessoais do autor, como mostra Bellodi (2008) ao afirmar que as “vivências misturam-se às coisas que a memória registra parcialmente” (BELLODI, 2008, p.68). Transitando entre relatos autobiográficos e a história do município, Alencar demonstrou enorme apreço e sincera gratidão ao empreender o resgate das memórias constituídas por ele desde sua chegada à cidade, no artigo **Reminiscencias de Juiz de Fora**, publicado em 1950, para o centenário de Juiz de Fora, na **Revista Ilustração Brasileira**.

Juiz de fora tinha trinta mil habitantes, a vida corria mansa e tranquila, havia tempo vago para a conversa amável na sala das redações ou à mesa dos cafés, entre amigos de verdade. Falava-se de letras, de música, de pintura e um pouco também de política (ALENCAR, G., 1950, p.58).

Considerado um homem simples, de poucas palavras, que evitava autopromoções como lembra Nóbrega (2001), Gilberto ao completar 50 anos atuando como jornalista, em 1955, recusou-se a receber homenagens, limitando-se a conceder somente uma breve entrevista ao **Diário Mercantil**.

Agora sou um homem da família. O meu maior orgulho é ter chegado a Juiz de Fora ganhando 60 mil reis e ter criado e educado toda a minha família. Acho que é só. Se faltar alguma coisa, depois você me pergunta (O ULTIMO..., 1955, p.6).

Nesse diálogo falou sobre sua atuação jornalística, a relação com outros autores e intelectuais, sua atuação pública e posição política, além das influências literárias e reflexões pessoais, mantendo sempre a postura reservada. Na projeção do real visto por Gilberto, e registrado nos diários, ainda evitando falar de si, deixa escoar entre os acontecimentos universais ali perpetuados sua própria vida, como sinaliza a seguinte citação:

20 de maio.

Quando me informaram que o meu vizinho do 885 apanhara o typho, tive uma grande pena delle, embora estejamos de relações mais do que cortadas. Disseram-me depois que não se trata de typho, mas de tuberculose galopante. A minha pena, então, diminuiu muito. Será porque o typho, mesmo a trinta metros, constitue perigo, ao passo que a tuberculose, a essa distancia, não offerece perigo nenhum?

Não vale a pena ir ao fundo da consciencia, para saber... (ALENCAR, G., 1941a, p.2).

Revela sua autoimagem, somando características diferentes das até então propagadas por terceiros, construindo-a, immortalizando-a e resistindo, não apenas ao silenciamento imposto durante aquele contexto, mas ao tempo e à morte. Caminhando em consonância com Phillipe Artières (1998), ao afirmar que:

Arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência (ARTIÈRES, 1998, p.11).

A prática de tecer reflexões e expor opiniões acerca de conflitos importantes em suas obras – a exemplo da Revolução Liberal de 1842, abordada no livro **Prosa Rude** (1926); do conflito ítalo-etíope, tema de **Itália Intrépida** (1935); do suicídio de Vargas em 1954, citado em **O escriba Julião de Azambuja** (1962) –, descortina o argumentador refletido nos cadernos-diários narrados em 1941.

Na escrita dessas memórias de caráter universal, a personalidade, as crenças e as convicções do literato se manifestam nas linhas envelhecidas e amareladas daqueles registros, notabilizando o pensador, literato e jornalista. As reflexões constantemente acompanham a produção de Alencar, como ilustram os seguintes fragmentos:

[...] A influencia do cinematographo sobre a educação, sobre os costumes, sobre a mentalidade popular tem sido de tal ordem, que é muito facil saber-se se um determinado habito e colectivo é de antes do cinema ou de depois delle. [...]

Não é possível que se deixe a Hollywood o direito de orientar o mundo, urgindo cortar-lhe as azas.

Porque, pelo jeito que as coisas vão tomando, ou o mundo reage contra Hollywood, ou Hollywood acaba governando o mundo, dictatorialmente.

Contra essa dictadura, que tem nas mãos uma arma poderosissima, a reacção precisa ser forte, não demorada e implacável (ALENCAR, G., 1934, p.5).

26 de julho, sabbado.

Depois que se introduziu no Brasil o week-end, o sabbado ficou sendo um dia intoleravel.

Macaquear usos estrangeiros [a torto e a direito] dá sempre resultados ridiculos.

É como um individuo muito magro, a querer [vestir] roupas largas, ou muito gordo, a querer [vestir] roupas apertadas.

Week-end para ficar em casa, bocejando, é coisa que faria rir até mesmo ao inglez mais sizudo.

Nós, porém, não rimos.

Ao contrario.

É com a maior melancolia deste mundo que passamos os nossos sabbados.

E ás vezes tambem os [nossos] domingos (ALENCAR, G., 1941b, p.39-40).

As citações acima desvendam a concepção de Alencar a respeito da inserção de costumes estrangeiros no país. Na crítica à adoção da cultura estadunidense, deixa transparecer a preocupação com a possibilidade de desvalorização e perda da cultura nacional. Em combinação a esta postura, o tradicionalismo e a valorização do trabalho mostram-se preocupações constantes do escritor, valores os quais, em 1955, relembra com saudosismo:

22 de maio.

Dia santo de guarda. Ninguem trabalhou, nem nas repartições publicas, nem no commercio, nem nas industrias. Quanto a pensar em Deus ou a fazer o bem é, duvidoso que um decimo por cento da população tenha tido tempo para isso. A Igreja, porém, ficou satisfeita, e o Estado com ella. E mais satisfeitos ainda do que os dois ficaram aquelles que aproveitaram o dia para se divertirem. Não ha a menor duvida que o ministerio do Trabalho acabará mesmo endireitando o Brasil. É questão de esperar um pouco (ALENCAR, G., 1941a, p.03).

Não existia salario minimo, cada qual ganhava segundo o seu esforço e competencia, e o pouco que se ganhasse sempre dava para a conta do armazem. Via-se em público, muita gente de pé no chão, mas ninguem, ou quase ninguém, andava de barriga vazia ou sub-alimentado. Eram raras e espaçadas as diversões, sem cinema, sem futebol, sem bingo e sem “boite”, mas o povo não andava triste pelas ruas, de sobrececho carregado, com cara de poucos amigos, antes trazia aberta a fisionomia, sabendo rir a bom rir, a proposito de tudo e de nada (ALENCAR, G., 1955, não paginado).

A nostalgia evidenciada demonstra que as reflexões alencarianas carregam certo grau de sentimentalismo. Realçado também nos trechos em que pondera sobre o impacto das guerras sobre a vida e as cidades:

5 de junho.

Irritei-me hoje profundamente e passei tudo o dia de mau humor, por me haverem atirado uma pedra ao telhado o que deve ter feito uma possível goteira para as proximas chuvas.

Entretanto, tenho pensado muito em Londres sob os bombardeios aereos e procurado fazer uma idéa do horror que isso representa.

Mas parece que importa mais uma pedrada sobre a minha casa (ou sobre a tua) do que uma chuva de bombas terriveis sobre uma grande cidade além dos mares.

Quem sabe? Importa mais uma pedra atirada ás minhas telhas (ou ás tuas) do que um incendio total na casa do vizinho (ALENCAR, G., 1941a, p.12-3).

10 de junho.

Nas guerras antigas, dos tempos pouco civilizados, os exercitos chocavam-se nos campos de batalha, enquanto os velhos, as mulheres e as crianças ficavam em casa, resguardados.

A guerra civilizada de hoje é diferente.

Os soldados quasi não se enfrentam no terreno.

Limitam-se, o mais possível, a bombardear, da terra e dos ares, as populações indefesas.

O maior concurso da Allemanha para a civilização moderna é sem duvida esse.

Esse é, pelo menos, o que a gente vê desde logo, sem grande esforço (ALENCAR, G., 1941a, p.16).

Mesmo que, por vezes, associado a algo ruim, como o pessimismo e os abismos – como os problemas cotidianos, comuns a todos – Alencar extrai o que há de bom nessa profusão de sentimentos, demonstrando a sabedoria e a maturidade adquiridas ao longo de sua vivência, que corroboraram para seu engajamento:

Teríamos, por exemplo, de incluir toda a notícia de Almir de Oliveira na sua conferência “Poetas e Prosadores de Juiz de Fora”, onde lembra que Gilberto acredita em que o pessimismo tem seu lugar na edificação da sociedade, como elemento de equilíbrio contra o otimismo despreocupado dos outros (O ULTIMO..., 1955, p.6).

12 de junho.

Li hoje que entre ter uma idéa, ou mesmo uma resolução, e pô-la em pratica, vae um abysmo.

Isso leva a crer que milhões de abysmos são transpostos [ou entupidos] a cada instante que passa.

Mas, tambem, a cada minuto que passa, quantos e quantos milhões de abysmos ficam abertos entra a idéa e a realização?

Talvez a vida fosse muito outra, se não houvera tantos abysmos não transpostos ou intransponiveis.

Talvez fosse outra, melhor ou peor. Provavelmente peor (ALENCAR, G., 1941a, p.12)

Engajamento observado desde o início de sua atividade profissional, quando precocemente divulgava, de forma anônima, seu primeiro periódico semanal, manuscrito, ainda em 1902. Quando participou da campanha civilista, fato rememorado por ele em diversos registros. Também pelo reconhecimento recebido por pessoas que o buscavam para intermediar conflitos, desempenhando o papel de homem justo, legitimado por seu trabalho e sua postura.

Jornalista, literato e intelectual reconhecido pelo exercício de seu trabalho e experiência de vida, como um pensador que “partilha com os grupos a que pertence uma boa dose de ‘senso comum’, de uma filosofia implícita de vida” (BOSI, 2003, p.416), Alencar contribuiu não apenas com as letras mineiras, mas também fornecendo uma nova forma de pensar a política e sociedade brasileiras.

Todos os homens são intelectuais – pode-se dizer; mas nem todos os homens tem na sociedade a função de intelectuais. Não se pode separar o *homo faber do homo sapiens*. Todo homem, fora da sua profissão, exerce alguma atividade intelectual, é um “filósofo”, um artista, um homem de gosto, participa de uma concepção do mundo, tem uma linha de conduta moral: contribui para sustentar ou para modificar uma concepção do mundo, isto é, para suscitar novos modos de pensar (GRAMSCI apud BOSI, 2003, p.413).

Essa contribuição deu-se durante o período em que viveu e após sua morte, através do legado por ele deixado, como seus artigos, livros, palestras registradas, notas e manuscritos. O ato de desarquivar seus cadernos-diários amplia a recuperação de seu patrimônio e permite que se faça uma releitura daquele período e deste escritor

[...] assim, este caderno será submetido à apreciação de quem quiser ler. Ficará inédito? Certamente. Sobretudo se eu der a ele o caráter de reprodução de uma realidade lembrada que foi vivida, sem mascarar significativamente os nomes de pessoas e fatos que as envolvem e que, das mais diversas formas, interferiram na nossa vida (BELLLODI, 2008, p.66).

Através dessa releitura, compreende-se melhor a postura do pensador, literato e jornalista, durante os anos em que sofreu com as imposições da ditadura varguista. Enquanto parcela significativa dos intelectuais daquele período eram cooptados pelo Estado, o acadêmico não estava alinhado ao modo de pensar, viver e agir representado por esses pensadores

Os profissionais leigos, que foram substituindo a ação do clero culto herdaram desde um modo supratemporal de se qualificarem perante a sociedade civil. Ao contrário dos orgânicos, a quem apraz servir com prestância os projetos do grupo empresarial ou da burocracia, os novos clérigos reputam-se autônomos, revestidos de signos que lhes são peculiares (GRAMSCI apud BOSI, 2003, p.412).

A intelectualidade que serviu ao Estado Novo brasileiro era denominada orgânica por Gramsci (2003), em razão de seu papel de prestar serviço às elites

empresariais e burocráticas, auxiliando na manutenção das mesmas no poder. Aos que não se encaixavam nesta categoria, deu-se a denominação de eclesiásticos, os quais se caracterizavam pela autonomia política e intelectual.

Com base nas argumentações registradas pelo literato nos diários, em entrevistas, artigos e romances em que publicizava sua posição política, é possível supor que o pensador alencariano assemelha-se mais aos intelectuais eclesiásticos, dada sua autonomia. Não endossava “os mecanismos de persuasão ideológica, necessários à consolidação do regime” (VELLOSO, 2013, p.157). Gilberto de Alencar mantinha-se em contrassenso.

Outra coisa; quando vim para cá procedia de São João Neponuceno onde dirigi “A voz do povo” folha em que fiz a campanha civilista... na qual resultou a candidatura de Ruy Barbosa. Mas em política sempre fui livre – atirador, oposicionista de um modo geral. [...]

Em 1917 ajudei a fundar a Liga Mineira pelos Aliados. E por falar em combate – os dois homens que mais combati – marechal Hermes da Fonseca, como candidato, Getulio Vargas, como ditador, presidente e politico (O ULTIMO..., 1955, p.6).

A partir desse posicionamento expresso nessa entrevista e nos diários, compreende-se a postura obstinada de oposição do literato a Getúlio Vargas e aos seus partidários, sobretudo Lourival Fontes, então diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda daquela ditadura, responsável pela censura e perseguição a jornalistas e periódicos que desaprovavam e/ou conflitavam com as ações do governo autoritário.

8 de junho.

Termina esta semana o prazo para que toda a imprensa do paiz adopte a orthographia simplificada.

Lourival Fontes, guedelhudo homem que ninguem sabe quem é, nem de onde vem, e que Getulio Vargas transformou em chefe do Dip (o Dip e o Dasp hão de acabar fazendo do Brasil um circo de cavallinhos), expediu ordens á policia no sentido de apprehender qualquer jornal que se não submetta ás regras orthographicas do governo (ALENCAR, G., 1941a, p.14).

30 de julho.

Por ordem do Dip, os jornaes italianos e allemães que se publicam no Brasil terão que aparecer, de agora em deante, em portuguez.

Lourival Fontes sabe muito bem que não basta isso para que elles deixem de ser fascistas e nazistas.

Acabar com o fascismo e com o nazismo, no interesse do Brasil?

Não vê!

Isso seria acabar com os Lourivaes (ALENCAR, G., 1941b, p.42).

A crítica ao ditador e a seu chefe de propaganda imperam em meio às memórias descritas pelo pensador em **No reinado de Lourival**. Por ser colaborador ativo de Vargas e, possivelmente, atingir o exercício profissional de Alencar, Lourival Fontes tornou-se o objeto de ataque direto de um atuante jornalista, apaixonado por seu ofício, e determinado em sua oposição.

A questão ortográfica, abordada também nos cadernos-diários, aparece com bastante frequência e, embora implementada somente no ano de escrita dos diários, em 1941, por intermédio do então presidente do Brasil, Getúlio Vargas, já era assunto debatido pelo pensador em 1929, antes mesmo da chegada de Vargas ao poder, como mostra o artigo **O calendario e a orthographia** (1929):

No Brasil, em particular, ha quem deseje agora, no meio de tanto problema serio a exigir estudo, ha quem deseje reformar a orthographia por decreto, como se nessa historia da linguagem escripta a evolução não valesse nada e tudo se pudesse normalizar por meio de leis do Congresso...
[...]Decretar uma orthographia e, eis o de que se quer cuidar no Brasil (ALENCAR, G., 1929, p.9).

Os problemas serios e importantes são tantos e tão complicados, que talvez seja mesmo mais pratico ou melhor deixal-os de lado e tratar de ... fazer colher de pau com cabo bem bordado.
Os problemas serios e temiveis que se resolvam por si ou que não sejam nunca resolvidos (ALENCAR, G., 1929, p.9).

Homologada em 1938, oriunda do Acordo Ortográfico Luso-Brasileiro de 1931, a reforma da língua, visando à simplificação da escrita, foi comentada por inúmeros intelectuais do período, segundo afirma Mayrink (2008). O primeiro fragmento acima evidencia que determinadas reflexões presentes nos diários não partiram apenas da ascensão de Vargas ao poder, foram, antes, inflamadas por este fato. Enquanto o segundo mostra o pensador preocupado com as questões sociais e humanitárias inerentes ao país, tendo em vista a existência, segundo o escritor, de problemas mais complexos, e ainda não resolvidos, a serem sanados. Ambas as citações, somadas aos registros, outrora silenciados, constituem peça essencial à compreensão da crítica alencariana.

6 EDIÇÃO DE FONTES: metodologia e outros fundamentos

Os diários de Gilberto de Alencar dividem-se em três cadernos, somando 96 páginas contínuas, denominados **No reinado de Lourival**. Para a transcrição dos manuscritos (Mss) na presente dissertação, optou-se pela reprodução direta, sem paginação, para facilitar o acompanhamento da leitura e manter a clareza nas informações compiladas pelo escritor, mantendo-se, também, a ordem estabelecida nos manuscritos. Entretanto, no decorrer da dissertação, as citações retiradas dos diários foram referenciadas conforme a paginação dos Mss. autógrafos.

As variáveis – correções e/ou alterações de texto realizadas pelo autor em seus Mss. – foram preservadas, sendo registradas sob colchetes. Os fragmentos e/ou acréscimos grafados pelo escritor nas margens inferiores das páginas foram assinalados sob chaves. A mudança de paginação foi demarcada com o uso de barras. Todos os demais sinais de marcação presentes no traslado, como parênteses e grifos, por exemplo, foram registrados pelo próprio literato.

Decidiu-se ainda pela manutenção da ortografia utilizada por Alencar. Embora tenham transcorrido 74 anos e a mesma tenha sofrido incontáveis alterações, a escrita dos diários possui fácil entendimento, permitindo ao leitor o trânsito entre o passado e o presente na nossa língua. Igualmente, a Reforma Ortográfica de 1941, registrada pelo escritor nos cadernos, constitui uma determinante no resgate linguístico daquele período.

Foram elaboradas notas de caráter explicativo que sejam de grande importância para a compreensão da memorialística alencariana contida nos manuscritos. Estas notas ou fontes foram registradas em Arial 12, com espaçamento 1,5 entrelinhas, já que as mesmas constituem parte integrante da proposta desenvolvida nesta dissertação.

Foram priorizadas informações significativas para o entendimento do conteúdo expresso nos diários, a citar os de cunho histórico-político, literário, linguístico e particular. Conforme exposto, segue a transcrição dos manuscritos:

“Gilberto de Alencar

No reinado de Lourival

Primeiro caderno

Homem de imprensa apesar de tudo, ocorreu-me hoje, 18 de maio de 1941, numa hora de ocio, que ha mais de tres annos andam amordaçados os jornaes no Brasil.

É curioso como se pode viver com a mordança tanto tempo.

Até quando durará isso?

Seria difficil dizel-o.

Muito mais facil é lançar ao papel, todas as noites, algumas notas e observações que outróra passariam por innocentes ou innocuas e neste momento levariam, se publicadas, o autor á cadeia

¹. Assim, não se destinam ellas á publicidade e ficarão nestes cadernos apenas para servirem, mais tarde, como uma lembrança destes tempos difusos, em que reina Lourival Fontes², senhor da imprensa, dono dos jornaes...

¹ O autor denuncia diretamente a censura imposta pela ditadura aos jornais naquele período. Afirma ainda que o diário seria proibido naquele momento devido ao seu conteúdo, podendo levar Gilberto de Alencar à cadeia como consequência da perseguição aos jornalistas opositores ao regime vigente.

² Lourival Fontes, de acordo com Gilberto de Alencar (ALENCAR, G., 1941b, 36-7), era natural de Sergipe, região nordeste do Brasil. Segundo Lúcia Lippi Oliveira (2001), era adepto ao fascismo, sendo apelidado de Goebbels tupiniquim. Dirigiu o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC), em 1934, convertido em Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) no ano de 1939. Como evidenciam os diários alencarianos, foi o principal responsável pelo controle da imprensa no Brasil, instituindo a censura aos meios de comunicação, e estendendo-a ao cinema, recreações e literatura. Por coadunar com os ideais nazifascistas, identificando-se com os países que faziam parte do grupo do Eixo – Alemanha nazista, Itália fascista e Império do Japão – afasta-se da direção do DIP em 1942, quando o Brasil se aproximou dos países Aliados – Grã-Bretanha, Estados Unidos da América e União Soviética –, durante a Segunda Guerra Mundial. De acordo com a autora, foi o

principal articulador na relação entre o regime ditatorial varguista e a imprensa, o que o levou a ser alvo das críticas dos meios de comunicação oposicionistas direcionadas ao governo autoritário (OLIVEIRA, 2001). Durante o segundo mandato de Getúlio Vargas (1951-1954) assumiu o cargo de chefe do Gabinete Civil, permanecendo neste até o suicídio do então presidente. Entretanto, devido à sua proximidade com Carlos Lacerda, destacado opositor ao governo Vargas, foi acusado de traição, denúncia reforçada por sua ex-esposa e enteado, Adalgisa e Emmanuel Nery, que, respectivamente, delatou conversas telefônicas realizadas entre Fontes e Lacerda e relevou a recusa da família Vargas em aceitar que Lourival carregasse uma das alças do caixão do presidente. Sua eleição para o Senado, por meio da União Democrática Nacional (UDN), consagra seu ingresso ao campo oposto, segundo Oliveira (2001, p.56-7), fortalecendo a ideia da traição, tendo em vista a articulação política realizada pela UDN, identificada como a legenda responsável pela crise política do segundo mandato.

19 de maio.

Nada a assinalar, salvo, pos}ivelmente, um pé de porco com feijão que comi hoje ao jantar e que estava realmente delicioso.

Á noite tomei bicarbonato de sodio.

20 de maio.

Quando me informaram que o meu vizinho do 885 apanhara o typho, tive uma grande pena delle, embora estejamos de relações mais do que cortadas. Disseram-me depois que não se trata de typho, mas de tuberculose galopante. A minha pena, então, diminuiu muito. Será porque o typho, mesmo a trinta metros, constitue perigo, ao passo que a tuberculose, a essa distancia, não offerece perigo nenhum?

Não vale a pena ir ao fundo da consciencia, para saber...

21 de maio.

Ler é muito melhor do que es/crever. Principalmente com o frio que está fazendo. O frio é amigo dos ledores. Tambem é possivel que o frio seja indiferente e que os ledores, sim, é que gostem delle.

22 de maio.

Dia santo de guarda¹. Ninguém trabalhou, nem nas repartições publicas, nem no commercio, nem nas industrias. Quanto a pensar em Deus ou a fazer o bem é, duvidoso [que] um decimo por cento da população tenha tido tempo para isso. A Igreja, porém, ficou satisfeita, e o Estado com ella. E mais satisfeitos ainda do que os dois ficaram aquelles que aproveitaram o dia para se divertirem. N[ão] ha a menor duvida que o ministerio do Trabalho² acabará mesmo endireitando o Brasil. É questão de esperar um pouco.

¹ Não foram localizados documentos que comprovassem ser, este dia, um feriado oficial. Entretanto, em 22 de maio é comemorado, pela Igreja Católica, o dia de Santa Rita de Cássia.

² Criado em 26 de novembro de 1930, o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio foi uma das primeiras realizações do governo instaurado após a Revolução de 1930, chefiada por Vargas. Lindolfo Collor foi o primeiro titular deste ministério, que atuaria como intermediador dos conflitos entre Capital e Trabalho, assim como as relações entre o Estado varguista e os trabalhadores urbanos. A partir da imposição do Estado Novo, a pasta foi assumida por Valdemar Falcão, cuja gestão ficou marcada pela regulamentação do salário mínimo (1938) e pela criação, em 1940, do Serviço de Alimentação da Previdência Social (SAPS). Ainda durante sua permanência como ministro, foi inaugurada a Justiça do Trabalho (1941). Deixou o cargo no ano de 1941, como apontam os manuscritos de seu discurso, datados de 14 de junho do mesmo ano. Entre junho e dezembro deste mesmo ano, o ministério foi dirigido, interinamente, por Dulfe Pinheiro Machado, e, em seguida, entregue a Alexandre Marcondes Filho, que o administrou até 1945, ano final do governo ditatorial, conforme informações disponíveis no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas (MINISTÉRIO, [1997?], não paginado; COLLOR, 1941).

23 de maio.

Os que vivem a pregar raivosamente o exterminio da raça judaica,/ na imprensa universal, não escrevem um só artigo, um só commentario, uma só noticia contra

ella sem falar no ouro do israelita. Por onde se vê que o anti-semitismo¹ de toda essa gente é apenas uma questão de dinheiro. Estivesse o dinheiro com esses pamphletarios esfaimados e fossem os judeus os miseraveis, como tudo mudaria! A raça maldita e odiada passaria a inspirar uma piedade imensa.

O judeu, porém, a essa piedade, prefere ficar com o dinheiro.

No que faz muito bem.

Emquanto o ouro lhe abarrotar as ancas, nem todos os pamphletarios da terra, reunidos e enfurecidos, conseguirão derrubá-lo.

Se para ter dinheiro bastasse judaizar, o mundo inteiro judaizaria². Mas não judaiza quem quer e sim quem pode. /

¹ De acordo com os artigos **A Segunda Guerra Mundial na Europa** [20--?] e **Anti-semitismo** [20--?], da **Enciclopédia do Holocausto**, disponível virtualmente no site do Museu Americano da Memória do Holocausto, localizado em Washington, DC, nos Estados Unidos da América, antissemitismo significa aversão ou ódio aos judeus. Criado em 1879, por Wilhelm Marr, o termo era definido pelo ódio a este povo, e também pela não-aceitação de tendências liberais da política econômica dos séculos XVIII e XIX, muitas vezes associadas à imagem dos judeus. A partir da ascensão dos nazistas ao poder, foram ordenados boicotes econômicos, queima de livros judaicos, além da aprovação de uma legislação discriminatória contra este povo. Em 1935, as Leis de Nuremberg legalizaram uma hierarquia racista, na qual alemães estariam no topo e os demais grupos étnicos abaixo. O Holocausto judeu, causado pela Alemanha nazista, durante as décadas de 1930 e 40, configura o exemplo mais radical de antissemitismo legitimado pela política. Entre 1933 e 1945 os nazistas alemães e seus apoiadores perseguiram e exterminaram aproximadamente seis milhões de judeus na Europa (O HOLOCAUSTO, [20--?]).

² Como aponta Belmiro Braga, em seu **Discurso** (1911, p.2), e o próprio Gilberto de Alencar ([19--], p.1), ao enaltecer as qualidades paternas, o literato não valorizava a ambição ou a avareza, o que explica o fato de a crítica deste autor estar voltada à questão da ganância e do interesse.

Todas as batalhas que Hitler¹ tem ganho nesta guerra² assignalam-se por uma superioridade, do lado delle, de pelo menos quatro homens contra um homem e de vinte engenhos [bem] blindados contra um engenho mal blindado.

Ha quem admire essas victorias, que além do mais são sempre obtidas com o auxilio da surpresa³, da traição e do suborno.

Nunca, entretanto, desde que ha guerras, houve triumphos militares menos dignos de admiração.

Mesmo porque, a bem dizer, esses triumphos tão ruidosos quasi nunca [chegam] [a ser] de character propriamente militar. São, quando muito, [triumphos industriaes⁴.] ⁵

¹ Conforme a **Enciclopédia do Holocausto** [20--?], do Museu Americano da Memória do Holocausto, Adolf Hitler nasceu em *Braunau am Inn*, na Áustria, em 1889. Foi responsável pelo extermínio de aproximadamente seis milhões de judeus na Europa entre 1933 e 1945, conhecido como Holocausto. Baseou-se no antissemitismo, na superioridade da raça ariana, no nacionalismo, na aversão ao socialismo e ao liberalismo (HITLER, 1925). Empreendeu uma campanha militar expansionista em nome da Alemanha, que culminou na Segunda Guerra Mundial. Fundou o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, popularmente denominado Partido Nazista, em 1920. Sua morte é datada de 1945, ano em que, acredita-se, suicidou-se juntamente a Eva Braun, sua esposa, após sua inevitável derrota.

² O autor se refere à Segunda Guerra Mundial.

³ Conforme o artigo **A Segunda Guerra Mundial na Europa**, na **Enciclopédia do Holocausto** [20--?], era empregada a tática militar denominada *Blitzkrieg*, traduzida como guerra-relâmpago, na qual os nazistas mobilizaram um grande número de aviões, tanques e unidades de artilharia, agindo conjuntamente, enquanto as “forças terrestres alemães rompiam as defesas inimigas em uma faixa estreita de terra, sua força aérea bombardeava as laterais e costas dos adversários para evitar que eles pudessem fechar um cerco em torno dos invasores”, dificultando assim a defesa. Fazendo uso do ataque surpresa, os nazistas cercavam os inimigos, obrigando a rendição. De acordo com esta **Enciclopédia**, esta tática beneficiou Hitler nas seguintes invasões: Polônia (1939), Dinamarca (1940), Noruega (1940), Bélgica (1940), Holanda (1940), Luxemburgo (1940), França (1940), Iugoslávia (1941) e Grécia (1941).

⁴ Alencar atribui os triunfos nazistas ao desenvolvimento industrial, desacreditando da capacidade de inteligência e elaboração de estratégia militar dos alemães.

⁵ O trecho “São, quando muito, [triumphos industriaes]”, apesar de escrito com a mesma grafia do autor, aparece grafado com tonalidade distinta do restante do texto, sugerindo um acréscimo posterior. Esta afirmação pode ser reforçada pelo fragmento “[triumphos industriaes]”, que não coube dentro da área e foi inserido na linha abaixo, junto com a data do dia seguinte, sendo reproduzido, neste dossiê, dentro de colchetes.

25 de maio.

Como medida de hygiene mental e intellectual, deixei ha dias de ler Lindolpho Gomes¹. E posso garantir que esta dieta me tem feito um bem extraordinario.../

¹ Lindolfo Eduardo Gomes, nascido em Guaratinguetá, São Paulo, em março de 1875. Escreveu sob os pseudônimos de Jayme de Faublas, João D’Aqui, L. Gómez, L.G. e Lind. Gómez. Poeta, filólogo, prosador, didata, folclorista e teatrólogo trabalhou como funcionário público na Estrada de Ferro Central do Brasil. Foi fundador da Academia Mineira de Letras; redator de **O Pharol** e, em 1894, secretário do **Correio de Minas**. Atuou também como colaborador efetivo do **Jornal do Comércio**, do **Diário do Povo** e **Diário Mercantil**. Foi fundador e redator de **A Notícia**, **Imprensa**, **Revista do Ensino Mineiro** e **Lar Católico** (na segunda fase), todos de Juiz de Fora, em Minas Gerais. Faleceu no Rio de Janeiro, em 1953, sendo sepultado no Cemitério Municipal de Juiz de Fora (NÓBREGA, 1981, 180-82).

26 de maio.

Li hoje num jornal do Rio que Getulio Vargas¹ está entre os oito ou dez homens que vão influir no destino da guerra e do mundo.

¹ Para Gilberto de Alencar, Getúlio Vargas não seria capaz de ser considerado influente, tampouco poderia ser comparado aos famosos políticos Franklin Roosevelt e Winston Churchill. Segundo Alencar, Vargas era equivalente ao nazista Adolf Hitler, devido à imposição de um Estado Novo, embora diferente do Estado Novo alemão, como afirma Bóris Fausto (FAUSTO apud PANDOLFI, 1999). Também a

Getulio Vargas no mesmo plano que Roosevelt² e Churchill³...

Confessemos que podia ser pior: nada impedia que o autor do artigo incluísse, entre os referidos oito ou dez homens, o casal Amaral Peixoto⁴.

censura e a larga e eficaz propaganda estatal serviram para reforçar a comparação que Gilberto estabeleceu.

² Segundo Mônica Hirst, em artigo publicado no *site* do CPDOC da Fundação Getúlio Vargas sobre a **Política de Boa Vizinhança** [20--?], Franklin Delano Roosevelt foi presidente dos Estados Unidos da América entre 1933 e 1945. Ficou famoso por empreender a política internacional de Boa Vizinhança, desde 1940, para os países da América, através do *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* (OCIAA), dirigido pelo milionário Nelson Rockefeller, criado pelo governo visando ao apoio latino-americano para o liberalismo durante a Segunda Guerra Mundial, além de criar uma área de reserva de mercado para os produtos estadunidenses. Auxiliou o país na recuperação da Grande Depressão de 1929 (FREIDEL; SIDEY, [20--?]; MAUAD, 2014).

³ Conforme o artigo **The Life of Churchill** [20--?], de *The International Churchill Society*, Winston Leonard Spencer Churchill nasceu em 1874, em *Blenheim*, Inglaterra. Foi Primeiro Ministro do Reino Unido, durante a Segunda Guerra Mundial, sendo o responsável por conduzir as tropas do país no contexto da guerra. Foi, junto com o então presidente dos EUA, Roosevelt, e o líder da extinta União Soviética, Stálin, um dos homens mais influentes da Segunda Guerra e uma das lideranças do grupo dos Aliados (NETO, [20--?]).

⁴ Ernâni Amaral Peixoto nasceu no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, em 14 de julho de 1905. Seu irmão, Augusto Amaral Peixoto, foi um dos tenentistas revoltosos, nos anos de 1922 e 1924, contra o presidente Artur Bernardes. Ernâni participou das articulações que resultaram na Revolução de 1930, liderada por Vargas. Foi nomeado interventor do Estado do Rio de Janeiro na véspera da implantação do Estado Novo varguista, em 1937. No ano de 1939 casou-se com Alzira Sarmanho Vargas, filha de Getúlio Vargas. São descritos como “o casal Amaral Peixoto” por Gilberto de Alencar (ERNANI..., 2001, não paginado).

27 de maio.

Os ingleses metterem a pique, após demorada perseguição, o Bismarck¹. Estejamos certos de que conseguirão também, embora com prolongados esforços, desmantelar a odiosa fortaleza levantada no centro da Europa, ha tres quartos de seculo, pelo patrono dessa bellonave.

A victoria britanica, de que o mundo recebeu noticia hoje pela manhã,/ tem muito de symbolica.

Como o couraçado de trinta e cinco mil toneladas que foi para o fundo, a obra de Otto de Bismarck² ha de tombar em pedaços aos golpes conjugados da Grã-Bretanha e da America do Norte. O que não se quiz fazer em 1919³, por erro imperdoavel, far-se-á em 1941 ou 1942.

E pouco importa que leve ainda mais tempo.

Mesmo em 1945 serve.

Ou em 1950.

¹ Refere-se ao cruzador de batalha HMS “Hood” alemão, naufragado após ataque da esquadra inglesa, no Oceano Atlântico, na manhã do dia 27 de maio de 1941 (CLUBE..., 2013, não paginado; CESAR, 2011). Apesar do pouco desenvolvimento tecnológico da comunicação, naquele período, Alencar recebe a informação no mesmo dia em que o fato foi registrado, ou seja, mesmo em suas escritas íntimas diárias o literato não deixa de ser jornalista.

² Conforme a Enciclopédia Britânica, **Otto von Bismarck** foi primeiro Ministro da Prússia e o primeiro chanceler do Império Alemão, entre 1871 e 1890. Líder político e militar auxiliou na unificação da Alemanha através do Império Alemão, chamado II Reich, ainda durante o século XIX, sendo considerado um dos maiores estadistas daquele século (BARKIN, [20--?]).

³ Refere-se, possivelmente, ao fim da Primeira Guerra Mundial.

28 de maio.

Cassiano Ricardo¹ disse em Bello Horizonte, numa apologia rebuscada², que Getulio Vargas é muito amigo dos escriptores.

¹ Cassiano Ricardo Leite foi poeta, jornalista e ensaísta, nasceu em São José dos Campos (SP), em 1895, e faleceu no Rio de Janeiro (RJ), em 1974. Participou

Tão amigo, digo eu, que lhes impôz uma orthographia por decreto³ e/ lhes amordaçou o pensamento⁴.

Com o que todos elles, ao que parece, andam muito satisfeitos.

Aliás, a orthographia simplificada bastante lhes facilitará a tarefa bajulatória⁵: podem [escrever] com um l só que Getulio é ilustre e, sem m, que elle não é nem jamais foi da quinta coluna.

A certos letrados ás vezes convem a economia de letras.

ativamente do Movimento Modernista brasileiro, desde 1922, sendo considerado, por alguns autores, como modernista ortodoxo. Auxiliou na fundação do grupo Verde Amarelo, junto a Plínio Salgado, Menotti del Picchia, Raul Bopp, Cândido Mota Filho, entre outros. Participou do Conselho Federal de Cultura, da Academia Paulista de Letras e da Academia Brasileira de Letras. Seu livro **Viagem** foi o primeiro livro modernista premiado na Academia. Foi redator do **Correio Paulistano** (1923-1930) e diretor do jornal oficial **A Manhã**, do Rio de Janeiro (1940-1945), vindo a se tornar um dos principais ideólogos do Estado Novo, o que explica a afirmação de Gilberto Alencar, em **No Reinado de Lourival**, ao chamá-lo, em 09 de agosto, de “poeta... doutrinador do Estado Novo” (1941b, p.46-7). Conforme a **Enciclopédia Itaú Cultural**, sua obra **Martim Cererê** passou a ser adotada nas escolas devido à aproximação com projeto varguista (CASSIANO..., [20--?a]; CASSIANO..., [20--?b]).

² Esta denúncia de Alencar ratifica a afirmação de autores como Lúcia Lippi Oliveira (2013) e Mônica Velloso (2013), ao afirmarem que o Estado Novo se relacionava, no plano artístico e cultural, por meio da cooptação dos intelectuais em favor do regime.

³ Diz respeito à Reforma Ortográfica de 1931, homologada em 1938 (MAYRINK, 2008), após instauração do Estado Novo, e implementada sob supervisão do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) apenas em 1941, ano de escrita dos diários.

⁴ Outra menção à censura imposta no período aos homens de letras.

⁵ Refere-se aos escritores e intelectuais defensores de Getúlio Vargas, denunciados constantemente por Alencar.

29 de maio.

Getulio Vargas costuma dizer que o Brasil não é nem allemão, nem inglez.

Vá que não seja mesmo nem uma coisa, nem outra.

Mas é americano e, no caso, é quanto basta.

30 de maio.

A Republica Argentina está-se/ tornando, cada dia um pouco mais, o celleiro do Brasil.

É de lá que nos vêm o trigo, as fructas e as batatas.

Ultimamente até as cebolas deram para vir de lá.

Esse é o resultado mais claro do decennio getuliano. Mais claro ou mais positivo.

Porque o resto...

31 de maio.

Roma tem espalhado estes ultimos dias telegrammas e mais telegrammas para communicar ao mundo que as tropas italianas conseguiram desembarcar em Creta.

Quando a banda de musica dos bichos subiu ao céu, para uma festa ali havida, o sapo tambem foi, mas foi dentro da viola do urubú.

A vida imita á fabula, apesar de haver quem affirme que é esta q[ue] {imita áquella.}/

1º de junho.

Os alemães, após tremendos esforços, dominaram Creta.

Creta, por mais importante que seja, não resolve nada.

E os ingleses, pelo menos, ganharam uma coisa muito importante: o ficarem sabendo como é que se pode invadir uma ilha pelos ares¹.

Ninguém lhes havia ainda ensinado isso, que elles tanto queriam aprender.

Aprenderam á custa de Hitler, que[,] [além do mais,] deve ter sacrificado em Creta a fina flor dos seus paraquedistas.

¹ A ocupação de Creta é considerada a primeira invasão aérea da história das guerras (BLANC, 2015).

2 de junho.

Os jornaes de hoje publicaram uma photographia em que se vê Getulio Vargas, num quartel do Exercito, entre varios pretinhos, filhos de operarios/ da mesma dependencia.

Getulio, na photographia, está rindo para os pretinhos.

Para quem não rirá elle, afim de ficar mais dez annos, com os parentes e adherentes, nas farturas da governança?

3 de junho.

É minha convicção, cada vez mais arraigada, que os homens que gostam muito de crianças, principalmente das crianças de sua vizinhança immediata, não têm paredes brancas, onde ellas possam escrever ou desenhar a carvão. Ou, se as têm, pouco se incommodam que andem limpas ou sujas.

Os senhores, talvez, [como resposta,] queiram apontar-me as crianças bem educadas, que não enxovalham as paredes.

Mas por onde andarão esses [entes] prodigiosos?

Não, quem gosta muito de crian{ças não sabe o prazer que dá uma parede limpa.}/

4 de junho.

As noticias de hoje dizem que Weygand¹ vae assumir o commando da defesa das colonias francezas contra os inglezes.

Não adeantam, porém, essas notícias, se é com a mesma eficiencia e sobretudo com o mesmo patriotismo que revelou ao commandar a defesa da França contra os alemães. Contra os allemães que já foram boches² e agora são generosos vencedores.

As noticias não adeantam, mas o tempo o dirá.

¹ Maxime Weygand foi um general a serviço da França. Nascido em 1867, em Bruxelas, Bélgica. Faleceu em Paris, em 1965. Weygand ficou conhecido por não conter a invasão alemã na França (CLAYTON, 2015).

² Segundo os dicionários virtuais **Michaelis Online** e **Dictionary.com**, boche é um termo ofensivo criado durante a Primeira Guerra Mundial para designar os soldados alemães. A expressão foi adotada também durante a Segunda Guerra Mundial, com o mesmo objetivo de referir-se pejorativamente aos alemães (BOCHE, [20--?a]; BOCHE; [20--?b]).

5 de junho.

Irritei-me hoje profundamente e passei tudo o dia de mau humor, por me haverem atirado uma pedra ao telhado, o que deve ter [feito] uma possí/vel goteira para as proximas chuvas.

Entretanto, tenho pensado muito em Londres sob os bombardeios aereos e procurado fazer uma idéa do horror que isso representa.

Mas parece que importa mais uma pedrada sobre a minha casa (ou sobre a tua) do que uma chuva de bombas terriveis sobre uma grande cidade além dos mares.

Quem sabe? Importa mais uma pedra atirada ás minhas telhas (ou ás tuas) do que um incendio total na ca[sa] do vizinho.

6 de junho.

Um sujeito disse-me hoje na rua, [muito indignado:]

– Esse Pétain¹ devia morrer!

Respondi-lhe:

– Meu amigo, agora não adeanta.

¹ Henri Philippe Benoni Omer Joseph Pétain nasceu em 1856 e faleceu em 1951, na França. Após atuação vitoriosa na Primeira Guerra Mundial, foi nomeado marechal da França. Em 1940, durante a Segunda Guerra Mundial, após a ocupação do país pelos nazistas, dada sua proximidade com Hitler, Pétain se tornou chefe do regime de Vichy – nome dado ao regime que executava as decisões de Hitler na França (OCHABA, [20--?]; HENRI PHILIPPE, [20--?]).

7 de junho.

Informa-se que Weygand dis/corda de Vichy e não quer “collaborar” com a Allemanha.

Arrependimento ou remorso?

Para remorso é muito cedo e para arrependimento é muito tarde.

8 de junho.

Termina esta semana o prazo para que toda a imprensa do paiz adopte a orthographia simplificada.

Lourival Fontes, guedelhudo homem que ninguém sabe quem é, nem de onde vem, e que Getúlio Vargas transformou em chefe do Dip (o Dip e o Dasp¹ não de acabar fazendo do Brasil um circo de cavallinhos), expediu ordens á policia no sentido de apprehender qualquer jornal que se não submetta ás regras orthographicas do governo.

Lourival Fontes... se a época [ou o costume] de/ [invocar] os manes já não houvesse passado, seria o caso de invocar [agora] os de Alcindo Guanabara², Bocayuva³, Patrocínio⁴, Ferreira de Araujo⁵.

¹ Segundo o **Dossiê a era Vargas**, organizado e disponibilizado pelo CPDOC da Fundação Getúlio Vargas, o Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP) foi criado em 30 de julho de 1938. De acordo com o Centro de Pesquisa, o Departamento foi chefiado, desde a sua criação até a extinção do Estado Novo, por Luís Simões Lopes. Tinha como objetivo contribuir para a reforma administrativa do serviço público brasileiro, idealizada por Getúlio Vargas ainda durante a denominada Revolução de 1930. Entre suas realizações consta a sistematização dos direitos e deveres do funcionalismo público, através do Estatuto dos Funcionários Públicos Civis da União, primeiro documento do gênero criado no Brasil (DIRETRIZES..., [1997?]).

² Alcindo Guanabara foi jornalista e político. Nasceu em Magé, em 1865, e faleceu na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1918. Foi membro da Academia Brasileira de Letras. Por sua crítica a funcionários do Império, foi demitido de seu emprego, de modo que abandonou o curso de Medicina, aproximando-se de José do Patrocínio, passando a atuar na **Gazeta da Tarde**. Dirigiu o jornal **Novidades**, do Partido Conservador, composto por conhecido grupo de escravocratas, passando a cultivar adversários, como o próprio José do Patrocínio. Alcindo escrevia sobre política, além de publicar crônicas, críticas humorísticas, contos e outros gêneros literários, assinando sob diversos pseudônimos. Após a abolição da escravatura fez campanha pela República, no **Correio do Povo**. Após instauração do novo regime, foi eleito para a Constituinte, atuando na Câmara até 1893, retornou em 1894. Foi autor de **História da República**, editada no periódico **Comércio de São Paulo** e depois em livro. Durante as disputas entre os partidários de Rui Barbosa contra Hermes da Fonseca, Alcindo Guanabara fez campanha para Pinheiro Machado, em

Não ha mais manes a serem invocados.

O que ha hoje é apenas a imprensa dos Lourivaes.

Esperemos a victoria da Inglaterra.

Imprensa. Foi eleito para o Senado em 1918, vindo a falecer pouco tempo depois (ALCINDO GUANABARA, [20--?]).

³ Quintino Antônio Ferreira de Sousa nasceu no Rio de Janeiro, em 1836. Mudou-se para São Paulo em 1849, para cursar Humanidades. Iniciou ali suas atividades como jornalista, publicando poemas e artigos em um jornal literário acadêmico, e em **A Honra**, no qual divulgou suas primeiras posições em favor da República. Neste período, sob influência do nativismo indigenista, substituiu o sobrenome Bocaiúva, nome indígena de uma espécie de palmeira, comum no Brasil. Abandonou o curso em decorrência de problemas financeiros, retornando ao Rio de Janeiro e iniciando carreira de teatrólogo. Entre 1860 e 1864 trabalhou para o **Correio Mercantil**, passando a editar também o Rio de Janeiro, periódico próximo ao Partido Liberal, que contava com Machado de Assis como um de seus colaboradores, voltado às questões da política externa brasileira na região do Prata. Já no jornal **A República**, atuou junto a Aristides Lobo, Lafayette Rodrigues e Rangel Pestana, denunciando as posições da monarquia, divulgando os ideais republicanos e comparando as duas formas de governo. Quintino atuou também no Ministério das Relações Exteriores. Já durante a República, liderou, com Pinheiro Machado, a fundação do Partido Republicano Conservador (PRC), apoiando a candidatura de Hermes da Fonseca durante as disputas com Rui Barbosa. Faleceu em julho de 1912, no Rio de Janeiro (LEMOS, 2001).

⁴ José Carlos do Patrocínio foi jornalista, orador, poeta e romancista. Nasceu na cidade de Campos, Rio de Janeiro, em 1853, vindo a falecer na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1905. Foi membro da Academia Brasileira de Letras. Iniciou a carreira de jornalista na **Gazeta de Notícias**, inaugurou neste periódico sua atuação na campanha abolicionista. Fundou a Confederação Abolicionista, tendo produzido seu manifesto, junto a André Rebouças e Aristides Lobo (JOSÉ DO PATROCÍNIO, [20--?]).

⁵ Devido à multiplicidade de homônimos, não foi possível identificar sobre qual Ferreira de Araújo o escritor se referiu neste fragmento. Não sendo encontradas informações específicas, optou-se, portanto, por não realizar nota explicativa sobre.

9 de junho.

O marechal de Vichy, diante da invasão da Syria pelos ingleses, mandou dizer aos seus adeptos ali estabelecidos que devem lutar até o fim, pois é missão historica da França defender aquellas terras.

Mais historica era a missão de defender a França o seu proprio territorio.

E todavia.../

10 de junho.

Nas guerras antigas, dos tempos pouco civilizados, os exercitos chocavam-se nos campos de batalha, enquanto os velhos, as mulheres e as crianças ficavam em casa, resguardados.

A guerra civilizada de hoje é differente.

Os soldados quasi não se enfrentam no terreno.

Limitam-se, o mais possível, a bombardear, da terra e dos ares, as populações indefesas.

O [maior] concurso da Allemanha para a civilização moderna é sem duvida esse.

Esse é, pelo menos, o que a gente vê desde logo, sem grande esforço.

11 de junho.

A guerra-relampago de Hitler já está com um anno e nove/ mezes... Exactamente um anno, nove mezes e oito dias.

12 de junho.

Li hoje que entre ter uma idéa, ou mesmo uma resolução, e pôl-a em pratica, vae um abysmo.

Isso leva a crer que milhões de abysmos são transpostos [ou entupidos] a cada instante que passa.

Mas, tambem, a cada minuto que passa, quantos e quantos milhões de abysmos ficam abertos entra a idéa e a realização?

Talvez a vida fosse muito outra, se não houvera tantos abysmos não transpostos ou intransponiveis.

Talvez fosse outra, melhor ou peor. Provavelmente peor.

13 de junho.

Sexta-feira, 13¹: Pois, senhores, {não aconteceu [absolutamente] nada.}/

¹ Esta passagem, somada à seguinte e outra posterior, reforçam a hipótese, levantada por esta pesquisa, de que Gilberto de Alencar era um homem dotado de superstição.

14 de junho.

O dia foi-me muito pior hoje do que ontem. E do dia de ontem é que eu tinha medo. Tudo o mais é assim.

15 de junho.

Augmenta cada vez mais o clamor contra a vida cara.

Querem, naturalmente, que venha a ficar barata.

Mas ninguém se lembra de que ella, mesmo a preço baixo, constitue mau negocio.

A vida, nem dada.

16 de junho.

Na carta em que pediu a Getulio Vargas exoneração do cargo de ministro do Trabalho, o nortista Waldemar Falcão¹ declarou que os ocupantes de postos de

¹ Waldemar Cromwell do Rego Falcão nasceu em 1895, em Baturité, Ceará. Foi advogado, delegado de polícia, jornalista e professor da Faculdade de Direito do Ceará, pela qual se diplomou. Foi apoiador do movimento denominado Revolução de 1930. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1932, passando a ocupar importantes posições na administração federal. Em 1934 foi eleito deputado federal pelo Ceará. No ano seguinte, elegeu-se para o Senado Federal, através do qual tecia elogios aos regimes fascistas que emergiam e criticavam o comunismo. A partir do período ditatorial do Estado Novo foi nomeado ministro do Trabalho, Indústria e Comércio, intensificando o controle dos sindicatos pelo governo – entre suas implementações destacam-se o imposto sindical, o salário mínimo, a criação do Instituto de Previdência e Assistência aos Servidores do Estado (IPASE), além de ter regulamentado a Justiça do Trabalho. Foi nomeado para Supremo Tribunal Federal (STF), em 1941. Em 1945, assumiu a presidência do Tribunal Superior Eleitoral

direcção devem {ser substituídos de quando em quando}/do, em benefício do serviço público.

Isso é o que se chama falar em corda na cara do enforcado.

O mais cómico é que Falcão disse a coisa sem querer e que Vargas[,] por sua vez, não deu por ella.

Intelligentísimos, ambos.

(TSE), presidindo as eleições para a presidência da República realizadas naquele ano. Morreu em Boston (EUA), em 1946 (COUTINHO, 2001).

17 de junho.

Todos os jornaes do paiz, cumprindo a ordem de Lourival Fontes, estão adoptando, ha já dois dias, a orthographia imposta pelo bem pouco letrado Getulio Vargas.

Ninguém protestou.

Victoria de Lourival?

De Lourival, propriamente, não.

Esta é mais uma das victorias do glorioso Exercito Nacional (com as devidas maiusculas), que apenas pode apresentar triumphos desta especie em toda a sua historia. Ou em quasi toda[,] {se acham que estou exaggerando.}/

18 de junho.

Ha duas ou tres dezenas de annos que, no Brasil, quando um individuo não encontra meio de vida ou fracassa na propria profissão, o recurso que acha é entrar no jornalismo ou no magisterio secundario.

O magisterio secundario e o jornalismo andam sempre de portas abertas para os bachareis sem clientela, os medicos sem clinica, os pharmaceuticos sem pharmacia e os semi-analfabetos sem emprego certo.

Dahi o poder dizer-se hoje que já houve uma cultura nacional.

Com effeito, houve...

19 de junho.

Toda gente vive por ahi a perguntar porque foi que Adhemar de Barros¹ sahiu do governo de S. Paulo.

{Mais importante era saber porque}/ foi que elle chegou a entrar.

E isso ninguem perguntou.

Ou quasi ninguem.

¹ Ademar Pereira de Barros nasceu em Piracicaba, São Paulo, em 1901. Foi médico e político. No Rio de Janeiro, trabalhou no Instituto Osvaldo Cruz até Revolução Constitucionalista de São Paulo, em 1932. Filiou-se ao Partido Republicano Paulista (PRP). Eleito no ano de 1934, participou da elaboração da Constituição de São Paulo, em 1935. Com o golpe de 1937, instaurada a ditadura do Estado Novo, Ademar perdeu o mandato de deputado estadual. A partir daquele período, os estados voltaram a ser chefiados por interventores nomeados pelo presidente da República, e, em abril de 1938, Ademar tornou-se interventor do governo de São Paulo, sendo substituído em 1941, por Fernando Costa, então ministro da Agricultura de Getúlio Vargas. Após a queda do Estado Novo, foi eleito, em 1937, governador de São Paulo. Sua administração ficou conhecida devido às grandes obras públicas por ele realizadas – destacando-se o Plano da Casa Própria Popular, o planejamento de água e esgoto da capital paulista, a realização de obras em redes de água no interior, a conclusão do Hospital das Clínicas, a ampliação escolas industriais no interior, dentre outras. Deixou o cargo no ano de 1951. Em 1956 foi condenado pelo Tribunal de Justiça de São Paulo a dois anos de reclusão, mas obteve habeas-corpus do Supremo Tribunal Federal (STF). Reassumiu o governo paulista em 1963, com discurso anticomunista, tendo apoiado publicamente o golpe militar de 1964, mudando de posição dois anos depois, o que levou à cassação de seu mandato e o fez abandonar o país, no mesmo ano. Faleceu em Paris, França, em 1969 (MAYER, 2001).

20 de junho.

Nunca, talvez, pelo que se tem visto, os homens e os acontecimentos, neste paiz, mereceram menos admiração do que hoje em dia, o que não impede que os jornaes andem a fazer o mais largo uso de pontos de exclamação de que se tem noticia desde que existem uns e outros, isto é, jornaes e pontos de exclamação.

Veiu-me esta observação ainda agora, não sei por que motivo, á tôa, na rua, quando fazia a minha caminhada habitual.

Não vale [nada,]mas aqui a deixo assim mesmo.

21 de junho.

Diz o meu calendario (e com certeza tambem o teu) que o inverno começou hoje.
{É possível.

A verdade, porém, é que está fazendo)/ frio ha muito tempo.

Espera-se, mesmo, que com a entrada do inverno o frio acabe.

Ahi está um que não obedece aos dictames do Dip.

Nem tudo se perdeu ainda no Brasil, graças a Deus, pois que o frio se insurge.

22 de junho.

A fome de trigo e a sêde de petroleo acabam de levar Hitler ao ataque contra a Russia.

Mas houve outro motivo para a aggresão.

Hitler quer apparecer [agora] ao mundo, que o detesta, como defensor da civilização contra o communismo.

O medo do mundo deante do communismo foi uma das armas de que elle se serviu para reerguer a Allemanha.

É dessa arma que elle se quer hoje valer para evitar a derrocada que/ o espera.

O mundo, porém, já sabe de sobra que nazismo e communismo são e sempre foram uma e a mesma coisa.

O que é de desejar, neste momento, é que os dois se entredevorem, facilitando assim aos inglezes e aos americanos a tarefa de libertar os povos escravizados e de restabelecer os principios vitais da civilização ameaçada.

Quanto á repercusão, no Brasil, da guerra germano-russa, é de jurar que Getulio, por intermedio de Lourival, vae daqui por deante rotular de communista [e metter na prisão] quem quer que se ponha [com muito entusiasmo] ao lado dos inglezes.

Esperamos, entretanto, que a America do Norte nos defenda, de modo indireto, pela sua attitude firme em prol da boa causa, desta possível ameaça ao resto de liberdade de pensamento que ainda temos, graças a ella e só a ella.

23 de junho.

Poucas fogueiras, quasi nenhum ba/lão, nem signal de batatas assadas na brasa. Cidade com fumaças de grande, Juiz de Fóra não quer saber mais destas coisas de antanho. Juiz de Fóra já tem casinos e outras novidades da extranja.

Balões? Batatas na brasa?

Só no sertão.

E o sertão anda tão longe!

Coitado de S. João, coitado do Brasil...

24 de junho.

Como era de prever, o nazista Getulio Vargas já deu ordens a Lourival Fontes para que amordace um pouco mais a imprensa, proibindo que esta publique [os] telegrammas de Moscou e principalmente os discursos e proclamações dos homens do Kremlin.

É claro que nem por isso Moscou e o Kremlin deixam de existir.

{Hitler, ao proclamar-se campeão}/ mundial contra o communismo, contava justamente com os Getulios e os Lourivaes.

No mundo inteiro só Lourivaes e Getulios podem acreditar em Hitler.

Acreditar, não, porque elles não acreditam: fingem acreditar, a fim de ver se ficam por mais tempo no poder.

O medo ao communismo, porém, [que] foi a melhor arma dos nazistas, já é um espantinho perfeitamente desmoralizado. Só está servindo ainda no Brasil, até que a America do Norte se resolva a acabar com os Getulios e Lourivaes que infelicitam, deshonram e exploram este paiz.

O presidente dos brasileiros dignos é Roosevelt e não o aventureiro gaúcho que ora opprime o pensamento nacional.

25 de junho.

Sem liberdade de pensamento, sem poder escrever, sem poder falar, o Brasil, longe de manifestar o seu desprezo pelo {glorioso Exercito nacional, autor exclusivo}/ da escravização em que vive, ainda sae do passeio para a calçada afim de dar caminho aos coroneis ventrudos e aos generaes analphabetos que encontra pelas ruas.

Ser escravo não é nada.

Amar a escravidão é que é desesperador.

Como está demorando a victoria inglesa!

26 de junho.

Um cão damnado, todos a elle.

É por isso que hespanhóes, francezes, finlandezes e até italianos dizem que vão mandar forças em auxilio de Hitler contra Staline¹.

Se Getulio pudesse, tambem faria a mesma coisa.

Mas Getulio não pode.

O glorioso Exercito nacional, a qualquer luta lá fóra, prefere/ ir ficando por aqui mesmo, com a tarefa muito mais facil, e [além de tudo] incruenta, de opprimir o povo que geme debaixo dos impostos para sustentá-lo.

Os bailes no Circulo Militar são um delicia.

E os churrascos?

¹ Joseph Vissarionovich Djughashvili nasceu em 1879, em Góri, na Geórgia. Em 1903 ingressou no Partido Bolchevista russo, adotando, em 1912, o nome Stálin – homem de aço. Integrou, neste mesmo ano, a redação do periódico Pravda, ingressando no Comitê Central Bolchevique. Até a Revolução de 1917, Stalin foi preso e exilado em diversos momentos. Em 1922 foi eleito Secretário-Geral do Partido Comunista. Após a morte de Vladimir Ilyich Ulyanov – Lênin –, em 1924, assume a liderança do partido. A partir de 1926, expulsa e persegue inúmeros membros do partido, sendo o caso de Leon Trotsky o mais conhecido. Em 1929 a prática de repressão stalinista avança e inúmeros comunistas, além de cidadãos anônimos, são executados. É, através de Molotov, responsável pela formalização do pacto de não-agressão germano-soviético, em 1939. Com o rompimento do pacto por Hitler, Stalin alcança maior patente, vindo a assumir, em 1943, a posição de marechal da União Soviética. Faleceu em 1953, após 29 anos no poder (LUDWIG, 1943).

27 de junho.

Estão vagos, ha cerca de vinte dias, os ministerios do Trabalho e da Agricultura.

Se isso continúa, o Brasil é bem capaz de começar a produzir alguma coisa.

O diabo é que [isso] com certeza não continúa.

28 de junho.

E se a Rússia vencer?

29 de junho.

Um certo Gunther, reporter norte-americano, que esteve há alguns mezes no Rio de Janeiro, acaba de publicar num jornal de Nova York um artigo sobre Getulio Vargas, dizendo ser este o maior estadista da America latina.

Qual a quantia que esse Gunther terá levado daqui?

Ha de ser muito difficil saber-o.

Antes de Getulio, os Gunthers appareciam tambem pelo Brasil e lavavam dinheiro pelo mesmo processo.

Mas a gente ficava sabendo a importância, ainda que fosse só approximadamente.

Entre o Estado Novo e o Estado Velho a differença é essa apenas.

30 de junho.

O Papa continúa fazendo discursos.

Para atacar os aggressores e invasores?

Qual nada!

O que elle queré contemporizar, até ver quem é que ganha [a] partida.

{A Igreja, como sempre, ficará com}/ quem ganhar.

Para ser eterna tem que ser assim.

Dessa maneira, ficando invariavelmente com os que ganham, qual é a instituição que não é eterna?

1º de julho.

Quasi toda a imprensa do Brasil procura occultar, no seu noticiario de guerra, os exitos russos, ao passo que dá enorme destaque aos exitos allemães.

Era precisamente isso o que Hitler queria!

Esse medo ao communismo será mesmo sincero?

Talvez seja.

A burrice é sincera quasi sempre.

2 de julho.

Mussolini¹ pode ser desprezível.

Darlan² e Laval³, porém, excederam todos os limites.

¹ Benito Amilcare Andrea Mussolini nasceu em 1883, na Itália. Atuou no partido socialista, editando também o jornal *L'Avvenire del Lavoratore* (O Futuro do Trabalhador). Em 1919, fundou os *Fasci Italiani di Combattimento*, organização que deu origem ao Partido Nacional Fascista. Através dos grupos paramilitares *Camicie Nere* (Camisas Negras), perseguiu e combateu os socialistas. Mussolini chegou ao poder na Itália em 1922, implementando o regime fascista, resultante de um organizado movimento. Mobilizando a população e assumindo um caráter militarizado e fortemente estatista. Marcado pelos totalitarismo e cerceamento das liberdades individuais. Em 1929, assinou a **Concordata de São João Latrão**, almejando o apoio da Igreja Católica, através da qual foi criado o Estado do Vaticano. Em 1943, com a queda do poder, foi preso por integrantes da Resistência italiana, sendo executado em 1945 (MUSSOLINI, [20--?]; ESTADO..., [20--?]).

² Jean-François Darlan nasceu em 1881, em Nérac, França. Formou-se pela Academia Naval francesa em 1902. Colaborou com o regime de Vichy, sendo designado sucessor de Pétain, porém, posteriormente, auxiliou os Aliados no norte da África. Sua posição dúbia fez com que fosse visto com desconfiança. Foi assassinado em 1942, na Argélia (ALTMAN, 2011; VEIGA, 2014).

³ Pierre Laval nasceu em 1883. Foi advogado e político. No início de sua carreira política foi próximo ao Partido Comunista Francês, entretanto, no decorrer de sua trajetória tornou-se conservador, aproximando-se, a partir da década de 1930, dos nazistas, se opondo, porém, à declaração de guerra pela Alemanha em 1939. Após a invasão alemã na França, defendeu o regime de Vichy, tornando-se primeiro-ministro do país, em 1940. Em 1941 é afastado do poder por Pétain. Vindo a sofrer um atentado a tiros, defende, entretanto, a libertação do legionário responsável. Os alemães exigem que Pétain o reintegre ao governo, e em 1942 é renomeado. Com o avanço das tropas aliadas, foge para a Espanha. É entregue novamente à França, sendo condenado à morte, foi executado por fuzilamento em outubro de 1945 (ALTMAN, 2013).

3 de julho.

Um comunicado de Vichy afirma/ que os francezes estão lutando como leões na Syria.

Não adianta ser leão na Syria quando se é cordeiro na França.

4 de julho.

Getulio Vargas falou hoje, pelo radio, para a America do Norte, numa saudação a Roosevelt pela data da independencia americana.

Que é que Getulio não fará para se aguentar no poder?

5 de julho.

Ha individuos que costumam afirmar a cada instante:

– Nunca matei, nunca roubei!

Como se não houvesse, dentro de cada um delles, um assassino ou um ladrão, a dormir...

6 de julho.

Depois de quinze dias de furiosa offensiva allemã, sem grandes resultados,/ é o caso de repetir a pergunta de ha dias:

– E se a Russia vencer?

7 de julho.

Cypriano Lage¹, que é assim uma especie de sub-Lourival, deitou artigo pela A Noite dizendo que a Alemanha, em luta contra a Russia, está salvando o mundo.

Que mundo, Cypriano?

Será porventura aquelle em que você sempre conseguiu viver [cheio de dinheiro,] como um príncipe, sem trabalhar, sem ser util a ninguem, á custa dos cofres publicos, com viagem, mulheres e bons hoteis?

¹ Cipriano Lage foi jornalista. Sendo nomeado para o Conselho Nacional de Imprensa em janeiro de 1940, tornando-se redator-chefe do periódico **A Noite**, a partir de março daquele ano. Relacionou-se com personalidades influentes do Estado Novo, como, por exemplo, o Ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema (A NOITE, 1940; LAGE, 1946; NOMEAÇÕES PARA, 1940)

Convem que você explique.

8 de julho.

Se Paris houvesse sido defendida como o esta sendo Beyrouth, a situação da França talvez fosse outra.

Heroísmo na Syria é coisa inútil e lamentável.

Em maio e junho de 1940, nos campos franceses, é que os heróis eram necessários.

Hoje são demais. Principalmente em Beyrouth.

9 de julho.

Continuam vagos os ministerios do Trabalho e da Agricultura.

Dizem que o numero de vadios nas cidades está diminuindo.

E que está aumentando o numero de braços na lavoura.

10 de julho.

A Italia fascista, a Italia dos Gayda¹ e outros folicularios da mesma especie, pensa que é fácil humilhar a França.

A França vencida tem um De Gaulle, pelo braço do qual ha de levantar-se victoriosamente um destes dias.

Quanto á Italia, tem apenas {o palhaço Mussolini, que para sempre a cobriu de ridiculo aos olhos do mundo.}²

¹ Virgínio Gayda nasceu em Roma, em 1885. Formou-se em Ciências Econômicas. Atuou como jornalista e chargista. Filiando-se ao Partido Nacional Fascista, em 1925, passando a dirigir o Jornal da Itália (Giornale d'Italia) de 1926 até a queda do regime fascista. Morreu em 1944, na cidade de Roma (CANALI, 1999).

² Fim do primeiro caderno.

“No reinado de Lourival

Segundo caderno

11 de julho.

Vichy declarou oficialmente que de fôrma alguma entrará em negociações com o general De Gaulle.

Vichy só entra em negociações com generaes allemães, em Compiègne, no vagão de Foch.

12 de maio.

Exercito nacional? Glorioso Exercito nacional?

Pois sim!

Policia, e policia da peor especie.

Com sorteados e tudo.

Porque, emfim, quando não havia sorteados, havia [muito] mais dignidade.

13 de julho.

{Na Casa de Italia, em Juiz de Fôra,}/ ha danças todas as semanas. No Rio, S. Paulo e outro logares dizem que é a mesma coisa.

De onde se conclue que é muito [mais] facil encontrar manteiga em focinho de cachorro do que vergonha em certas faces.

Evviva!

14 de julho.

O melhor, nesta data, é não escrever coisa alguma...

15 de julho.

Se Hitler consegue ou não chegar a Moscou é coisa que não tem grande importancia.

O que tem importancia consideravel [é o preço] que isso lhe pode custar ou, melhor, o preço que isso já lhe está custando.

16 de julho.

{Nos jornaes de hoje não ha noticia}/ alguma a respeito do casal Amaral Peixoto.
Nem sobre a primeira dama do paiz.
Que andar fazendo a illustre familia?

17 de julho.

A Hespanha de Franco¹ organizou uma legião de voluntarios para ir ajudar a Hitler na luta contra os russos, e disso anda fazendo grande alarde.

Esforço inutil, esse.

O mundo inteiro sabe ha muito tempo que a Hespanha é talvez o mais atrazado paiz da Europa.

Não havia, pois, nenhuma necessidade de mais provas.

Franco está assombrando uma porta aberta.

¹ Francisco Franco Bahamonde foi um militar e ditador espanhol. Organizou o golpe militar de 1936, que levou à Guerra Civil Espanhola. Foi líder da Falange Espanhola Tradicionalista, partido único no qual se apoiou para estabelecer a ditadura franquista. Baseou-se no conservadorismo, nacionalismo e catolicismo, opondo-se à democracia. Morreu em 1975, Madri, na Espanha (ALTMAN, 2012).

18 de julho.

Entre as personalidades francezas que em Paris e em Vichy executam os desejos e as ordens dos allemães figura um Lehideux.

{Ahi está. Por causa de coincidências}/ [assim é que] muita gente acredita na fatalidade dos nomes proprios.

19 de julho.

Não ha sabbado sem sol, affirma um dictado.

Pois hoje, apesar de ser sabbado, choveu o dia inteiro.

Isso, todavia, não significa que os dictados estejam desmoralizados, porque inverdades muito maiores são postas por ahi em circulação por gente tida e havida como de muito boa moral.

E, afinal, é preferível apanhar [alguem]¹ chuva num sabbado a molhar-se num domingo, que sempre foi dia de andar no trinque.

¹ Grafado desta forma pelo escritor.

20 de julho.

Lourival Fontes fez annos hoje, e toda a imprensa do paiz teceu-lhe corôas para a frente guedelhuda.

Pelas noticias fica-se sabendo/ agora que o homem das melenas é de Sergipe.

Como é que um Estado tão pequeno pôde produzir tão grande individualidade com tão vasta cabelleira?

21 de julho.

Ha exactamente um mez que Hitler iniciou a luta contra os russos.

É ainda opportuno indagar:

– E se a Russia vencer?

22 de julho.

Encontrei hoje, na rua, um velho conhecido, que só vejo raramente, de anno em anno.

Ha muitissimos annos que o vejo de anno em anno.

No encontro de hoje elle me disse:

– Veja só. Todo o mundo está morrendo e nós vamos indo firmes por aqui...

Que lembrança!

Desse encontro e dessa phrase ficou-me o vago receio de que o velho conhe/cido não me veja mais, daqui a um anno. Receio que procuro contrabalançar com a hypothese de ser eu quem nunca mais lhe ponha em cima os olhos. Ha comparações para tudo nesta vida. Toda a questão é procural-as bem procuradas.

23 de julho.

O ministro Campos¹, da Justiça, entrevistado por um jornal do Prata, declarou que o Brasil é contra o nazismo e que a hegemonia deste na Europa seria para nós um grave perigo.

Vê-se, por ahi, que a derrota da Allemanha é devéras inevitavel...

¹ Segundo o dossiê **A Era Vargas**, Francisco Luís da Silva Campos nasceu em Dores do Indaiá, Minas Gerais, em 1891. Foi advogado e jurista. Elegeu-se deputado estadual por Minas Gerais, através do Partido Republicano Mineiro (PRM), em 1919, e deputado federal nos anos de 1921 e 1924. Defendia as posições antiliberais, opondo-se ao movimento tenentista. Em 1929, devido às disputas entre o PRM e o Partido Republicano Paulista (PRP) pela presidência da República, articulou negociações políticas com representantes gaúchos, endossando, posteriormente, o movimento golpista que culminou na, assim denominada, Revolução de 1930. Assumiu o Ministério da Educação e Saúde, deixando-o em 1932. No ano de 1937 foi nomeado ministro da Justiça, permanecendo no cargo até 1941. Já em 1945 participou das articulações para afastar Vargas do poder, dando fim ao Estado Novo. Faleceu em Belo Horizonte, em 1968 (FRANCISCO..., [1997?]).

24 de julho.

Os titulos, nos jornaes do Rio, estão apparecendo em caracteres cada vez maiores. A imprensa dos Lourivaes e dos Cyprianos só pode realmente ser uma imprensa de letras gordas. E, com a orthographia simplificada, de muito {poucas letras tambem.}/

25 de julho.

Hitler estaria perdido, ainda que alcançasse [presentemente] grandes triumphos na Russia.

Que pode elle esperar agora, quando só vae obtendo, em logar de victorias estrondosas, os mais terriveis golpes na sua pretensa invencibilidade?

26 de julho, sabbado.

Depois que se introduziu no Brasil o week-end, o sabbado ficou sendo um dia intoleravel.

Macaquear usos estrangeiros [a torto e a direito] dá sempre resultados ridiculos.

É como um individuo muito magro, a querer [vestir] roupas largas, ou muito gordo, a querer [vestir] roupas apertadas.

Week-end para ficar em casa, bocejando, é coisa que faria rir até mesmo ao inglez mais sizudo.

Nós, porém, não rimos.

Ao contrario.

{É com a maior melancolia deste}/ mundo que passamos os nossos sabbados.

E ás vezes tambem os [nossos] domingos.

27 de julho.

A Associação Brasileira de Imprensa vae collocar em sua séde o busto de bronze de Getulio Vargas.

Justissima homenagem ao homem sob cujo governo os jornaes do paiz estão atravessando o mais longo periodo de amordaçamento que jamais conheceram.

É verdade que Getulio lhes deu um palacio, á custa dos cofres publicos.

Mas seria a mesma coisa, se não houvesse dado nada.

28 de julho.

Os jornaes publicaram hoje a carta em que Getulio Vargas declara á Academia Brasileira de Letras que acceita a candidatura á vaga de Alcantara Machado, que ella lhe offereceu.

{Getulio termina a missiva apresen}/tando ao presidente da Academia “os protestos de sua [mais] alta estima e distincta consideração”.

Este final mostra o literato.

E o offerecimento da candidatura mostra a Academia.

Como os dois se parecem!

29 de julho.

O sr. Gilberto Freyre, apesar de seu talento e da sua cultura, parece não acreditar muito no restabelecimento do liberalismo no mundo, após a derrota inevitavel do nazismo e do fascismo.

Em discurso recente, affirmou esse [publicista] não ser provavel que se volte ao que elle chama “culto simplista da Liberdade com L grande”.

Com L grande é como está escripto no discurso publicado pela imprensa.

Pouco importa, todavia, que a Liberdade deixe de voltar com L grande.
Basta que volte com L maiusculo¹./

¹ É possível que Alencar esteja se referindo à Liberdade segundo a filosofia liberal, pautada na noção de liberdades individuais formulada por John Locke (VILELA, 2014).

30 de julho.

Por ordem do Dip, os jornaes italianos e allemães que se publicam no Brasil terão que aparecer, de agora em deante, em portuguez.

Lourival Fontes sabe muito bem que não basta isso para que elles deixem de ser fascistas e nazistas.

Acabar com o fascismo e com o nazismo, no interesse do Brasil?

Não vê!

Isso seria acabar com os Lourivaes.

E com os Cyprianos.

31 de julho.

Augmentam consideravelmente as probabilidades de Hitler ser derrotado pelos russos.

Ha de ter muita graça que a Russia, pela qual o mundo sentia ou fingia sentir verdadeiro horror, acabe afinal por salvá-lo.

Por esta nem o diabo esperava!/

1º de agosto, sexta-feira.

Embora sexta-feira e embora 1º de agosto, o dia de hoje é um dia como outro qualquer¹.

Esta é uma affirmação que posso agora fazer com a maior tranquilidade, porque já é quasi meia-noite² e o sabbado, 2, está prestes a chegar.

¹ Outra passagem ilustrativa sobre as superstições de Alencar.

² Esta passagem, assim como a de 19 de maio, comprovam a affirmação de Alencar, registrada em 18 daquele mes, de que as anotações diárias seriam escritas à noite.

Se fosse pela manhã, á hora do [primeiro] café, já não seria decerto a mesma coisa. A hora influe muito sobre as nossas convicções.

2 de agosto.

Sempre tive duas opiniões sobre o automovel: uma quando, simples pedestre, escapo de ser atropelado por elle na rua, e outra quando, dentro d'elle, obrigo os transeuntes a abrir-me passagem o mais rapidamente possivel.

É provavel que ainda venha a ter uma terceira opinião. Tudo/ depende do automovel.

3 de agosto.

Getulio Vargas mandou dar sessenta mil contos de réis ao Rio Grande do Sul, tomando como pretexto para o presente a cheia que houve por lá.

O Rio Grande já era uma calamidade para o Brasil.

E o Brasil, agora, tem que pagar ainda as calamidades particulares do Rio Grande.

Quem pagará a [enorme] calamidade geral?

4 de agosto.

Volta a correr rumores de que o totalitario Hitler e o totalitario Franco pretendem invadir Portugal, dirigido pelo totalitario Salazar.

E depois dizem que lobo não come lobo.

5 de agosto.

{Numa falação dirigida aos italia}/nos que seguiram para a campanha contra a Russia, declarou Mussolini ter entrado o fascismo no seu quinto acto.

Como é isso?

As comedias, em regra, nunca passam de três actos.

Com cinco, esta deve ser a primeira que apparece.

6 de agosto.

Ha individuos que não se contestam só com ser estupidos e, indo mais longe do que seria razoavel, fazem empenho em mostrar a propria estupidez.

Ainda hoje encontrei varios delles a lerem em publico o Meio-dia.

7 de agosto.

Hitler anuncia que já matou três milhões de russos, em quarenta e seis dias de guerra.

O que se pode concluir razoavelmente dessa afirmação é que na Alemanha deve haver pelo menos oitenta milhões de imbecis capazes de acreditar em tal notícia*.

8 de agosto.

Getulio Vargas acaba de ser eleito simultaneamente membro da Academia de Letras e presidente honorário da Associação de Imprensa¹.

O escândalo, a bem dizer, não é lá muito grande.

Entre os literatos da Academia e os jornalistas da Associação Getulio é bastante homem para fazer figura. Para fazer até figura muito boa.

Sejamos justos, que diabo!

¹ Associação Brasileira de Imprensa foi criada em 1908, com o objetivo de assegurar os direitos assistenciais e aglutinar os trabalhadores da imprensa. Segundo o *site* da Instituição, os jornalistas encontravam-se dispersos naquele período, mas, aos poucos, foram aderindo à entidade. Seu prédio foi construído em três anos, entre 1936 e 1939, marcado por características da arquitetura modernista. A execução da obra se deu a partir da solicitação de Herbert Moses a Getúlio Vargas, através do ministro Osvaldo Aranha, por meio de empréstimo no Banco do Brasil – rendendo o título de Presidente de Honra da Casa a Vargas. O edifício foi tombado em 1965, pelo Instituto do Patrimônio Histórico Estadual (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA, [201-?]; O PRÉDIO, [201-?]).

9 de agosto.

Appareceu hoje, no Rio, feito nas oficinas do governo, com papel do governo e com dinheiro também do governo, o jornal de Cassiano Ricardo, poeta transformado em doutrinador do Estado/ Novo. Ahi está a razão pela qual Cassiano Ricardo, ha dias, em Belo Horizonte, declarou que Getulio Vargas é um grande literato.

Como se vê, tudo muito velho: o Ricardo, o jornal, o protector do Ricardo e o Estado Novo. Este principalmente.

10 de agosto.

Certa corporação typographica do Rio de Janeiro dirigiu um memorial ao ministro da Educação, reclamando contra a grande quantidade de accents exigidos pela nova orthographia.

O ministro prometeu diminuir os accents.

Agora é assim.

Qualquer dificuldade que surja, é só appellar para o ministro.

Uma portaria resolverá tudo.

E o interessante é que fica resolvido mesmo.../

11 de agosto.

Hoje foi o Dia do Estudante.

Ninguém estudou.

Quer dizer que o dia, afinal, foi um dia como outro qualquer. Sem a menor diferença.

12 de agosto.

A Academia de Letras, além da herança do livreiro Francisco Alves, de cujos júros vae vivendo á farta, possui um palacio, dado pela França.

A Associação de Imprensa tem um arranha-céo, dado por Getulio Vargas, com os dinheiros publicos.

Progresso?

Dizem muitos que sim.

Mas tambem há quem pense, e com muita razão, que um só academico e um só jornalista, do tempo em que a Academia e a Associação não possuiam sequer um casebre nos suburbios, valiam muito mais do que/ todos os academicos e todos os jornalistas de hoje, reunidos e sommados.

Ha progressos, na verdade, lamentaveis.

13 de agosto.

A embaixada portugueza, chefiada por Julio Dantas, deixou hoje o Rio de Janeiro.

Muito se falou, durante a sua estada na capital do paiz, na communhão de idéaes de Portugal e do Brasil.

A communhão, realmente, é perfeita.

Os portuguezes têm Antonio Ferro.

Nós temos Lourival Fontes.

Tão bom como tão bom.

14 de agosto.

O papa, na sua ultima fala, alludiu com evidente sympathia aos christãos que estão morrendo em defesa da civilização. Esses christãos, porém,/ no pensamento papal, não são nem ingleses, nem francezes livres. São os allemães em guerra com os russos...

O papa imagina, neste momento, que a Russia vae perder.

Mas se, amanhã, os russos vencerem, o Papa não terá a menor duvida em proclamar o seu amor paternal por Staline¹ em affirmar que a Russia, vermelha ou branca, sempre foi uma boa filha da Igreja.

A Igreja tem que ser eterna.

E o melhor meio, [para ella,] de ser eterna é o de estar sempre com os triumphadores.

O Papa sabe o que diz.

Sabe, sobretudo, o que faz.

¹ Segunda forma de escrita adotada para o nome de Josef Stalin nos diários. Conferir nota 1, de 26 de junho (p.88), desta edição de fontes.

15 de agosto.

Para manter-se na governança com a dona Darcy e com o casal Amaral Peixoto, Getulio Vargas enche de dinheiro os officiais do Exercito, á custa do povo, e aumenta arbitrariamente os salarios dos trabalhadores, á custa dos patrões.

Quanto aos vagabundos, que tambem poderiam gritar, dá-lhes campos de futebol.

Dos recalcitrantes ou descontentes possiveis se encarrega o tribunal de segurança.

Segurança de quem?

De dona Darcy, do casal Amaral Peixoto e do agora illustre academico.

E ahi está o que reservaram ao Brasil aquelles que desmoralizaram a impopularizaram o regimen democratico.

16 de agosto.

Não nego que o dia de hontem me [foi ruim para o] figado. Nem por isso, todavia, julgo ter {exaggerado. As coisas, mesmo para os figa}/dos sãos, vão de mal a pior nos dominios de Lourival Fontes. Excepto, naturalmente, para Lourival.

17 de agosto.

Não ha duvida alguma que Candide tem toda a razão e que é preciso cultivar, cada qual, o seu jardim.

Como fazel-o, entretanto, se nem todos o possuem?

18 de agosto.

Sim, cultivar o jardim não é nada.

Possuil-o é que é a grande questão.

19 de agosto.

Quasi todos os jornaes que commemoraram o centenário de Fagundes Varella fizeram questão de esclarecer que o poeta bebia muito, ficava em/briagado todos os dias, vivia sujo e maltrapilho.

Um delles contou mesmo que Luiz Nicoláu, certa noite em que chovia muito, cahiu bebado numa sargeta, em Nitheroy, morrendo, por causa disso, horas depois.

E ahi está como se commemora, no paiz, o centenario dos grandes poetas.

Ha de ser por isso, com [certeza,] que já não existem grandes poetas no Brasil.

20 de agosto.

No Brasil, agora, só existem poetas á Cassiano Ricardo.

21 de agosto.

Ha, no Brasil, dirigido aliás por um general do Exercito, o Conselho Nacional do Petroleo.

O que não ha é petroleo.

Quem não tem cão caça com {gato...}/

22 de agosto.

O Papa, posto que acredite na victoria allemã, continúa esperando.

Se Hitler vencer na Russia, ficará sendo, [para a Igreja,] o salvador da civilização.

Se Hitler for derrotado, o salvador será Stalin.

23 de agosto.

O Tribunal de Segurança condenou a tres annos de cadeia o autor de um livro recente, em que ha idéas separatistas.

Isso foi com certeza para festejar a entrada de Getulio Vargas para a Academia de Letras.

Quando é que começarão a queimar livros no meio da rua?

Talvez não ficasse mal um pequeno auto-de-fé no dia da/ posse do novo academico.

Se Lourival Fontes fosse mais intelligente, já teria tido tal idéa.

Emfim, pode ser que Cypriano Lage se lembre...

24 de agosto.

Começa amanhã a semana de Caxias. Logo depois virá a semana da Patria.

A semana do feijão barato, para que o povo possa matar a fome, é que não chega nunca.

O que é bem capaz de apparecer, qualquer destes dias, é o Conselho Nacional do Feijão com Angú, para dar emprego aos Lourivaes que ainda não encontraram collocação.

25 de agosto.

Ha homens que martyrizam mulheres, e são abominaveis.

Mas as mulheres que martyrizam ho/mens são bem mais terriveis, embora o façam, as mais das vezes, inconscientemente, ou por isso mesmo.

Uma mulher que martyriza, vinga que forte vinte mulheres martyrizadas.

26 de agosto.

A Associação de Imprensa offereceu um banquete ao glorioso Exercito nacional, por occasião das commemorações de Caxias.

Mostra[m] assim os jornaes o seu reconhecimento á soldadesca que os açaimou.

É bello ser grato, não ha duvida nenhuma.

27 de agosto.

Acabou de ser proibida a venda de gasolina, no paiz, aos domingos, em vista da escassez de[sse] combustivel.

Os jornaes continuam, não obstante,/ a affirmar que [o petroleo de] Lobato¹ está jorrando.

É que, com certeza, isto nada tem a ver com aquillo.

¹ Em 1939 o governo brasileiro, através do ministro da Agricultura Fernando Costa, anunciou a descoberta de petróleo em Lobato, bairro de Salvador, na Bahia. Foram recolhidos 70 litros de petróleo desta primeira prospecção. Em 1941, ano de escrita dos diários alencarianos, um dos poços perfurados originou o campo de Candeias, o primeiro a produzir petróleo no Brasil, dando início à atividade extrativista de petróleo no país (ALMEIDA, [20--?]).

28 de agosto.

Um só commentario se impõe a respeito do attentado contra Pierre Laval. E é este: Laval não vale o custo de uma bala, quanto mais de cinco.

29 de agosto.

Vae ser construido no Rio um arranha-céu no valor de milhares de contos de réis, para séde do Clube Militar.

Ahi está o para que serve o glorioso Exercito nacional.

Emquanto isso, o povo que pague os impostos e passe fome.

30 de agosto.

Não admira que existam Quislings¹ e Lavaes um pouco por toda parte.

¹ Vidkun Quisling foi fundador da agremiação pró-nazista, Partido da União Nacional Fascista, na Noruega, durante os anos 1930. Colaborou com a invasão alemã ao país, em 1940, e chefiou a administração entre 1942 e 1943. Sua atitude foi considerada traição à pátria, fazendo com que seu nome se tornasse sinônimo de colaboradores e traidores. Após guerra foi preso, julgado e executado por crimes contra o país. O **Collins Thesaurus of the English Language** traz o termo Quisling como sinônimo de traidor, colaborador (O JULGAMENTO, [20--?]; QUISLING, [201-?]).

{Essa gente sempre existiu em todos}/ os tempos.

Tambem não admira que façam proselytos.

Assim como um nescio sempre encontra outros mais nescios que o acompanhem, assim tambem um traidor quasi [nunca] fica sozinho quando trae.

31 de agosto.

Acabo de ler num psychologo, ou num escritor que se tem como tal, que o meio mais simples de vencer o receio de fazer uma coisa consiste em fazel-a.

Evidentemente...

1º de setembro.

Getulio Vargas acaba de crear o Instituto Nacional da Banana.

Ahi está tudo quanto [de melhor] elle achou para dar ao paiz, que o supporta ha perto de onze annos.

É verdade que o paiz não me/rece lá muito mais do que isso. Talvez nem mesmo isso mereça.

2 de setembro.

Com o intuito certamente de não se confundir com a turba dos Moreiras com i, o sr. Alvaro Moreyra¹ escreve com y o seu sobrenome.

Acontece, porém, que qualquer Moreira que faça literatura no paiz está, ou deve estar, bem acima do sr. Alvaro, nesse terreno.

A isso se pode chamar, sem forçar muito as coisas, um tiro pela culatra. O y não ficou sendo signal de superioridade, mas de inferioridade.

¹ Álvaro Maria da Soledade Pinto da Fonseca Velhinho Rodrigues Moreira da Silva foi poeta, cronista e jornalista. Nasceu em 1888, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Adotou o sobrenome de seu pai, João Moreyra da Silva, com o intuito de simplificar o extenso nome. Foi jornalista, atuando como redator das publicações **Fon-Fon**, **A Hora**, **Ilustração Brasileira**, **Dom Casmurro**, **Para Todos**, entre outras. Fundou, em 1927, no Rio de Janeiro, o Teatro de Brinquedo. Foi eleito para a Academia Brasileira de Letras em 1959, e foi também membro da Fundação Graça Aranha e da Academia Carioca de Letras. Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1964 (ÁLVARO MOREYRA, [20--?]).

3 de setembro.

Getulio Vargas, segundo os seus thuriferarios, deu ao Brasil uma das legislações sociais mais adeantadas do mundo.

Deve ser por isso, naturalmente que/ a vida no Brasil jamais esteve tão cara. Nem a fome tão apertada.

4 de setembro.

Que frio!

5 de setembro.

A enorme cara redonda de Antonio Ferro¹ aparece hoje nos jornaes do Rio, numa photographia tomada no momento em que elle assignava, com o guedelhudo Lourival, sob o olhar complacente de Getulio Vargas, em acordo de intercambio cultural, firmado entre Portugal e o Brasil.

Ferro arrolha a imprensa portugueza, Lourival arrolha a brasileira.

É muito natural que ambos se entendam ás mil maravilhas, principalmente em materia de cultura.

A cultura de Lourival! A cultural de Ferro!

¹ Antônio Ferro nasceu em 1895 e morreu em 1956, Portugal. Colaborou com o Estado Novo português – comandado por Antônio de Oliveira Salazar a partir de 1932 – atuando no Secretariado da Propaganda Nacional (SPN) e no Secretariado Nacional de Informação (SNI). Foi autor de **A teoria da indiferença** (1920), **Leviana** (1921), do manifesto **Nós** (1922), de **A idade do jazz-band** (1923), **A arte de bem morrer** (1923) e da peça **Mar alto** (1924) (FERRO, 2015; ROSMANINHO, 2008).

6 de setembro.

{Carmen Miranda, Leonidas, Ary}/ Barroso, eis as [nossas] grandes figuras contemporaneas, eis o Brasil do tempo de Getulio Vargas.

7 de setembro.

Independencia ou morte. Vão esperando...

8 de setembro.

Terminou a semana da Pátria, tendo havido desfiles, paradas, concentrações, discursos, páginas ilustradas em todos os jornais.

A vida, porém, não desceu de preço.

Seria melhor que a Pátria desse [mais] feijão aos seus filhos e lhes exigisse menos festas e passeatas.

9 de setembro.

Nada mais curioso do que os sábios que ainda não sabem como e já querem saber porque.

10 de setembro.

Os telegrammas de hoje dizem que/ o presidente Roosevelt anda intercedendo junto ao Papa a fim de que este mostre um pouco de boa vontade em relação aos russos.

Pois, senhores, o Papa é bem capaz de ceder a essa doce violência. Tanto mais quanto a Rússia está resistindo como pouca gente esperava e como o Vaticano jamais supôs que fosse possível.

11 de setembro.

Pétain e Darlan estabeleceram tribunais de exceção, encarregados de julgar os responsáveis pela derrota da França.

Quem julgará, amanhã, esses dois velhos, responsáveis pela deshonra dos franceses?

12 de setembro.

Estado Novo: a melhor forma encontrada por Getúlio Vargas para {ir ficando no poder.}/

13 de setembro.

Parece que agora já não é mais oportuno indagar:

– E se a Rússia vender?

Agora a pergunta apropriada é esta:

– Quando vencerá a Rússia?

4 de setembro.

O pallido sr. Tristão de Athayde¹ entende que é necessario deixar a Alemanha derrotar [primeiro] os russos, para que depois a Inglaterra derrote os alemães.

Isso com certeza serviria os interesses pessoais do sr. Athayde.

O diabo, porém, é que há outros interesses a servir.

¹ Pseudônimo de Alceu Amoroso Lima, nascido na cidade do Rio de Janeiro, em 1893. Foi advogado, jornalista e escritor. Dirigiu a revista estudantil do curso de Direito, **A Época**. Em 1919, a convite de Renato Lopes, passou a contribuir para **O Jornal**, produzindo críticas literárias. No ano de 1924, interrompeu sua atuação no periódico e aproximou-se de Jackson de Figueiredo, fundador do Centro Dom Vital, associação civil religiosa, vinculada à Igreja Católica. Converteu-se ao catolicismo, em 1928, mesmo ano em que assumiu a direção do Centro, passando a editar a revista **A Ordem**, daquela instituição. Colaborou também em jornais como **A Manhã** e **Jornal do Comércio**, no Rio, e com o jornal integralista **A Ofensiva**. Foi ainda diretor da **Revista da Academia Brasileira de Letras**. Faleceu em Petrópolis, em 1983 (FERREIRA, 2001).

15 de setembro.

Um padre com o qual costumo conversar, e que encontro de raro em raro, abordou-me hoje na rua para dizer-me, a respeito da luta germano-russa:

– Como vamos de guerra? Pare/ce que os lobos estão a entredivorar-se, hein? Agora é que está bom...

O padre pensa com certeza que os russos não vão vencer, e que isso será uma vantagem. Para a Igreja talvez seja, não para o mundo. Como, porém, ao padre não interessa a sorte do mundo e [sim] a da Igreja, a lógica está com elle. Por isso mesmo é que a lógica, hoje em dia, já não vale nada.

16 de setembro.

À medida que o mundo se alegra com a multiplicação dos sinais da derrota inevitável da Alemanha, um agudo pesar ensombra os espíritos: o pesar de que a França não esteja, como devia, dando todo o seu esforço para o aniquilamento dos bárbaros. Os dois tristes e lamentáveis Gérontes¹ de Vichy são os responsáveis por esse absurdo que é a vitória da liberdade {com a ausência dos franceses.}²

¹ Conforme o **Dicionário Michaelis Online** [20--?], geronte é uma definição para homem idoso. Sua origem remete aos membros do conselho de anciãos da Grécia antiga.

² Fim do segundo caderno.

“No reinado de Lourival

Terceiro caderno

17 de setembro.

Os telegrammas de hoje dizem que o Papa se recusou a declarar que a guerra contra o nazismo é justa.

Nada mais natural do que essa recusa.

Pois se a guerra ainda não acabou...

18 de setembro.

Laval só usa gravatas brancas, immaculadas.

Os lyrios do brejo também são de uma alvura nitente.

19 de setembro.

Vão ser gastos oitocentos contos de réis/ nos palácios do Cattete, Guanabara e Rio Negro, para que Getulio Vargas tenha mais conforto.

Enquanto isso, a fome aperta cada vez mais no Brasil.

Exceto, talvez, para os Lourivaes e alguns outros Fontes, com ou sem guedelha.

20 de setembro.

Os estudantes de Direito do Rio acabam de escolher Getulio Vargas para seu paranympo este anno.

Que especie de Direito estarão elles estudando?

21 de setembro.

Mocidade: tempo em que muitos se privam de tudo, com o feito de garantir a velhice.

Velhice: tempo em que muitos não têm nem gosto nem possibilidade de tirar partido do que accumularam na mo{cidade.}/

22 de setembro.

Os três jornais nazistas do Brasil, publicados sob as vistas amigas de Lourival Fontes, são A Manhã¹, o Meio-dia² e A Noite³.

Burricas o dia inteiro...

¹ **A Manhã** foi um diário matutino lançado na cidade do Rio de Janeiro, em 1925, por Mário Rodrigues, pai dos escritores Nelson Rodrigues e Mário Filho, após sua saída do **Correio da Manhã**, jornal de grande circulação no período. Propunha-se a confrontar o autoritarismo, as oligarquias e a estrutura política da Primeira República. Opôs-se ao governo de Washington Luís. Entre seus colaboradores estavam Monteiro Lobato, Mário de Andrade, Agripino Grieco, Alcântara Machado, Apparício Torelly (Barão de Itararé) – que posteriormente lançou o periódico **A Manha**, título satírico em referência ao jornal de Rodrigues (BRASIL, B., [20--?a]).

² Sobre o **Meio-dia** foi encontrado um periódico homônimo, mas de período diferente, não sendo localizadas informações, no *site* da Hemeroteca Digital da Biblioteca Digital, sobre o jornal ao qual Alencar se referia neste fragmento.

³ O jornal vespertino **A Noite** foi fundado em 1911, por Irineu Marinho, na cidade do Rio de Janeiro (RJ), após este jornalista deixar a **Gazeta de Notícias**. É considerado um dos primeiros jornais populares do município – de custo acessível, publicação diária e largas tiragens. Teve várias donos e fases, sendo as décadas de 1920 e 1930 as mais importantes. No edifício-sede do jornal também funcionou a Rádio Nacional. Abordava temas relacionados à política nacional e à cidade do Rio de Janeiro, destacando-se o noticiário policial (BRASIL, B., [20--?b]).

23 de setembro.

Mas ha de vir a madrugada.

24 de setembro.

Lucio dos Santos, celebre carola mineiro, fez ha dias em Juiz de Fóra um discurso fascista.

Lucio pensa que está ganhando o reino dos céos.

É engano d'elle.

O reino dos céos não foi absolutamente promettido a todos os tolos.

25 de setembro.

{Deante dos ultimos revezes russos,}/ o Japão volta a falar em atacar a Siberia.

O Papa, por sua vez, daqui a pouco, é capaz de dizer que os bolchevistas não são filhos de Deus.

Fluctuações

26 de setembro.

O Circulo Militar vae celebrar amanhã em Juiz de Fóra, com um retumbante baile, a entrada da primavera.

O mesmo Circulo já pensa em construir um palacio que lhe sirva de séde.

E assim vae cumprindo o glorioso Exercito Nacional a sua missão: amordaçar o povo e gosar a vida á custa delle.

27 de setembro.

O velho Pétain declarou que deseja ser enterrado entre os soldados desconhe/cidos. Que pena o velho Pétain não ter sido um delles!

28 de setembro, domingo.

Centenario de Clemenceau.

Não teria sido melhor para a França que ele não a houvesse salvo em 1918?

A derrota [gloriosa] em 1918 evitaria [ao menos] a vergonha de 1940...

29 de setembro.

Os homens entendem, com ou sem razão, que não ha maior infeliz do que o marido enganado pela mulher.

Pois é precisamente esse desgraçado, considerado [por elles] o primeiro de todos, pois é precisamente elle o que mais zombarias lhes provoca.

30 de setembro.

Mussolini e Hitler são dois genios, dizem aquelles que os admiram.

{Dois genios tão grandes que não pre}/viram o encurralamento em que ora se vêem mettidos.

1º de outubro.

Os estudantes de Direito, no Rio, deram a Getulio Vargas a incumbencia de paronymphar a turma.

Consta agora que a Faculdade de Direito de S. Paulo foi fechada por haverem os seus alumnos rasgado o retrato do eterno “presidente”.

O facto não deixa de ser consolador.

E será que ceci tuera cela?¹

¹ “Isto matará aquilo?”, em tradução livre. O trecho faz referência ao capítulo homônimo da obra **Notre-Dame de Paris**, de Victor Hugo (DUCLÓS, 2012).

2 de outubro.

Getulio Vargas não adoece nunca. Tem uma saúde de ferro.

Sendo de ferro a saúde d'elle e sendo de cêra a vontade do Brasil, o tal Estado Novo promette ir longe.

3 de outubro.

{No Brasil, quasi todos os jor}/naes são hoje illustrados. O que elles já quasi não têm é illustração¹.

¹ Possível trocadilho com os significados do conceito de Ilustração – abandonando a ideia de ilustração como desenho e adotando o conceito de ilustração como conhecimento, cultura.

4 de outubro.

Hitler deitou mais um [de seus] discursos de legua e meia, elogiando a Allemanaha elogiando-se a si próprio.

Quanto á Russia, declarou que ella estava formidavelmente armada para destruir a Europa, se não fosse elle, Hitler.

Isso é um modo indiscreto de pedir ao mundo que o ajude a esmagar os russos.

Hitler, porém, está muito enganado: elle tem de esmagar os russos sózinho.

O diabo é que os russos é que são muito capazes de esmagal-o e mais a camarilha dos Goering¹ e Ribbentrop², com toda a sua prosapia.

¹ Hermann Goering foi chefe da força aérea alemã Luftwaffe. Cometeu suicídio antes de ser executado após condenação no julgamento de Nuremberg. Ficou conhecido por expropriar coleções de arte pública e privadas, durante as invasões nazistas pela Europa. Sua família nunca conseguiu reaver seus bens, confiscados em 1948 (FILHA DE HERMANN, 2016).

² Joachim von Ribbentrop foi ministro do Exterior da Alemanha nazista. Ficou conhecido por dar nome – junto ao ministro do Exterior da União Soviética, Viatsheslav Molotov – ao **Pacto de Não-Agressão germano-soviético Molotov-Ribbentrop**, em 1939 – ano de eclosão da Segunda Guerra Mundial (ALTMAN, 2010).

5 de outubro.

Convem sempre pintar o diabo bem feio, o mais feio que fôr possível. As/sim, depois, é quasi certo apparecer-mos elle bonito. O que não deixa de ter as suas vantagens.

6 de outubro.

Os cinemas estão exhibindo vistas do palacio que o glorioso Exercito Nacional ergueu no Rio para séde do ministerio da Guerra.

O edificio é mesmo imponente.

Não resta duvida que o Brasil pode agora dormir tranquillo: está mais do que defendido.

7 de outubro.

E, se não estiver, é a mesma coisa.

8 de outubro.

Quando é que o portuguez Antonio Ferro regressará á patria?

Temos [infelizmente] a obrigação de tolerar Lourival Fontes, que aqui nasceu nin/guem sabe onde e subiu ninguem sabe como nem porque.

Mas tolerar, ainda por cima, Antonio Ferro, com a sua grande cara de luz cheia e com as suas adulações ao eminente Oliveira Salazar, é positivamente demais. Antonio Ferro precisa fazer as malas e ir doutrinar noutra freguezia.

9 de outubro.

Vichy acaba de excluir da Legião de Honra o general De Gaulle, Eva Curie e Bernstein.

Legião de Honra é só para Pétain e Darlan.

E para Laval, evidentemente.

10 de outubro.

Getulio Vargas esteve hontem na Acade[mia] Brasileira de Letras, tomando parte na sessão que se realizava.

Na photographia publicada pelos/ jornaes, apparece elle assentado entre os academicos. Um destes, velho, calvo, physionomia inexpressiva, está de bocca aberta.

A verdade é que o caso é mesmo de abrir a bocca.

11 de outubro.

A officialidade do glorioso Exercito Nacional está empregando todos os esforços para não ser despachada para Natal e adjacencias, onde, no que se diz, o governo concentra forças, por temer um ataque totalitario.

A officialidade anda indignada com isso.

E com toda razão.

Onde já se viu uma coisa assim?

Tirar os outros das suas comodidades!

12 de outubro.

Está annunciada a visita de/ Lourival Fontes a Juiz de Fóra, onde será festivamente recebido pelos jornalistas locaes.

Jornalistas locaes ou jornalistas fecaes?

O que vale é que Estevam de Oliveira, Heitor Guimarães, Mario Magalhães, Francisco Lins e outros já estão enterrados há muito tempo.

13 de outubro.

Franco mandou felicitações a Hitler pelas victorias alcançadas na Russia em prol da civilização.

Que civilização?

Naturalmente, a civilização das tomadas, do clericalismo e das castanholas.

14 de outubro.

As castanholas, emfim...

15 de outubro, quarta-feira.

O talento e a sensibilidade de Walt Disney, em Branca de neve, reconcilia[m] a gente com o cinema, no [qual]/ tão bellas coisas podem ser feitas.

Homens e crianças, moços e velhos, cultos e incultos, todo o mundo vibra deante do trabalho de Disney.

Branca de neve, [que só hoje vi,] faz bem á alma.

E faz esquecer os Lourivaes.

Decididamente, é uma obra prima de delicadeza.

Um grande artista, Walt Disney!

16 de outubro.

A paixão pela liberdade não parece ser de modo algum uma consequencia do progresso e [da] cultura de um povo.

Entre os povos ora opprimidos na Europa pela infame bota prussiana, não é desgraçadamente o francez aquelle que mais reage. Nem o hollandez, nem o belga, nem o norueguez.

É o povo servio, indoma{vel no alto das suas montanhas...}/

17 de outubro.

Antonio Ferro parece que já se foi embora. As ultimas noticias, pelo menos, dizem que foi visto em Bueno Aires.

Lourival Fontes, com certeza, a estas horas, ainda pensando em mandar vir Virginio Gayda.

18 de outubro.

Getulio Vargas visitou a sede da Radio Tupy, onde aplaudiu com entusiasmo as exposições de Ary Barroso, com o qual conversou longamente.

Um sot trouve toujours...¹

¹ Referência à expressão francesa *un sot trouve toujours un plus sot qui l'admire* – extraída, segundo o jornal francês **Le Parisien**, da obra **L'Art Poétique**, de Nicolas Boileau –, que, em tradução livre, significa um tolo encontra sempre um mais tolo que o admire (CITATIONS..., [20--?]).

19 de outubro, domingo.

Apontaram-me hoje, na rua, varios officiaes do glorioso Exercito Nacional tidos e havidos como integralistas¹.

O glorioso Exercito Nacional está cheio de typos dessa marca.

E o numero delles, entre os civis, é tambem consideravel.

A ignorancia e a estupidez sempre {formaram ambiente favoravel á eclosão}/ dos fanatismos de toda especie.

Por isso – e não por outra razão – é que a “mystica” idiota de Plinio Salgado empolga ainda tantos componentes das nossas forças armadas e tantos civis que se têm na conta de importantes. Nós bem sabemos quanta cultura possui toda essa gente, quer a fardada, quer a sem farda...

O que explica o dominio, por tempos esquecidos, de Getulio Vargas e de seus Lourivaes é justamente essa imbecilidade generalizada em que o paiz parece haver mergulhado.

Quando e como o paiz sahirá desse mergulho, eis o que ninguem sabe.

¹A Ação Integralista Brasileira (AIB) foi um movimento influenciado pelo fascismo italiano. Fundado por Plínio Salgado, em 1932, tornou-se o primeiro partido nacional organizado massivamente em todo o país, alcançando, em 1936, entre seiscentos mil e um milhão de filiados. A Ação Integralista surgiu durante a ascensão dos ideais autoritários de extrema-direita no mundo, e durante a Revolução de 1930 no Brasil, defendendo um discurso ultranacionalista, conservador, de tendência antiliberal e anticomunista (TRINDADE, 2001).

20 de outubro.

Pétain mandou fundir o bronze dos monumentos publicos da França, aff[im] de obter sulfato de cobre para a la{voura.

O velho fascista, como se vê,}/ só se preocupa com o estomago.

Desde que haja boas colheitas, pouco lhe importa que a honra e a gloria do paiz continuem debaixo da bota prussiana.

21 de outubro.

Conhece-se agora uma das razões, talvez a principal, porque Hitler tanto persegue os judeus.

Quando elle era, nas ruas de Vienna, um vagabundo rôto e esfomeado, comia e dormia, muitas vezes, em albergues mantidos por israelistas.

Tudo acaba por explicar-se.

22 de outubro.

O marechal de Vichy declarou que os francezes, ao attentarem contra a vida dos allemães que occupam a França, commettem um crime innominavel.

O fuzilamento, porém, de centenas {de francezes innocentes, pelos allemães, é uma}/ acção muito notavel.

Sinistro velho!

Repellente velho!

23 de outubro.

Noticia-se uma nova estada de Antonio Ferro no Brasil, de regresso de Buenos Aires.

E depois dizem que a arvore das patacas morreu.

Morreu nada... Bem viçosa anda [ella!]

24 de outubro.

Anniversario do fim da briga de politicos em 1930, baptisada com o nome de revolução.

O que os politicos não esperavam era que Getulio Vargas se empoleirasse no governo por toda a vida.

Se soubessem disso, não teriam brigado e [não] haveria “revolução” nenhuma.

25 de outubro.

{Continuam os fuzilamentos na}/ França.

E o Papa quieto.

Antes de tudo, a eternidade da Igreja, que se obtem não indo nunca de encontro aos que estão ou parecem estar fortes...

26 de outubro.

Consta que Pétain quer entregar-se aos allemães como refem.

Elle pensa naturalmente que vale mais do que as dezenas de francezes ainda ameaçadas de fuzilamento.

Os allemães, porém, não aceitarão em hypothese nenhuma o negocio, pois sabem que a vida do ultimo dos francezes tem muito mais valor, para a França, do que a desse velho.

Não, Pétain não será fuzilado.

27 de outubro, segunda-feira.

Lourival Fontes está em S. Paulo, onde a imprensa lhe tem offerecido banquetes, bailes, recepções.

Isso mostra que os paulistas não são/ melhores do que os cariocas.

Equivalem-se.

A falta de vergonha dos actuaes “jornalistas” brasileiros é a mesma por toda parte.

S. Paulo não poderia constituir uma excepção.

Porque?

28 de outubro.

Vi hoje, no cinema, a cara do general Goés Monteiro¹.

¹ Pedro Aurélio de Góis Monteiro nasceu em São Luís do Quitunde, Alagoas, em 1889. Ingressou na Escola Preparatória do Realengo, e na Escola de Guerra de Porto Alegre, no ano de 1904. Enquanto cadete, passou a colaborar para o jornal **O Debate**, dirigido por Getúlio Vargas. Em 1916 regressou ao Rio de Janeiro, cursando engenharia militar, concluindo em 1918. Após Vargas tomar o poder, foi nomeado ministro de Guerra em 1934, demitindo-se no ano seguinte. Em 1939

Tambem vi a do general Eurico Dutra².

Não ha duvida que o glorioso Exercito Nacional está muito bem servido.

assumiu o Comando do Estado-Maior do Exército, do qual se afastou em 1943. Reassumiu o Ministério da Guerra no ano de 1945, articulando a deposição de Vargas naquele mesmo ano. Elegeu-se senador por Alagoas dois anos depois. Recusando, em 1950, convite de Vargas para ocupar o posto de vice-presidente em sua chapa, durante as eleições presidenciais. Morreu no Rio de Janeiro, em 1956 (RAMOS, 2001).

² Eurico Gaspar Dutra nasceu em Cuiabá, em 1883. Em 1906, ingressou na Escola de Guerra de Porto Alegre e, posterior, na Escola de Artilharia e Engenharia. Colaborou com a revista **Defesa Nacional**, concluindo, em 1922, curso da Escola do Estado-Maior. Em 1932 se aproximou do governo Vargas ao auxiliar no combate ao movimento constitucionalista de São Paulo. No ano de 1935 chefiou a repressão ao levante antifascista da Aliança Nacional Libertadora (ANL), organizada por comunistas, socialistas e tenentes de esquerda. Foi nomeado ministro da Guerra no ano seguinte. Colaborou para a implementação da ditadura do Estado Novo, em 1937. Em 1945, durante o desgaste da ditadura varguista, foi lançado, pelo Partido Social Democrático (PSD), às disputas presidenciais. Tomou posse no ano seguinte, aproximando-se dos conservadores, e rompendo com Vargas. Em 1950, o candidato por ele apoiado perde, e ele passa a faixa presidencial a Vargas no ano seguinte. Durante a Ditadura Militar, instaurada em 1964, ingressa na Aliança Renovadora Nacional (Arena), partido do regime. Morreu na cidade do Rio de Janeiro, em 1974 (DUTRA, EURICO GASPAR, 2001).

29 de outubro.

A cara do general Goés Monteiro é todo um regimen... Ou melhor: é todo o regimen.

30 de outubro.

Antonio Ferro declarou aos ilustres/ colegas do Rio que está muito satisfeito [com] a sua temporada de Brasil.

Pudera não!

31 de outubro.

O Papa continúa calado.

E calado continuará, haja o que houver, até que possa aderir com absoluta segurança ao vencedor, seja este qual fôr.

1º de novembro.

O Circulo Militar de Juiz de Fóra, em communicado aos jornaes, declara que tendo a Igreja transferido este anno para o dia 3 as solennidades dedicadas aos mortos, haverá baile nos seus salões amanhã, dia de Finados.

O glorioso Exercito Nacional o [que] quer é dançar.

Os mortos que façam o mesmo, se puderem.

2 de novembro.

Berlim informa que não é a Allemanha que está atacando os Estados Unidos. Estes é que andam a} / agredil-a ha muito tempo.

A grande novidade!

Ninguém ignora que Roosevelt já se mostra cansado¹ de tanto fustigar a cara dos “arianos”.

Os “arianos”, muito valentes com fracos e desprevenidos, é que nunca têm coragem de enfrentar os fortes, nem mesmo quando estes o provocam por todos os meios e modos.

Sobre [isso] é que Berlim deveria dar informações úteis.

¹ Grafado com ç pelo autor.

3 de novembro.

O mundo inteiro, deixando-se levar pela propaganda dos que temiam [estupidamente] perder os seus bens e as suas posições, foi durante vinte annos contra a Russia. E é ella, entretanto, com indomita bravura, que hoje o está salvando...

4 de novembro.

Os cinemas exhibiram hoje Eduardo VII, segundo o livro de André Maurois.

{Quanta tristeza nos traz, neste} momento, a historia da Entente cordiale¹!

¹ Acordo firmado entre os governos francês e inglês em 1904, de cooperação política, regulamentando da exploração de suas colônias no continente africano (FOUSSIER, [20--?]).

5 de novembro.

Depois de trinta e um annos de jornalismo em Juiz de Fôra, tive hoje que solicitar a certo analphabeto um attestado de que sou realmente jornalista ha mais de dez annos, afim de poder registrar-me como tal no ministerio do Trabalho.

O attestado do [referido] analphabeto, que dirige a Associação de Imprensa de Minas, serviu.

Os meus trinta e um annos de profissão, na cidade, é que não serviram.

Emfim, parece que vou me agora jornalista registrado!

6 de novembro.

Azevedo Amaral, publicista do regimen, deu á luz hoje um longo artigo para dizer que não basta seja o funccionalismo pu{blico intelligente, honesto e cumpridor de deveres, pois nada disso tem grande importancia. O que é/ {preciso é que os funcionários deem apoio sin}cero ao Estado Novo de Getulio Vargas.

Azevedo Amaral acha até que o Dasp deve mandar espiões para as repartições publicas, afim de descobrir os indifferentes e os opposicionistas.

Ahi está como são os “publicistas” do regimen.

7 de novembro.

Os “publicistas” do regimen são como a cara do general Goés Monteiro.

8 de novembro.

Vi hoje no cinema um grupo de parlamentares argentinos visitando, de passagem pelo Rio, o “presidente” Getulio Vargas no palacio do Cattete e fazendo-lhe toda a sorte de salamaleques

É decerto por causa [da acção] de parlamentares dessa especie que a liberdade anda [hoje] a soffrer tanto pelo mundo...

9 de novembro.

Fui hoje ao circo de cavallinhos, pela primeira vez depois de muitos annos.

O circo de cavallinhos, agora, não tem mais cavallos.

{Mas, ainda assim, é bem melhor do que o cinema americano.}/

{10 de novembro.

Quatro annos de Estado Novo. Deitando discurso allusiva á data, Getulio Vargas declarou que só ha contra elle, no paiz, meia du}zia de descontentes a inadaptados.

Se assim é, por que razão não se faz o famoso plebiscito?

11 de novembro.

Getulio Vargas disse tambem, no mesmo discurso, que a unidade de acção das Americas, deante do que na Europa se está passando. É indiscutivel.

Não lhe houvesse puxado as orelhas o presidente Roosevelt...

12 de novembro.

Nas photographias em que se exhibe ao paiz, Lourival Fontes apparece sempre com olheiras.

As olheiras de quem está gosando o regimen, que paga as photographias e o resto.

13 de novembro.

Quanta gente, que amaldiçoava os russos, anda agora a abençoal-os!

14 de novembro.

O ArkRoyal parece que desta vez foi mesmo para o fundo. Mas foi para o fun{do justamente no dia em que toda a esquadra norte-americana ficou á disposição dos inglezes.}/

{15 de novembro.

Oradores e jornalistas, commemorando a data da republica, cançaram¹-se} de falar hoje em liberdade.

Liberdade de que?

¹ Grafado desta forma pelo escritor.

De prosternar-se [deante de] Getulio Vargas e [de] seus Lourivaes?
A unica liberdade que no Brasil existe agora é essa, pois ninguem vê outra.

16 de novembro, domingo.

Cada povo tem a falta de liberdade que merece.

17 de novembro.

Não fosse o presidente Roosevelt, e o Brasil estaria hoje inteiramente nazificado. Sobre isso não pode haver a menor sombra de duvida. Todos os brasileiros amigos da liberdade devem a Roosevelt o não se acharem, neste momento, de todo á mercê dos Lourivaes Fontes. Os Lourivaes mandam, mas não mandam tanto quanto queriam...

18 de novembro.

E é muito provavel que, com a derrota da Allemanha, não mandam mais nem mui{to nem pouco.}/

{19 de novembro.

A proposito da festa da bandeira, falou-se muito, hoje, novamente, em liberdade.} Será que ella está para ser restabeleci[da] [tambem por aqui, com] a victoria dos alliados?

20 de novembro.

O chefe de policia Felinto Muller, boche no nome e provavelmente boche no resto, em discurso hontem pronunciado, declarou que o communismo constitue ainda e sempre uma grave ameaça para o Brasil. Esse Muller deve estar furioso com as lições que a Russia anda dispensando aos “invenciveis” arianos. Dahi o desabafo de hontem. Muller está perdendo tempo. O Brasil prefere ver “comunista” co[m] Churchill e Roosevelt a ver nazista com os Lourivaes Fontes e os Felintos mais ou menos boches que cercam Getulio Vargas.

21 de novembro.

Weygand acaba de ser posto [vergonhosamente] no olho da rua por Pétain, em obediência ás ordens de Hitler.

Se Weygand, á frente dos exercitos francezes da Africa, se houvesse collocado ao lado de De Gaulle, teria salvo a França e ter-se-ia salvo.

{Mas quem nasceu para dez réis não chega nunca a vintem...}/

22 de novembro.

As aguas de Vichy podem ser excellen}tes para os intestinos.

Vergonha, porém, é coisa que não dão a ninguem, como já se acha mais do que provado.

23 de novembro.

A “quinta columna” brasileira, embora numerosa, nada valeria se não fôra a dubiedade de Getulio Vargas, sobre a qual ella se apoia para agir. Getulio e a “quinta columna” entendem-se bem. Eis porque Roosevelt continúa a ser, cada vez mais, o verdadeiro presidente dos brasileiros amigos da liberdade.

24 de novembro.

Renan confessa[ra] que só a estupidez humana lhe podia dar uma idéa approximada do infinito. Que diria elle se vivesse no Brasil de hoje e ouvisse por aqui certos admiradores da Allemanha?

25 de novembro.

Getulio Vargas está em S. Paulo, recebendo rapa-pés e bajulações como por toda parte.

Por onde anda a prosapia dos paulistas?

26 de novembro.

{O Estado Novo é tambem chamado, de quando em quando, pelos publicistas do}/ regimen, Estado Nacional.

Nacional como Felinto Muller e outros boches na governança?

27 de novembro.

O casal Amaral Peixoto foi ao Chile com o ministro Aranha. A “primeira dama” foi a S. Paulo com o “presidente”.

É para isso que o glorioso Exército Nacional opprime o povo. É bom que o povo não possa gritar, afim de que toda essa gente gose a vida tranquillamente.

28 de novembro.

O ministro da Guerra, Eurico Dutra, em manifesto cheio de solecismos, a proposito da comemoração do 27 de novembro (revolta comunista de 1935), declarou que o Brasil é contra as esquerdas.

Não obstante, tropas brasileiras, subordinadas a esse ministro de opereta, já estão collaborando com os americanos, aliados abertos da Russia ultra-esquerdista.

Como é isso, general?

29 de novembro.

Isso deve ser assim mesmo.

30 de novembro.

{Dizem-me que Adalgisa Nery¹, mulher}/ {de Lourival Fontes, entra no Cattete como se o Cattete fosse a casa da so}gra.

¹ Adalgisa Néri nasceu no Rio de Janeiro, em 1905. Em 1922 casou-se com o artista plástico Ismael Néri, aproximando-se de artistas e intelectuais como Jorge de Lima, Mário Pedrosa, Manuel Bandeira e Murilo Mendes. Em 1934 morre seu marido, deixando-a com dois filhos. Murilo Mendes organiza seu primeiro livro, **Poemas**, em 1937. Passa a colaborar na imprensa, escrevendo para jornais e revistas, como **O Jornal**, **Dom Casmurro** e **O Cruzeiro**. Conheceu Lourival Fontes, em 1939, com quem se casou no ano posterior. Foi retratada pelos amigos pintores Rivera e Orozco, quando viveu no México, durante os anos 1940. Retornou ao Brasil em 1951, separando-se de Lourival Fontes dois anos depois. Colaborou com o jornal **Última Hora**, discorrendo sobre a política nacional. Foi eleita deputada à Assembléia Constituinte da Guanabara, em 1960 pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB). Com a extinção dos partidos políticos, filiou-se ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB), reelegendo-se deputada estadual até a cassação dos mandatos políticos através do Ato Institucional nº 5, em 1968. Colaborou em o **Diário Carioca**,

Getulio Vargas deu ordens para que ella lhe possa falar a qualquer hora do dia ou da noite, principalmente da noite.

Tudo acaba por explicar-se, até mesmo o motivo pelo qual Lourival Fontes está reinando...

O Globo e órgãos dos **Diários Associados**. Foi ainda presidente da Associação Brasileira de Ajuda ao Menor. Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1980 (NÉRI..., 2001).

1º de dezembro.

Antonio Ferro, em todo o caso, não parece que esteja reinando em Portugal pela mesma razão.

2 de dezembro.

Ouvi hoje na rua um official do glorioso Exercito Nacional dizer que é um absurdo estar o Brasil a servir de “capanga” dos Estados Unidos. O bravo militar ignora que exactamente o contrario é o que acontece. Não tivesse o Brasil os Estados Unidos como “guarda-costas”...

3 de dezembro.

Um jornal, noticiando a inauguração, no Rio, do primeiro grupo de artilharia {anti-aerea, declarou que os céos do Brasil}/ serão agora inviolaveis. Força de expressão.

4 de dezembro.

Antonio Ferro foi recebido pelo “presidente” Getulio Vargas, com o qual conversou durante horas. Arcades ambo...

5 de dezembro.

O Estado Novo pretende acabar com o “mil-réis” e substituil-o pelo “cruzeiro”. É com esta novidade e outras que taes que o Estado Novo pensa tornar menos triste a situação do paiz. Melhor fôra que tratasse de baratear as batatas.

6 de dezembro.

Já começaram os bailes carnavalescos no Circulo Militar de Juiz de Fóra.
 O mesmo ha de estar succedendo em todos os circulos militares do paiz.
 O glorioso Exercito Nacional não perde tempo na defesa da patria que o sustenta.

7 de dezembro.

A casta militar japoneza, aliada de Hitler e sua admiradora, acaba de atirar o Japão á Guerra.

{O que é difficil de acreditar é que a esquadra japoneza faça com os america}/{nos o que o exercito japonez não conseguiu fazer ainda com os chinezes, ha cinco annos.}

Os totalitarios jogaram talvez a ultima car[tada.]

Hão de perdel-a, como perdera[m] as outras.

8 de dezembro.

Getulio Vargas declarou hoje que o Brasil é solidario com os Estados Unidos. Uai!

9 de dezembro.

O Brasil é solidario com os Estados Unidos, mas a “quinta columna” continúa o seu trabalho de sapa...

10 de dezembro.

Progresso.

Se Christo voltasse agora, seria corôado, não de espinhos naturaes mas de arame farpado.

11 de dezembro.

Ciano, genro do maior palhaço politico do seculo, disse hoje ao encarregado de negocios da America do Norte em Roma que “S. M. o Rei e Imperador declarou estar a Italia em guerra com os Estados Unidos”.

Como se o pobre Victor fosse ho{mem para declarar alguma coisa! E, depois, onde está o imperio desse velho numismata?}/

{12 de dezembro.

Affirmou o conde Sforza, em Nova York, que Mussolini é uma coisa e a Italia outra. Po}de ser. Mas a differença está custando muito a [concretizar-se.]

13 de dezembro.

É principalmente pela Rússia que mundo está sendo salvo. A Rússia que ele excommungara...

14 de dezembro.

Havia hoje á noite, na rua pri[n]cipal da cidade, grande aglomeração popular em frente a um alto-falante.

O transito interrompeu-se.

Grande batalha naval no Pacifico?

Que nada!

Jogo de futebol no Rio. Ou em S. Paulo.

15 de dezembro.

O que se deu hontem á noite com Juiz de Fóra com certeza se deu tambem em todas as grandes cidades do paiz.

O paiz só se interessa pelo futebol e pelo carnaval.

Que seria [hoje] da integridade nacional, {se não fosse a America do Norte?}/

16 de dezembro.

Devo partir, amanhã ou depois de amanhã, para as minhas férias.

A partida coincide com o fim deste caderno.

Interrompo aqui, pois, estas notas diarias.

Nas quatro ou cinco semanas de repouso que me proponho, é bom esqueceu Lourival Fontes e o seu reinado.

O quarto caderno – se mais cadernos houver – ficará para principios do anno que vem.

É quasi certo que até lá ainda esteja Lourival reinando.

Lourival só cairá quando caírem os totalitarios da Europa e da Asia. Estes serão varridos da face da terra, não ha duvida alguma. Mas a quéda talvez demore.

Todavia, quem sabe [lá] se, ajudando Deus, não virá tudo abaixo durante as minhas {férias? Nesse caso é bem possivel que não haja mais caderno nenhum... #}”¹

¹ Fim do terceiro caderno.

7 CONCLUSÃO

Os resultados aqui apresentados derivam do intenso trabalho de pesquisa e investigação dos acervos explorados, das obras literárias e jornalísticas, de referenciais teóricos e, sobretudo, dos diários manuscritos de Gilberto de Alencar. A partir da descoberta dos cadernos-diários, iniciou-se um árduo processo de estudo e averiguação dos mesmos e da trajetória de vida do escritor.

Atendendo aos objetivos e buscando sanar os problemas levantados neste processo investigativo, reafirmou-se a hipótese de que o motivo que levou Alencar a escrever suas memórias nos diários partiu da acirrada oposição do literato em relação ao ditador Getúlio Vargas e seus partidários, destacando-se Lourival Fontes, por ocupar a direção do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) – criado em 1934, como Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC), e transformado em Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) em 1939 – liderando os atos de censura contra produções que contrariavam os interesses e a conduta do regime, e perseguindo opositores que entravam em conflito com as imposições do governo.

Por ser colaborador ativo de Vargas e, possivelmente, atingir o ofício de Alencar, introjetando o amordaçamento sobre a imprensa, Lourival Fontes tornou-se o cerne da atenção do literato, que direcionou suas críticas a este condutor do silenciamento imposto. Importa salientar, entretanto, que, apesar desta postura, não desenvolveu, nos manuscritos, críticas contra o Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda, em Minas Gerais.

Evidencia-se, portanto, que a narrativa deriva da busca, intencional, de Alencar por elaborar registros—possivelmente produzidos ao final do dia – dos fatos enunciados, tencionando a vontade expressa pelo autor, em rememorar aquele período, e, sua expectativa por um leitor que consumisse seus diários, assinalando, em diversas passagens, diálogos diretos com um receptor. Da constatação de que pudesse ser censurado, por sua clara posição divergente àquele governo, é possível afirmar que Alencar tenha procurado resistir, simbolicamente, através dos diários, desenvolvendo críticas a personagens e ao modelo políticovigente. Isso valida a necessidade da edição de fontes destes manuscritos, elaborada na presente produção, fundamentada pelo esclarecimento de elementos, aspectos e personagens presentes na narrativa, essencial ao seu entendimento.

Dentro da perspectiva de esclarecimento de informações sobre os diários, apesar de não portarem a assinatura do escritor, assegura-se que cadernos tenham sido produzidos por Alencar, primero em virtude do temor em sofrer punições – como ele afirma, ao declarar que aqueles registros poderiam levar o autor à cadeia – e, em segundo lugar, por suas características grafológicas – como a caligrafia verificada por semelhança com outros manuscritos, ou mesmo o carimbo da Inspeção Escolar de Juiz de Fora, datado do período em que atuava como Diretor de Educação deste município. Também o fato de terem sido doados pela família, juntamente aos demais pertences do escritor, ratifica a possibilidade de serem autênticos. Entretanto, embora não seja possível negar a existência de outros cadernos, não foram encontrados manuscritos com mesmo teor ou características.

Através dos diários, foi possível também identificar posicionamentos políticos e literários, comuns às suas demais produções. Determinadas posições e reflexões, defendidas em artigos anteriores, ou contemporâneos à escrita de suas memórias, foram reafirmadas nos cadernos-diários – a citar sua contraposição à Reforma Ortográfica; o apreço ao jornalismo; condenação à censura e valorização de liberdade de imprensa; a preocupação com a desvalorização e perda da cultura nacional em detrimento da cultura americana; as transformações das tradições em Juiz de Fora; entre outros. Igualmente, opiniões registradas inicialmente nessa narrativa foram reiteradas posteriormente em obras literárias, entrevistas e artigos – a exemplo do desagrado que nutria por Vargas e seus aliados; a declaração de ser, na política, opositorista de modo geral, dificultando a caracterização de seu posicionamento ideológico, se de esquerda ou direita; a insistência em escrever de acordo com a antiga ortografia; a admiração por Roosevelt, entre outras.

Na busca por publicações que revelassem mais informações sobre a vida e obra do literato, foram resgatados o nome completo do escritor, seu vínculo e semelhança ideológica e humanística com o pai, e reavivadas produções, até então pouco divulgadas, como sua primeira obra literária, as crônicas de **Costumes Sertanejos** (1906); o romance de folhetim, **Ivan Gregorovitch, maximalista** (1919); ou ainda seu primeiro jornal manuscrito, produzido em 1902. Do mesmo modo, não foram localizados exemplares do jornal manuscrito por Alencar, em 1902, divulgados em Queluz de Minas, nem do periódico fundado pelo escritor, em parceria com Godofredo Braga e Apollinario Carvalho, em 1920, cognominado **A Batalha**. Da tradução de **Cenas da Vida Boêmia**, de Henry Murger, realizada, segundo

Dormeilly Nóbrega (1982), por Gilberto de Alencar, não foram encontrados dados de publicação, manuscritos, datiloscritos ou impressos em seu acervo pessoal, no Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), ou em *sites* de busca. Não estão catalogados impressos de **Costumes Sertanejos**, publicados pelo jornal **Propaganda**, de Itapeçerica, Minas Gerais – sendo encontrados no Fundo Alencar, no MAMM, alguns fragmentos de edições acondicionados em folha de ofício, sem identificação do veículo, data ou localidade em que foram publicados.

Pesquisas e investigações sobre o papel exercido pelo escritor durante o período – com reflexões mais profundas sobre Gilberto e a atividade intelectual; sobre suas publicações, hoje raras ou perdidas; em relação à biografia do literato; ou mesmo sobre sua trajetória – são escassas ou praticamente inexistentes, fato que explica a dificuldade encontrada para a recuperação de informações e produções do autor. Não apenas por seu volumoso trabalho desenvolvido, mas também pela descentralização de seus acervos e pela perda de registros físicos de sua produção – possivelmente devido à falta de um trabalho de preservação desses periódicos – poucas informações sobre a vida e obra do escritor foram aglutinadas. Por esse motivo, poucas são as reproduções e os estudos desenvolvidos sobre seu legado.

As contribuições desta pesquisa residem em valiosas descobertas sobre informações biográficas; os primeiros passos do escritor no ofício de jornalista e suas primeiras publicações literárias; a reprodução anotada de seus diários e o levantamento bibliográfico de sua produção; o resgate de sua posição pública em contestação ao modernismo, revelando elementos do realismo-naturalismo em seus romances, proveniente da influência e simpatia que nutria por esse movimento. Essa colaboração auxilia o enriquecimento cultural juiz-forano, a literatura mineira, e resulta em um significativo acréscimo de dados na história cultural do Brasil.

REFERÊNCIAS

A DEMOCRACIA, Oliveira, ano III, n.168, 21 jun.1896.4p. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/244520/1>>. Acesso em: 06 set. 2016.

ACADEMIA de Letras. **O Pharol**, ano XLVI, n.105, 05 maio 1911.p.1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/258822/27777>>. Acesso em: 14 set.2016.

ACADEMIA Mineira de Letras. **O Pharol**, ano XLVI, n. 85, 11 abr. 1911a. p.1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/258822/27693>>. Acesso em: 14 set. 2016.

_____. **O Pharol**, ano XLVI, n.111, 12 maio 1911b. p.1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/258822/27801>>. Acesso em: 22 set. 2016.

_____: a reunião de ante-hontem. **O Pharol**, Juiz de Fora, ano XLIX, n. 307, 27 dez. 1914. p.1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/258822/32400>>. Acesso em: 06 set. 2016.

_____: fundação---eleições. **O Pharol**, ano XLIV, n. 307, 28 dez.1909.p.1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/258822/26017>>. Acesso em 21 set. 2016.

_____: Posse do academico Gilberto de Alencar: notas biographicas. **O Pharol**, Juiz de Fora, ano XLVI, n.130, 03 .jun.1911c.p.2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/258822/27877>>. Acesso em: 26 ago. 2016.

AFONSO CELSO: biografia [extraído do *site* da Academia Brasileira de Letras]. [20--?]. Não paginado. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/afonso-celso/biografia>>. Acesso em: 26 jul .2016.

ALCINDO GUANABARA: biografia [extraído do *site* da Academia Brasileira de Letras]. [20--?]. Não paginado. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/alcindo-guanabara/biografia>>. Acesso em: 16 mar.2017.

ALENCAR, Fernando. A eleição de Março. **O Pharol**, Juiz de Fora, ano XLIV, n.247, 20 out. 1909a. p.2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/258822/25779>>. Acesso em 26 ago. 2016.

ALENCAR, Fernando. O Genio. **O Pharol**, Juiz de Fora, ano XLIV, n. 271, 16 nov. 1909b.p.2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/258822/25872>>. Acesso em: 26 ago. 2016.

ALENCAR, Gilberto. **Decadencia**. [Juiz de Fora?: s.n.], [19--]. 4p. Manuscrito.

_____. **Fernando de Alencar** [reprodução de artigo em *site*]. [19--]. Não paginado. Disponível em: <<http://www.uemmg.org.br/pioneiros/fernando-alencar/>>. Acesso em: 08 set. 2016.

_____. **O que se lucrou**. [Juiz de Fora?: s.n.], [19--].20p. Manuscrito.

_____. **Imprensa Mineira**: ligeira noticia sobre o estado actual do jornalismo de Minas Geraes. Juiz de Fora: Typ. Brazil, 1908.46p.

_____. As candidaturas no estrangeiro. **O Pharol**, Juiz de Fora, ano XLIV, n. 248, 21 out.1909.p.1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/258822/25782>>. Acesso em: 16 set.2016.

_____. Chronica Semanal. **O Pharol**, ano XLVII, n.139, 13 jun.1912. p.1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/258822/29162>>. Acesso em: 23 set. 2016.

_____. **Névoas ao Vento**. Juiz de Fora: Typographia Comercial, 1914a. 331p.

_____. Pouca prosa... **O Pharol**, Juiz de Fora, ano XLIX, n. 114, 16 maio 1914b. p.1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/258822/31630>>. Acesso em: 22 set. 2016.

_____. Os "novos" e o momento literario. **O Pharol**, Juiz de Fora, ano LVII, n.102, 05 set.1922a. p.1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/258822/39212>>. Acesso em: 16 set.2016.

_____. Os "novos" e o momento literario. **O Pharol**, Juiz de Fora, ano LVII, n.105, 09 set.1922b. p.1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/258822/39224>>. Acesso em: 16 set.2016.

ALENCAR, Gilberto. Praxedes e o boato. **O Pharol**, Juiz de Fora, ano LVII, n. 50, 06 jul.1922c. p.01. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/258822/39004>>. Acesso em: 16 set. 2016.

_____. **Cidade do sonho e da melancolia**. [Juiz de Fora?], 1926a. 154p. Manuscrito.

_____. **Prosa Rude**. 2. ed. Juiz de Fora: Oficinas d'O Pharol: 1926b.

_____. O calendario e a orthographia. **Minas Geraes**, [S. I.], 01 dez. 1929. p.9.

_____. Escolas impossiveis. **Diário Mercantil**, Juiz de Fora, ano XVIII, n.5.629, 22 jan.1930a. p.1

_____. Um amigo assustado... **Diário Mercantil**, Juiz de Fora, ano XIX, n.5710, 12 maio 1930b. p.01.

_____. A condição essencial. **Minas Geraes**, [S. I.], 22 jan.1930c. p.4.

_____. [ESBOÇO DE *LAYOUT* DE JORNAL]. Juiz de Fora, n.1, ano I, 05 jan.1933. 2p.

_____. A ditadura de Hollywood. **Minas Geraes**, [S. I.], 16 ago. 1934. p.5.

_____. **Italia Intrepida**: o orgulho britannico deante da resistencia latina. Juiz de Fora: Companhia Dias Cardoso, 1935. 72p.

_____. Não deixemos desaparecer as tradições. In: PRI-3 RÁDIO INCONFIDÊNCIA DE MINAS GERAES. **Boletim semanal para os jornais do interior**. Belo Horizonte, 1940. p.2-3.

_____. **No reinado de Lourival**: Caderno 1, 1941a.32p. Manuscrito.

_____. **No reinado de Lourival**: Caderno 2, 1941b. 32p. Manuscrito.

_____. **No reinado de Lourival**: Caderno 3, 1941c. 32p. Manuscrito.

ALENCAR, Gilberto. **O retrato da sala de visitas**. [Juiz de Fora?: s.n.]: 1945. 52p. Manuscrito.

_____. **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**. [Juiz de Fora?], 1945 ou 1946. 320p. Datiloscrito.

_____. _____. Juiz de Fora, 1946. 453.

_____. **O crime da rua do sapo**. [Juiz de Fora? : s.n.], 1947. 41p. Manuscrito.

_____. **Reconquista**. [Juiz de Fora?], 1945. 279p. Datiloscrito.

_____. _____. [Juiz de Fora?], 1945. 433p. Manuscrito.

_____. _____. [Juiz de Fora?], 1949. 7 cadernos. Manuscrito.

_____. Reminiscencias de Juiz de Fora. **Revista Ilustração Brasileira**, [S. l.], ano XLI, n.182, jun.1950. Disponível em:
< <http://memoria.bn.br/DocReader/107468/24265>>. Acesso em: 13 set. 2016.

_____. **Misael e Maria Rita**. Juiz de Fora: Editora Montanheza, 1953. 270p.

_____. Meio século. **Gazeta de Paraopeba**, Paraopeba, ano XLIV, n. 2.391, 06 mar. 1955. Não paginado.

_____. **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1957a. 323p.

_____. **O escriba Julião de Azambuja**. [Juiz de Fora?], 1952. 242p. Manuscrito.

_____. _____. [Juiz de Fora?], 1957b. 97p. Datiloscrito.

_____. **O escriba Julião de Azambuja & Misael e Maria Rita**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1962. 257p.

ALENCAR, Gilberto. **Cidade do sonho e da melancolia**. 2.ed., [Juiz de Fora]: Esdeva, 1971. 97p.

ALMEIDA, Denise de. **1939**: descoberto petróleo em Lobato [conteúdo digital], [20--?]. Disponível em: <<http://geofisicabrasil.com/historico/117-documento/5806-1939-descoberto-petroleo-em-lobato.html>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

ALTMAN, Max. 1939: é assinado o pacto Molotov-Ribbentrop. **Opera Mundi**. [conteúdo digital]. 2010. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/5873/conteudo+opera.shtml>>. Acesso em: 23 mar. 2017.

_____. 1942: ministro da marinha da França é assassinado em Argel. **Opera Mundi**. [conteúdo digital]. 2011. Não paginado. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/18707/hoje+na+historia+1942+%96+ministro+da+marinha+da+franca+e+assassinado+em+argel.shtml>>. Acesso em: 11 mar. 2017.

_____. 1975: morre o ditador espanhol Francisco Franco. **Opera Mundi**. [conteúdo digital]. 2012. Não paginado. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/historia/25516/hoje+na+historia+1975+-+morre+o+ditador+espanhol+francisco+franco.shtml>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

_____. 1945: Pierre Laval, líder da França de Vichy, é fuzilado. **Opera Mundi**. [conteúdo digital]. 2013. Não paginado. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/historia/31815/hoje+na+historia+1945+-+pierre+laval+lider+da+franca+de+vichy+e+fuzilado.shtml>>. Acesso em: 11 mar. 2017.

ÁLVARO MOREYRA: biografia [extraído do *site* da Academia Brasileira de Letras]. [20--?]. Não paginado. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/alvaro-moreyra/biografia>>. Acesso em 16 mar. 2017

A NOITE, ano XXIX, n.10.089, 13 mar.1940. 16p. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/348970_04/1305>. Acesso em: 27 mar. 2017.

ANTI-SEMITISMO, In: **Enciclopédia do Holocausto**. [conteúdo digital]. Washington, DC: United States Holocaust Memorial Museum. [20--?]. Não paginado. Disponível em: <<https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005175>>. Acesso 28 out. 2016.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**/FGV, Rio de Janeiro, vol. 11, n. 21, 1998.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA de Imprensa: História. [conteúdo digital]. [201-?]. Disponível em: <<http://www.abi.org.br/institucional/historia/>>. Acesso em: 20 mar. 2017

AUTONOMO: Hebdomadario republicano, ano I, n.10, 28 jul.1900. p.1. Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/830500/1>>. Acesso em 14 fev. 2017.

BARKIN, Kenneth. Otto von Bismarck. In: **Encyclopaedia Britannica** [conteúdo digital], [20--?]. Disponível em: <<https://global.britannica.com/biography/Otto-von-Bismarck>>. Acesso 12 jan. 2016.

BARROS, José D' Assunção. Fontes Históricas: revisitando alguns aspectos primordiais para a pesquisa histórica. **Mouseion/Unilasalle**, Canoas, n.12, maio/ago. 2012.

BASTO, Ana Carolina de Domenico de Avilez de. **Informações sobre o exemplar "Névoas ao Vento", desta biblioteca** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <maraquintao@yahoo.com.br> 29 jul. 2016. Não paginado.

BELLODI, Zina C. A recuperação de arquivos: fonte da memorialística. In: FLORES, Hilda A. H. (Org.). **Presença literária 2008**. Porto Alegre: Ediplat, 2008.

BLANC, Cláudio. **Segunda guerra mundial**: uma história em imagens. 1. ed. São Paulo: *Online*, 2015, 99p.

BOCHE, In: **Dicionário Michaelis Online**. [conteúdo digital]. [20--?]. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=qbZ8>>. Acesso em 17 fev. 2017.

_____ In: **Dictionary.com**. [conteúdo digital em inglês]. [20--?]b. Disponível em: <<http://www.dictionary.com/browse/boche>>. Acesso em 17 fev. 2017.

BONAVIDES, Paulo; AMARAL, Roberto (Orgs.). **Textos políticos da história do Brasil**. v.3. 3 ed. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002. 928p. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/81928>>. Acesso em: 08 jan. 2017.

BOSI, Alfredo. **Céu, inferno**. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003.496p.

_____. **História concisa da literatura brasileira**. 43. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2006. 528p.

BRAGA, Belmiro. Posse do academico Gilberto de Alencar: Discurso de Belmiro Braga. **O Pharol**, ano XLVI, n.131, 04 jun. 1911.p.1-2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/258822/27881>>. Acesso em: 08 set. 2016.

BRASIL. Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, DF, 06 dez. 1937.6p. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Decreto_Lei_n_25_de_30_de_novembro_de_1937_pdf.pdf>. Acesso em: 27 set. 2016.

BRASIL. Decreto-lei nº 1.915, de 27 de dezembro de 1939. Cria o Departamento de Imprensa e Propaganda e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, DF, 29 dez. 1937.p.29362. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-1915-27-dezembro-1939-411881-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 11 nov. 2016

BRASIL, Bruno. **A Manhã (Rio de Janeiro, 1925)**. [conteúdo digital]. [20--?a]. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/a-manha>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

_____. **A Noite** [conteúdo digital]. [20--?b]. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/a-noite/>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

CAMBRAIA, César Nardelli. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 2005. 216p.

CANALI, Mauro. GAYDA, Virginio. [conteúdo digital]. In: **Dizionario biografico degli italiani**, 1999. Disponível em: <[http://www.treccani.it/enciclopedia/virginio-gayda_\(Dizionario-Biografico\)/>](http://www.treccani.it/enciclopedia/virginio-gayda_(Dizionario-Biografico)/>). Acesso em: 14 mar. 2017.

CANDIDO, Antonio. **Noções de análise histórico-literária**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005. 114p.

CASSIANO Ricardo. In: **Enciclopédia Itaú Cultural** [conteúdo digital]. [20--?a]. Não paginado. Disponível em:

<<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa13627/cassiano-ricardo>>. Acesso em 22 nov. 2016.

CASSIANO RICARDO: Biografia [extraído do *site* da Academia Brasileira de Letras]. [20--?b]. Não paginado. Disponível em:

<http://www.academia.org.br/academicos/cassiano-ricardo/biografia>>. Acesso em 22 nov. 2016.

CESAR, William Carmo. Navios inesquecíveis. **Villegagnon Revista Acadêmica da Escola Naval**, [S.l], ano VI, n.6, 2011.p.74-81. Disponível em:

<https://www1.mar.mil.br/en/sites/www1.mar.mil.br.en/files/upload/REVISTA_VILLEGAGNON_2011.pdf>. Acesso em 22 nov. 2016.

CHAUÍ, Marilena. Cultura e democracia. Crítica y emancipación. **Revista latinoamericana de Ciencias Sociales**, Buenos Aires, ano 1, n.1, jun. 2008.

Buenos Aires: CLACSO, 2008. Disponível em:

<<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/CyE/cye3S2a.pdf>>. Acesso em: 05 jan. 2017

CITATIONS: NICOLAS Boileau [conteúdo digital]. [20--?]. Disponível em:

<<http://citation-celebre.leparisien.fr/citations/52097>>. Acesso em 05 fev. 2017.

CLAYTON, Anthony. **General Maxime Weygand, 1867-1965: fortune and misfortune**. Bloomington: *Indiana University Press*, 2015. 159p.

CLUBE dos generais. **O couraçado Bismarck** [conteúdo digital]. 2013. Não paginado. Disponível em:

<<http://www.clubedosgenerais.org/site/artigos/17/2013/08/o-couracado-bismarck/>>. Acesso em: 22 nov. 2016.

COLLOR, Lindolfo. **Discurso proferido por ocasião de sua saída do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio**. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1941. Não paginado. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/arquivo-pessoal/VF/textual/discurso-proferido-por-ocasio-de-sua-saida-do-ministerio-do-trabalho-industria-e-comercio-rio-de-janeiro>>. Acesso em 24 out. 2016.

CONTRATO PARA FUNDAÇÃO E MANUTENÇÃO DO JORNAL VESPERTINO A BATALHA. Juiz de Fora, 03 jul.1920. 2p.

COUTINHO, Amélia. FALCÃO, Valdemar. In: **Dicionário histórico-biográfico Brasileiro pós 1930**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001. Disponível em:

<<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/valdemar-cromwell-do-rego-falcao>>. Acesso em: 03 mar. 2017.

DIRETRIZES do Estado Novo (1937-1945): Departamento Administrativo do Serviço Público. **Dossiê a era Vargas**. [conteúdo digital]. CPDOC/FGV. [1997?]. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/PoliticaAdministracao/DASP>>. Acesso em 26 fev. 2017.

DUCLÓS, Nei. **O livro no avesso do abismo**. [conteúdo digital], 2012. Disponível em: <<http://www.jornalopcao.com.br/posts/opcao-cultural/o-livro-no-avesso-do-abismo>> Acesso em: 05 fev. 2017.

DUTRA, EURICO GASPAR. In: **Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós 1930**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/eurico_gaspar_dutra> . Acesso em: 11 mar. 2017.

ERNANI Amaral Peixoto. In: **Dicionário histórico biográfico brasileiro pós 1930**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/ernani_amaral_peixoto>. Acesso em: 11 mar. 2017.

ESTADO novo e fascismo. **Dossiê a era Vargas**. [conteúdo digital]. CPDOC/FGV. [20--?]. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/PoliticaAdministracao/EstadoNovoFascismo>>. Acesso em 15 mar. 2017.

FERREIRA, Marieta de Moraes. LIMA, Alceu Amoroso. In: **Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós 1930**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001. CPDOC/FGV. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/LIMA,%20Alceu%20Amoroso.pdf>>. Acesso em: 03 mar. 2017.

FERRO, Mafalda (Org.). **António Ferro: 120 anos**, Actas. Alfragide: Texto Editores, 2015. Não paginado. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=yK1CwAAQBAJ&lpg=PT125&ots=ji7t8gEa8T&dq=Ant%C3%B4nio%20Ferro&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q=Ant%C3%B4nio%20Ferro&f=false>>. Acesso em: 03 fev. 2017.

FILHA DE HERMANN Goering, um dos principais líderes nazistas, falha em recuperar objetos do pai. **O Globo** [conteúdo digital]. 2016. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/historia/filha-de-hermann-goering-um-dos-principais-lideres-nazistas-falha-em-recuperar-objetos-do-pai-15975779>>. Acesso em: 23 mar. 2017.

FRANCISCO CAMPOS. **Dossiê a era Vargas**. [conteúdo digital]. CPDOC/FGV. [1997?]. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/francisco_campos>. Acesso em: 10 mar. 2017.

FOUSSIER, Gérard. 1904: Assinada a *Entende Cordiale*. **Deutsche Welle**. [conteúdo digital]. [20--?]. Disponível em: <<http://p.dw.com/p/3Hxp>>. Acesso em: 23 mar. 2017.

FREIDEL, Frank; SIDEY, Hugh. **Franklin D. Roosevelt** [conteúdo digital]. roos Disponível em: <<https://www.whitehouse.gov/1600/presidents/franklinroosevelt>>. Acesso em 22 nov. 2016.

FUNDAÇÃO EDUCACIONAL MACHADO SOBRINHO. **Histórico da Fundação Educacional Machado Sobrinho**. Juiz de Fora, [20--?]. Não paginado. Disponível em: <<http://www.colegiomachadosobrinho.com.br/colégio/historico/>>. Acesso em 12 set. 2016.

GERONTE. In: **Dicionário Michaelis Online**. [20--?]. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=geronte>>. Acesso em 20 fev.2017

GETÚLIO VARGAS: perfil do acadêmico [extraído do *site* da Academia Brasileira de Letras]. [20--?]. Não paginado. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/getulio-vargas>>. Acesso em: 14 out. 2016.

GUARALDO, Laís. O território do caderno. **Manuscrita/USP**, São Paulo, n.14, 2006. p.80-87.

GUIMARÃES, Heitor. Hebdomada. **O Pharol**, Juiz de Fora, ano XLIV, n.306, 26 dez.1909, p.1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/258822/26013>>. Acesso em 21 set. 2016.

GUIMARÃES, Rosângela de Mendonça. Um compromisso de origem: Minas cada vez mais mineira. In: PARREIRAS, Ricardo. **O gigante do ar**: a história da Rádio Inconfidência narrada por Ricardo Parreiras e convidados. Belo Horizonte: Rádio Inconfidência, 2014. 114 p. Disponível em: <<http://inconfidencia.mg.gov.br/modules/wfdownloads/visit.php?cid=42&lid=117>>. Acesso em 28 jul. 2016.

HENRI PHILIPPE Pétain. [20--?]. Disponível em:
<<https://seuhistory.com/biografias/henri-philippe-petain>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

HIRST, Mônica. **Política de boa vizinhança** [conteúdo digital]. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC/FGV). [20--?]. Não paginado. Disponível em:<<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/politica-de-boa-vizinhanca>>. Acesso em: 24 out. 2016.

HITLER, Adolf. **Mein Kampf** [e-book]. 1925, 640p. Disponível em:
<https://archive.org/details/meinkampf_minha_luta>. Acesso em: 10 nov. 2016.

HOCHMAN, Gilberto. A saúde pública em tempos de Capanema: continuidades e inovações. In: BOMENY, Helena (Org). **Constelação Capanema**: intelectuais e políticas. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas; Bragança Paulista, SP: Ed. Universidade de São Francisco, 2001. p.127-151.

JOSÉ DO PATROCÍNIO: biografia [extraído do *site* da Academia Brasileira de Letras]. [20--?]. Não paginado. Disponível em:
<<http://www.academia.org.br/academicos/jose-do-patrocinio/biografia>>. Acesso em: 16 mar. 2017.

LAGE, Cipriano. [carta] 10 jan.1946, Rio de Janeiro, [para] CAPANEMA, Gustavo. Rio de Janeiro: Arquivo Gustavo Capanema/CPDOC-FGV, 4f. Disponível em:
<<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2010/04/artigo-08.pdf>>. Acesso em: 27 mar. 2017.

LEMOS, Renato. BOCAIUVA, Quintino. In: **Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós 1930**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001. Disponível em:
<<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/BOCAIUVA,%20Quintino.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2017.

LUDWIG, Emil. **Stalin**. 2. ed. Rio de Janeiro: Calvino, 1943. 414p.

MACIEL, Leila Rose Márie Batista da Silveira. O arquivo pessoal do escritor mineiro Gilberto de Alencar. **Verbo de Minas Letras/CES**, Juiz de Fora, v.11, n.19, jan./jul. 2011. p.115-125.

MAUAD, Ana Maria. Fotografia e a cultura política nos tempos da política da boa vizinhança. In: **Anais do Museu Paulista**: História e Cultura Material, v.22, n.1, São Paulo, jan./jun. 2014. Não paginado. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0101-4714v22n1a05>>. Acesso em 22 nov. 2016.

MAYER, Jorge Miguel. BARROS, Ademar de. In: **Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/ademar-pereira-de-barros>>. Acesso em: 03 mar. 2017.

MAYRINK, José Maria. Reformas ortográficas durante o século 20 simplificaram a língua [conteúdo digital]. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 29 nov.2008. Não paginado. Disponível em: <<http://vida-estilo.estadao.com.br/noticias/geral,reformas-ortograficas-durante-seculo-20-simplificaram-a-lingua,285959>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

MENDES, Moema Rodrigues Brandão. Preservação de bens culturais: o jornalista-literário Gilberto de Alencar, 2015, 8p. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA, 14., Belém, PA. **Anais...**, Belém: ABRALIC, 2015.

MINISTÉRIO do Trabalho. **Dossiê: a era Vargas - 1º tempo - dos anos 20 a 1945** [conteúdo digital]. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC/FGV). [1997?]. Não paginado. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-37/PoliticaSocial/MinisterioTrabalho>>. Acesso em 24 out. 2016.

MORAIS, Ricardo Belo de. Petrus. O mais excêntrico dos pessoanos. **Revista Pessoa Plural**: publicação conjunta de *Brown University*, *Warwick University* e *Universidad De Los Andes*, [S. l.], n.5, primavera de 2014.p.88-102. Disponível em: <https://www.brown.edu/Departments/Portuguese_Brazilian_Studies/ejph/pessoaplural/Issue5/PDF/I5A05.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2016.

MUSSE, Christina Ferraz. A imprensa e a memória do lugar: Juiz de Fora (1870/1940), 2007, 15p. In: CONGRESSO DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 12., Juiz de Fora, MG. **Anais...**, São Paulo: Intercom, 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2007/resumos/R0083-1.pdf>>. Acesso em: 08 set. 2016.

MUSSOLINI. **Acervo Estadão**. [conteúdo digital]. [20--?]. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/noticias/personalidades,mussolini,1025,0.htm>>. Acesso em 15.mar. 2017

NÉRI, Adalgisa. In: **Dicionário histórico biográfico brasileiro pós 1930**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/adalgisa-neri>>. Acesso em: 11 mar. 2017.

NETO, Ricardo Bonalume. "**Churchill**" revela "**resumão**" correto sobre o **estadista** [conteúdo digital]. [20--?]. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2602201121.htm>>. Acesso em 22 nov. 2016.

NEVES, José Alberto Pinho. Uma Juiz de Fora sob o desígnio da memória: notas sobre cidade e literatura. IN: MIRANDA, Sônia Regina; SIMAN, Lana Mara Castro (Org.). **Cidade, memória e educação**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2013. v.1. p. 237-277.

NICOLA, José de. **Literatura brasileira**: das origens aos nossos dias. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1990. 360p.

NÓBREGA, Dormevilly (Org.). **Poesia em Juiz de Fora**: coletânea. Juiz de Fora: Funalfa, 1981. V.I, 414 p.

_____ (Org.). **Prosadores**: coletânea volume I. Juiz de Fora: Funalfa, 1982. V.I, 294p.

_____ (Org.). **Reverendo o passado**: memória juiz-forana, 3. ed. Juiz de Fora: Edições Caminho Novo, 2001. 135p.

NOMEAÇÕES PARA o Departamento de Imprensa e Propaganda. **A Noite**, Rio de Janeiro, ano XXIX, n.10.022, 05 jan. 1940. p.1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/348970_04/87>. Acesso em: 27 mar. 2017.

NOVO FOLHETIM. **O Pharol**, Juiz de Fora, ano LIV, n.59, 13 mar.1919. p.1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/258822/37554>>. Acesso em 30 set. 2016.

OCHABA, Sabine. 1945: PÉTAIN é condenado à morte. **Deutsche Welle**, [20--?]. Disponível em: <<http://p.dw.com/p/3l5d>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

O HOLOCAUSTO, In: **Enciclopédia do Holocausto** [conteúdo digital]. Washington, DC: United States Holocaust Memorial Museum. [20--?]. Disponível em: <<https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005143>>. Acesso 28 out. 2016.

O JULGAMENTO dos crimes de guerra de Vidkun Quisling. In: **Enciclopédia do Holocausto** [conteúdo digital]. Washington, DC: *United States Holocaust Memorial*

Museum. [20--?]. Disponível em:

<https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/media_fi.php?ModuleId=0&MediaId=204Quisling>. Acesso em: 14 fev. 2017.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. O intelectual do DIP: Lourival Fontes e o Estado Novo. p. 37-58. In: BOMENY, Helena (Org.). **Constelação Capanema**: intelectuais e políticas. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas; Bragança Paulista, SP: Ed. Universidade de São Francisco, 2001. 202p.

_____. Sinais da modernidade na Era Vargas: vida literária, cinema e rádio. In: FERREIRA, J.; DELGADO, L. (Orgs.). **O Brasil republicano**: o tempo do nacional-estatismo – do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo; 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. Livro 2.

OLIVEIRA, Luís Eduardo de. **Os trabalhadores e a cidade**: a formação do proletariado de Juiz de Fora e suas lutas por direitos (1877-1920). Juiz de Fora: Funalfa; Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. 484p.

O PRÉDIO da ABI. [conteúdo digital]. [201-?]. Disponível em:

<<http://www.abi.org.br/institucional/o-predio-da-abi>>. Acesso em: 20 mar. 2017

O ULTIMO representante de um período glorioso de nossas letras. **Diário Mercantil**, Juiz de Fora, ano XLIII, n. 12.638, 01 e 02 jan., 1955.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial, aprovada pela Conferência Geral da UNESCO em Paris no dia 03 de novembro de 2003**, [tradução feita pelo Ministério das Relações Exteriores, Brasília, 2006], 17p. Disponível em:

<<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Convencao%20Salvaguarda%20Patrim%20Cult%20Imaterial%202003.pdf>>. Acesso em 27 set. 2016.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Sentidos em fuga**: efeitos da polissemia e do silêncio. Rio de Janeiro: Icict/Fiocruz, 19 ago. 2014. Palestra ministrada ao Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=u0Y2KGVkm9U>>. Acesso em 14 out. 2016

_____. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed., 4. reimp. Campinas: Editora Unicamp, 2015. 181p.

PANDOLFI, Dulce (Org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1999. 345p.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. **Arquivo público oferece Revista Alterosa on-line** [notícia em *site*]. Belo Horizonte, publicado em 05 dez.2011, às 12h00. Não paginado. Disponível em: <<http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/noticia.do?evento=portlet&pAc=not&idConteudo=53136&pIdPlc=&app>>. Acesso em: 09.set. 2016.

QUEIRÓZ, Rachel de. A prosa dos mineiros. **Diário Mercantil**, Juiz de Fora, n. 12.668, 06 fev. 1955 p.1.

QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. A crítica textual e a recuperação da história. **Scripta philologica/UEFS**, Feira de Santana, n.1, jan. 2015. Disponível em: <www.uefs.br/filologiabaiana/7.pdf>. Acesso em: 20 set. 2015.

QUISLING. In: **Collins Thesaurus of the English Language** [conteúdo digital]. [201-?]. Disponível em: <<http://www.thesaurus.com/browse/quisling?s=t>>. Acesso em: 14 fev. 2017.

RAMOS, Plínio de Abreu Ramos. MONTEIRO, Góis. In: **Dicionário histórico biográfico brasileiro pós 1930**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/pedro-aurelio-de-gois-monteiro>>. Acesso em: 16 mar. 2017.

REGISTRO social. **O Pharol**, Juiz de Fora, ano LIII, n.120, 23 maio 1918. p.2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/258822/36590>>. Acesso em 30 set. 2016.

REGISTRO social. **O Pharol**, Juiz de Fora, ano LVII, n.5 [publicação matutina], 14 maio 1922. p.2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/258822/38825>>. Acesso em 30 set. 2016.

REVISTA Alterosa. Belo Horizonte: Sociedade Editora Alterosa Ltda, 1939-1964. Disponível em: <http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=arquivopublico&lang=pt_BR&pg=6742&tax=26801>. Acessado em 07 abr. 2016.

ROSMANINHO, Nuno. António Ferro e a Propaganda Nacional Antimoderna. In: TORGAL, Luís Reis; PAULO, Heloisa (Coord.). **Estados autoritários e totalitários**

e suas representações: propaganda, ideologia, historiografia e memória. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008. p.289-299. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10316.2/32217>>. Acesso em: 03 fev. 2017.

SALLES, Cecília Almeida. **Crítica genética:** uma (nova) introdução; fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística. 2. ed. São Paulo: Educ, 2000.129p.

_____. **Gesto inacabado** – processo de criação artística. São Paulo: Fapesp: Annablume, 2004.168p.

SOUZA, Ana Lúcia Fiorot. As imagens de Juiz de Fora através da revista “A Evolução – 1921/1922. In: SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO, 8, Niterói. **Anais...**, Niterói: UFF, 2004. p.1-11. Disponível em: <<http://unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/996/971>> Acesso em 31 ago. 2016.

THE INTERNATIONAL Churchill Society. The Life of Churchill [conteúdo digital]. [20--?]. Não paginado. Disponível em: <<http://www.winstonchurchill.org/the-life-of-churchill/life>>. Acesso em 22 nov. 2016.

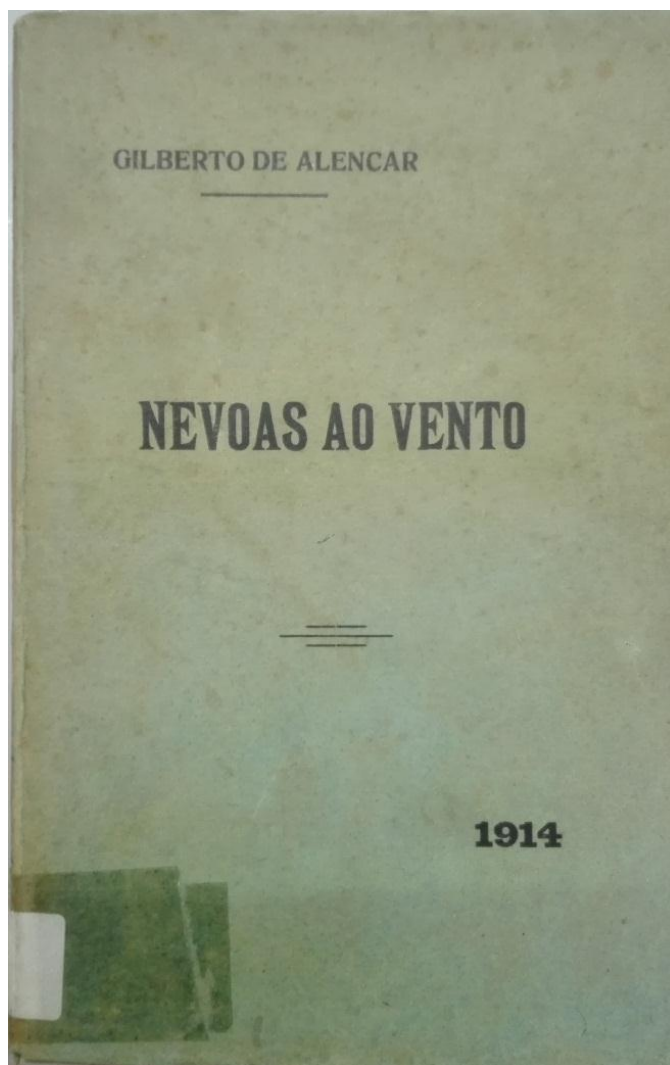
TRINDADE, Hélgio. Integralismo. In: **Dicionário histórico biográfico brasileiro pós 1930**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/integralismo>>. Acesso em: 26 fev. 2017.

VEIGA, Benedito. Hora da guerra: Jorge Amado e a França na Segunda Guerra Mundial. **Revista Amerika** [Online], n.10, 2014. Não paginado. Disponível em: <<http://amerika.revues.org/4643>>. Acesso em: 11 mar. 2017.

VELLOSO, Mônica Pimenta. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo. In: FERREIRA, J.; DELGADO, L. (Orgs.). **O Brasil republicano:** o tempo do nacional-estatismo – do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. Livro 2.

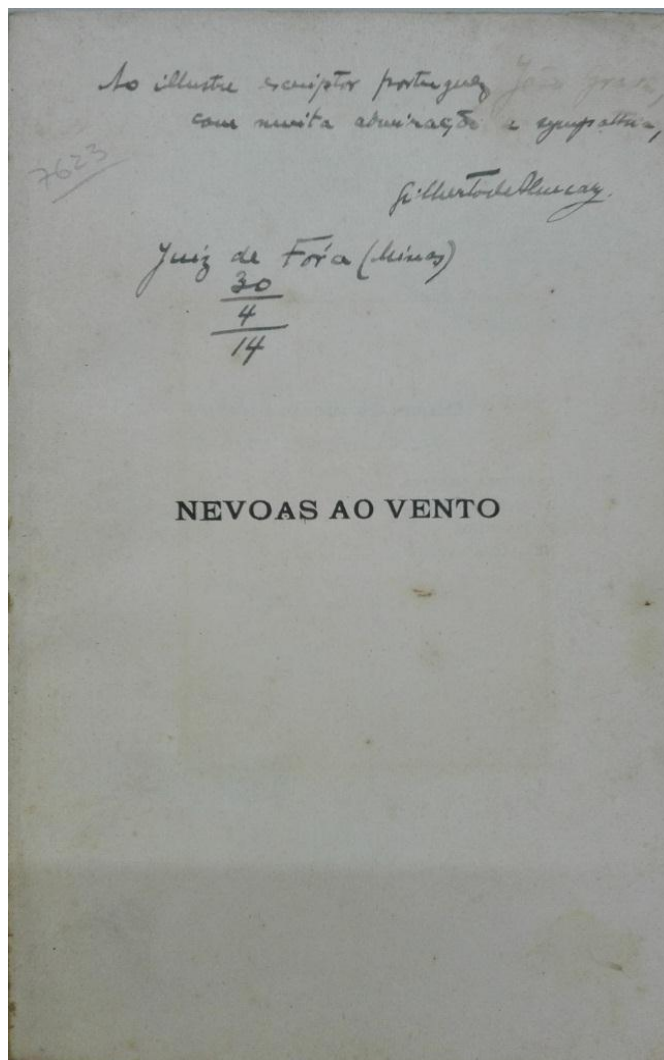
VILELA, Francy José Ferreira. O Liberalismo político de John Locke. **Revista Pandora Brasil**, [S. l.], n.60, jan. 2014. Disponível em: <http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/politica_60/francy.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2017.

ANEXO A – Capa do livro **Névoas ao Vento** (Fundo Pedro Veiga – FLUP).



Cortesia da Biblioteca Central da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal.

ANEXO B – Dedicatória do livro **Névoas ao Vento** (Fundo Pedro Veiga – FLUP).



Dedicatória, no livro *Névoas ao Vento*, ao jurista e escritor português Pedro Veiga, cortesia oferecida pela Biblioteca Central da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal.

ANEXO C – E-mail contendo informações sobre o Fundo Pedro Veiga e reproduções do exemplar de **Névoas ao Vento**, cortesia da Biblioteca Central da FLUP

- Informações sobre o exemplar "Névoas ao Vento", desta Biblioteca.

Estimada Gina Francisquini,

Foi com todo o gosto que recebemos o seu pedido.

Realmente temos esta edição da obra no espólio da Biblioteca Central da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, num fundo denominado Pedro Veiga.

Ponto 1) do seu pedido de informação:

O Dr. Pedro Veiga foi um Ilustríssimo jurista da cidade do Porto, que possuindo uma biblioteca particular de 70 mil volumes, fez dela, doação à Universidade do Porto, no início dos anos 70 do século passado. Sendo um grande bibliófilo, o seu acervo pessoal é extraordinariamente eclético e possui exemplares raríssimos.

Em 1995 passou a integrar as colecções da Biblioteca Central da FLUP, ocupando actualmente boa parte de um dos 6 pisos da Biblioteca.

Ponto 2)

No exemplar da nossa Biblioteca, para além do ex-libris do Dr. Pedro Veiga, há uma dedicatória na folha de guarda (cuja imagem segue em anexo) em que diz:

«Ao ilustre escriptor portuguez com muita admiração e sympathia,
Gilberto de Alencar. Juiz de Fóra (Minas) 30/04/[19]14»

Também em anexo, segue a reprodução, em imagem, da capa, contra-capa com o ex-libris do antigo possuidor, da folha de rosto, índice e última folha. Sendo que estas reproduções, estão a ser enviadas como cortesia.

Caso precise de alguma informação adicional, peço o favor de contactar a minha colega Julieta Peixoto (jpeixoto@letras.up.pt), que já está a par do assunto, pois estarei ausente da Biblioteca até meados de Agosto.

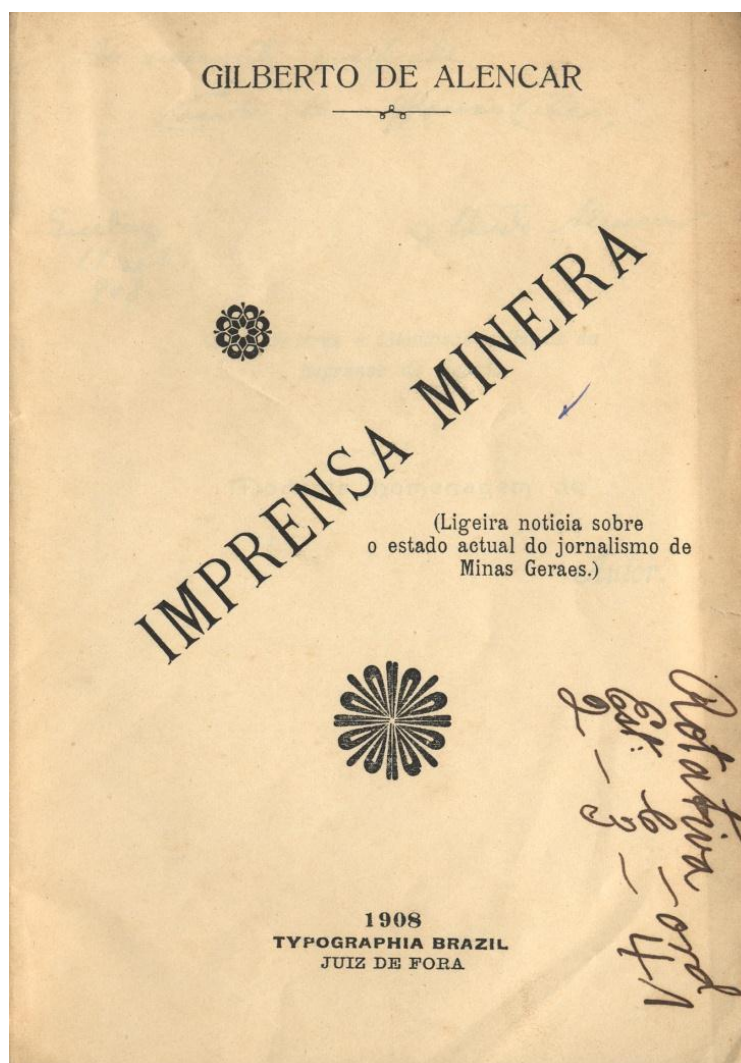
Sem mais de momento e agradecendo, desde já, o contacto, me despeço com os melhores cumprimentos,

Ana Carolina Avilez

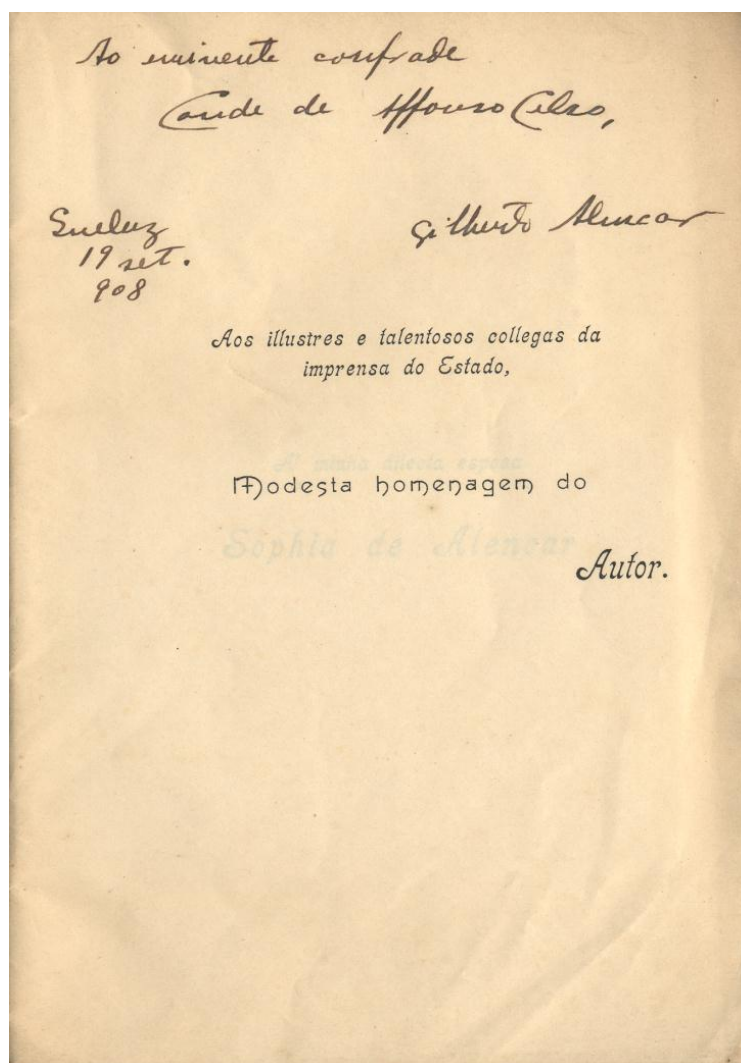


Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Serviços de Documentação e de Sistemas de Informação (DSDSI)
Via Panorâmica, s/n
4150-564 Porto, Portugal
Email: sdi@letras.up.pt
Fax: 226077154
Telefone: 226077175/6 Ext. 4422

E-mail contendo informações sobre o Fundo Pedro Veiga e reproduções do exemplar de Névoas ao Vento, cortesia oferecida pela Biblioteca Central da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal.

ANEXO D – Capa do plaquete **Imprensa Mineira** (Acervo IHGB)

Capa do plaquete Imprensa Mineira, disponibilizado pelo Instituto Histórico-Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro.

ANEXO E – Dedicatória do plaquete **Imprensa Mineira** (Acervo IHGB)

Dedicatória, no plaquete Imprensa Mineira, ao Conde de Affonso Celso, disponibilizado pelo Instituto Histórico-Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro.

ANEXO F – Decreto-lei nº 1915, de 27 de dezembro de 1939.

www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-1915-27-dezembro-1939-411881-publicacaooriginal-1-pe.html

Legislação

Legislação Informatizada - DECRETO-LEI Nº 1.915, DE 27 DE DEZEMBRO DE 1939 - Publicação Original

Veja também:

[Retificação](#) [Dados da Norma](#)

DECRETO-LEI Nº 1.915, DE 27 DE DEZEMBRO DE 1939

Cria o Departamento de Imprensa e Propaganda e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, usando da atribuição que lhe confere o artigo 180 da Constituição,

DECRETA:

Art. 1º Fica criado o Departamento de Imprensa e Propaganda (D. I. P.), diretamente subordinado ao Presidente da República.

Art. 2º O D. I. P. tem por fim:

- a) centralizar, coordenar, orientar e superintender a propaganda nacional, interna ou externa, e servir, permanentemente, como elemento auxiliar de informação dos ministérios e entidades públicas e privadas, na parte que interessa à propaganda nacional;
- b) superintender, organizar e fiscalizar os serviços de turismo interno e externo;
- c) fazer a censura do Teatro, do Cinema, de funções recreativas e esportivas de qualquer natureza, de rádio-difusão, da literatura social e política, e da imprensa, quando a esta forem cominadas as penalidades previstas por lei;
- d) estimular a produção de filmes nacionais;
- e) classificar os filmes educativos e os nacionais para concessão de prêmios e favores;
- f) sugerir ao Governo a isenção ou redução de impostos e taxas federais para os filmes educativos e de propaganda, bem como a concessão de idênticos favores para transporte dos mesmos filmes;
- g) conceder, para os referidos filmes outras vantagens que estiverem em sua alçada;
- h) coordenar e incentivar as relações da imprensa com os Poderes Públicos ao sentido de maior aproximação da mesma com fatos que se liguem aos interesses nacionais;
- i) colaborar com a imprensa estrangeira no sentido de evitar que se divulguem informações nocivas ao crédito e à cultura do país;
- j) promover intercâmbios com escritores, jornalistas e artistas nacionais e estrangeiros;
- l) estimular as atividades espirituais, colaborando com artistas e intelectuais brasileiros, no sentido de incentivar uma arte e uma literatura genuinamente brasileiras, podendo, para isso, estabelecer e conceder prêmios;
- m) incentivar a tradução de livros de autores brasileiros;
- n) proibir a entrada no Brasil de publicações estrangeiras nocivas aos interesses brasileiros, e interditar, dentro do território nacional, a edição de quaisquer publicações que ofendam ou prejudiquem o crédito do país e suas instituições ou a moral;
- o) promover, organizar, patrocinar ou auxiliar manifestações cívicas e festas populares com intuito patriótico, educativo ou de propaganda turística, concertos, conferências, exposições demonstrativas das atividades do Governo, bem como mostras de arte de individualidades nacionais e estrangeiras;
- p) organizar e dirigir o programa de rádio-difusão oficial do Governo;
- q) autorizar mensalmente a devolução dos depósitos efetuados pelas empresas jornalísticas para a importação de papel para imprensa, uma vez demonstrada, a seu juízo, a eficiência e a utilidade pública dos jornais ou periódicos por elas administrados ou dirigidos.

Art. 3º O D. I. P. será constituído de:

- a) Divisão de Divulgação;
- b) Divisão de Rádio-difusão;
- c) Divisão de Cinema e Teatro;
- d) Divisão de Turismo;
- e) Divisão de Imprensa;
- f) Serviços Auxiliares, que são os de Comunicações, Contabilidade e Tesouraria Material, Filмотeca, Discoteca, Biblioteca.

Art. 4º O Presidente da República expedirá, mediante decreto, o Regimento do D. I. P., em que serão especificados as atribuições e distribuição dos trabalhos deste e demais normas reguladoras de suas atividades.

Cria o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) e dá outras providências.

ANEXO F – Decreto-lei nº 1915, de 27 de dezembro de 1939 [continuação].

Art. 5º O D.I.P. será dirigido por um Diretor Geral - padrão R, em comissão, de livre escolha e nomeação do Presidente da República.

Art. 6º Cada Divisão terá um Diretor, padrão P, livremente escolhido e nomeado, em comissão, pelo Presidente da República.

Art. 7º O Diretor-Geral do D.I.P. será substituído, em seus impedimentos ocasionais, por um dos Diretores de Divisão, de sua livre escolha.

Parágrafo único. Quando se tratar de impedimento cuja duração seja superior a trinta dias, o Presidente da República designará o Diretor de Divisão substituto do Diretor Geral.

Art. 8º Os Diretores de Divisão serão substituídos, em seus impedimentos, por outro Diretor de Divisão, para esse fim designado, sem prejuízo de suas funções, pelo Diretor Geral do D.I.P.

Art. 9º O Diretor Geral do D.I.P. designará um funcionário para servir como seu Secretário, o qual terá direito a gratificação de 6:000\$0, além dos vencimentos do seu cargo efetivo.

Parágrafo único. Cada diretor de Divisão designará um funcionário para servir como seu Secretário, que perceberá a gratificação de 4 :800\$0, além dos vencimentos do seu cargo efetivo.

Art. 10. Os Serviços Auxiliares serão orientados e articulados por um chefe, padrão M, nomeado, em comissão, pelo Presidente da República.

Parágrafo único. Cada Serviço Auxiliar terá um Chefe, ao qual caberá a gratificação de 4 :800\$0, além dos vencimentos de seu cargo efetivo.

Art. 11. Os trabalhos do D.I.P. serão executados por funcionários de seu quadro ou requisitados e por extranumerários, admitidos na forma da legislação em vigor.

Art. 12. Fica extinto o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural, do Ministério da Justiça e Negócios Interiores, criado pelo Decreto n.24.651, de 10 de julho de 1934, e, em consequência, no Quadro I do mesmo Ministério, o cargo de Diretor, padrão P, em comissão, da aludida repartição.

Art. 13. O D.I.P. será dotado de uma estação radiofônica e radiotelegráfica.

Art. 14. Ficam transferidas para o D.I.P. as atribuições concernentes à censura teatral e de diversões públicas, ora conferidas a Polícia Civil do Distrito Federal e a que se refere o Capítulo V do Decreto n. 24.531, de 2 de julho de 1934.

Parágrafo único. Ficam incorporadas ao Quadro do D.I.P., a que se refere o artigo 18, deste decreto-lei, a carreira de Censor e um cargo de Censor - Padrão J, do Quadro II, do Ministério da Justiça e Negócios Interiores.

Art. 15. Ficam transferidos para o Quadro do D.I.P. os cargos e funções gratificadas do Quadro I, do Ministério da Justiça e Negócios Interiores, que atendiam ao extinto Departamento de Propaganda e Difusão Cultural.

Art. 16. Fica extinta a Comissão de Censura Cinematográfica, passando suas atribuições à alçada do D.I.P.

Art. 17. Para execução dos serviços fixados neste decreto-lei, o D.I.P. poderá constituir representantes nos Estados e solicitar, quando conveniente, a cooperação das autoridades locais, que não poderão recusá-la.

Art. 18. Fica aprovado o Quadro do D.I.P., anexo ao presente decreto-lei.

Art. 19. Todos os serviços de propaganda e publicidade dos ministérios e quaisquer departamentos e estabelecimentos da administração pública federal, ou de entidades autárquicas criadas por lei, serão feitos pelo D.I.P. com o qual aqueles órgãos manterão ligação permanente.

Cria o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) e dá outras providências.

ANEXO F – Decreto-lei nº 1915, de 27 de dezembro de 1939
[continuação].

Art. 20. Este decreto-lei entrará em vigor em 1 de janeiro de 1940, revogadas as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 27 de dezembro de 1939, 118º da Independência e 51º da República.

GETÚLIO VARGAS.
Francisco Campos.
A. de Souza Costa.
Eurico G. Dutra.
Henrique A. Guilhem.
João de Mendonça Lima.
Oswaldo Aranha.
Fernando Costa.
Gustavo Capanema.
Waldemar Falcão.

Quadro DO D.I.P. A QUE SE REFERE O ART. 18 DO DECRETO-LEI N. 1.915, DE 27-XII-1939

Cargos em comissão

1 Diretor Geral Padrão R
5 Diretor de Divisão Padrão P
1 Chefe dos Serviços Auxiliares..... Padrão M

Cargo efetivo

1 Tesoureiro..... Padrão F

Funções gratificadas

1 Secretário do Diretor Geral..... 6:000\$0 anuais
5 Secretário de Diretor de Divisão..... 4:800\$0 anuais, a cada um
6 Chefe de Serviço..... 4:800\$0 anuais, a cada um
5 Suplente da censura..... 10:800\$0 anuais, a cada um

Cargos extintos quando vagarem

1 Secretário..... Padrão L
3 Chefe de Secção..... Padrão L, em comissão
1 Redator..... Padrão L, em comissão
1 Sub-secretário..... Padrão K
1 Censor..... Padrão J, em comissão
7 Censor Classe I (1)
1 Redator Padrão H
2 Locutor..... Padrão H, em comissão
1 Chefe de Portaria Padrão G
2 Técnicos..... Padrão F

Cria o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) e dá outras providências